

Luciana Guazzelli Soligo

**Entre o Sonho e a Morte:
o cotidiano dos malandros em São Paulo**

(Mestrado em Ciências Sociais)

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2005

Luciana Guazzelli Soligo

**Entre o sonho e a morte:
o cotidiano dos malandros em São Paulo**

(Mestrado em Ciências Sociais)

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Ciências Sociais (Antropologia), sob a orientação da Prof.^a Dra. Márcia Regina da Costa.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo
2005

Banca Examinadora

*“Hey Joe,
Muitos castelos já caíram e você tá na mira
Tá na mira, tá na mira, tá na mira
Hey, hey, hey, hey Joe
Muitos castelos já caíram e você tá na mira
Também morre quem atira.”
(O Rappa, Hey Joe)*

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora, Prof.^a Dra. Márcia Regina da Costa, pelas contribuições teóricas e práticas e pelo apoio em todo o processo que envolveu esta dissertação.

Agradeço à PUC, pela qualidade do ensino, e ao CNPq, pelo apoio financeiro concedido. Agradeço também à Prof.^a Dra. Luzia Baierl e ao Prof. Dr. Carlos Alberto Pimenta pelas valiosas contribuições no exame de Qualificação.

Agradeço, além do mais, a todos e todas que participaram da pesquisa de campo, pelo respeito e pela confiança durante esses anos de convivência. Agradeço, ainda, do fundo do coração, à minha irmã, Marina e à minha mãe, Iara, que me auxiliaram, como em tantas outras vezes, a vencer mais um desafio em minha vida.

Resumo

Esta dissertação busca compreender o cotidiano e o imaginário de um grupo de rapazes, na periferia da Zona Leste de São Paulo, com idades entre 24 e 30 anos, envolvidos em atividades criminais, que se auto-intitulam *malandros*. Da relação muitas vezes contraditória entre a vida cotidiana e o imaginário é que surgiu o título da dissertação – “**Entre o sonho e a morte**” – marcando o conflito existente nas vidas dos malandros entre a dimensão onírica de viver em liberdade e o lado mais cruel da vida, a morte iminente.

Pretende-se compreender a realidade dos jovens envolvidos em atividades criminais a partir de uma perspectiva interna ao problema, buscando trazer à tona suas vozes, seus anseios e sonhos. A pesquisa de campo concentrou-se na realização de entrevistas em profundidade e relatos de observação, fundamentando-se, do ponto de vista teórico, nos trabalhos de Machado Pais, Marc Augé, Alain Touraine e Stuart Hall.

Com relação ao objeto estudado, levantou-se as seguintes hipóteses as quais foram confirmadas pelos resultados da pesquisa de campo: 1) as motivações dos malandros em relação ao ingresso e permanência na criminalidade conectam-se ao processo de constituição de suas identidades, ao papel que assumem em seu bairro de origem, ao imaginário e aos mitos contemporâneos sobre o crime e a liberdade, por eles partilhados; 2) esses rapazes tomam para si a denominação de malandros, por um lado, como uma tentativa de escapar da classificação de delinqüentes/marginais imposta pela sociedade e, por outro, como marco de uma profissionalização da atividade criminal; 3) o cotidiano dos malandros apresenta especificidades em relação à sociedade como um todo, especificidades estas que assumem um caráter de *limiaridade* situando-se no limite entre o legal e o ilegal, entre a juventude e a vida adulta, entre o centro e a periferia.

Abstract

This dissertation searches to understand daily and the imaginary one of a group of youngsters, in the periphery of the Zone East of São Paulo, with ages between 24 and 30 years, involved in criminal activities, that if auto-intitule malandros. Of the relation many times contradictory between the daily life and the imaginary one are that the heading appeared of the dissertation - "Between the dream and the death" - marking the existing conflict in the lives of the malandros between the onírica dimension of living in freedom and the cruellest side of the life, the imminent death.

It is intended to understand the reality of the involved young in criminal activities from an internal perspective to the problem, being searched to bring its voices, its yearnings and dreams. The field research concentrated in the accomplishment of interviews in depth and stories of comment, basing itself, of the theoretical point of view, in the works of José Machado Pais, Marc Augé, Alain Touraine and Stuart Hall.

With relation to the studied object, one are the following hypotheses which had been confirmed by the results of the field research: 1) the motivations of the malandros in relation to the ingression and permanence in crime connect it the process of constitution of its identities, to the paper that assume in its quarter of origin, to imaginary and myths the contemporaries on crime and freedom, shared by them; 2) these youngsters take for itself the denomination of malandros as an attempt to escape of the classification of delinqüentes/marginais imposed by the society, on the other hand and for another one, as landmark of a professionalization of the criminal activity; 3) the daily one of the malandros presents especificidades in relation to the society as a whole, especificidades these that assume a limiaridade character placing itself in the limit between legal and the illegal one, between youth and the adult life, between the center and the periphery.

Índice

Introdução.....	2
Capítulo I: Viver na Malandragem.....	17
- Malandros X Malandros: uma diferenciação necessária.....	17
- Ser malandro hoje: um auto-retrato.....	24
- Por que Malandro?.....	32
Capítulo II: O cotidiano dos Malandros.....	48
- Nos limites da cidade: um cotidiano “marginal”.....	49
- A violência diária.....	58
- Revelando os “nós de inteligibilidade”.....	65
Capítulo III: Vida Cotidiana e Imaginário.....	80
- Sobre o imaginário.....	80
- Em compasso de espera: a questão do tempo.....	84
- O flerte com a morte: problematizando as identidades.....	89
- A liberdade.....	98
Percorrendo os “labirintos de vida”.....	109
Bibliografia Consultada.....	121
Anexo A – Trecho da Ópera do Malandro	124
Anexo B – Periódicos consultados para a Pesquisa.....	126
Figura 1 – Mapa do Município de São Paulo.....	128
Figura 2 – Mapa da Vulnerabilidade Juvenil).....	129
Tabela 1 – Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS).....	130
Tabela 2 – Mulheres Responsáveis pelo Domicílio.....	131
Tabela 3 – Responsáveis pelos Domicílios (10 a 29 Anos).....	131
Tabela 4 – Responsáveis com Renda até 3 Salários Mínimos.....	132
Tabela 5 – Crianças de 0 a 4 Anos no Total de Residentes.....	132

Introdução

A presente dissertação busca entender um grupo de malandros, rapazes envolvidos em assaltos, mas também atuando no ramo das lotações. Malandro – palavra inicialmente usada para designar um personagem¹ da realidade brasileira, com algumas especificidades – foi, ao longo dos anos, usada em muitas ocasiões e aplicada a diferentes pessoas, distanciando-se muitas vezes, de seu caráter original. O malandro, que é o interesse desta pesquisa, está muito distante deste personagem carioca, não só no tempo e no espaço, como nas atitudes e na visão de mundo. Não é mais o samba ou a navalha que compõem sua identidade, agora é o Rap e o revólver.

Estes malandros praticam atividades criminais, mas não têm como única fonte de renda o dinheiro obtido nos assaltos, pois são donos de linhas de lotação regulamentadas em que empregam funcionários e pagam os impostos devidos. O interesse pelo tema deveu-se, primeiramente, pela necessidade de buscar respostas para a criminalidade e a violência que estejam além daquelas associadas exclusivamente à busca do lucro. Dessa forma, não se pode analisar este problema apenas do ponto de vista estatístico, é preciso voltar um olhar mais atento ao universo de quem vivencia esse universo. As trajetórias de vida das pessoas envolvidas em atividades criminais, como a de todas as pessoas, são uma complexa trama de relações, conectadas à sociedade como um todo.

“(...) tornar o econômico o fator determinante ou a pobreza a explicação de fatos que, como todos os outros fatos sociais, são coisa e representação, coisa e ideal ao mesmo tempo, sempre foi a maneira mais pobre de explicar qualquer um deles. (...) A metáfora do fio da meada deve ser substituída pelos padrões de uma complicada e variada tessitura que, como o tapete de Penélope, nunca termina. São os entrecruzamentos dos fluxos que precisamos deflagar.” (ZALUAR, 1999: 93)

¹ É o esperto, o astuto, morador dos morros do Rio de Janeiro, freqüentador da Lapa, desde as primeiras décadas do Século XX, mas, sobretudo, nas décadas de 1940 e 1950, que com sua navalha e sua malícia ganhava a vida e se defendia dos inimigos e da polícia. A diferenciação entre esse malandro e o malandro tratado pela presente dissertação será abordada mais adiante.

Partindo desta perspectiva, pretende-se estudar os “*padrões*” desta complicada “*tessitura*” que constitui a vida destes malandros. Além disso, busca-se romper com a já tradicional idéia de que a pobreza gera a criminalidade e a violência, pois isso resultaria em mais uma forma de discriminação para as pessoas oriundas das classes menos favorecidas. Associar o crime e a violência única e exclusivamente à pobreza seria desconsiderar uma gama de fatores que envolvem o cotidiano destes rapazes, bem como ignorar todos os crimes e manifestações de violência realizados por membros das camadas médias e mais abastadas da sociedade.

A referência que se faz aqui ao malandro (e não ao criminoso ou ao marginal) deveu-se à freqüência com que os rapazes pesquisados se referiam à malandragem, ao “ser malandro” para se diferenciarem dos outros. Isso revelou para a pesquisadora que a realidade da periferia da Zona Leste de São Paulo era muito mais complexa do que imaginava. Abriu um universo com diferenciações e identificações que iam para além da cor e do dinheiro.

De modo geral, esta porção da cidade de São Paulo (o extremo leste) apresenta altos índices de desemprego e violência, baixa escolaridade, além de uma situação bastante crítica no que se refere à juventude. Não se pode desprezar na pesquisa este contexto sócio-econômico que representa um universo de poucas possibilidades de ascensão e mudança para aqueles que estão “começando a vida”, já que a realidade do desemprego e do emprego mal remunerado é bem próxima. “Ser malandro” representaria uma possibilidade de ascensão econômica e, sobretudo, social neste meio.

Como toda pesquisa de campo na área das Ciências Sociais, definir os objetivos em relação ao tema abordado é uma tarefa imprescindível, mas nem sempre fácil. Sobretudo no que se refere a um tema com implicações mais que teóricas como este. Em muitos momentos, no decorrer da pesquisa, o simples fato de conseguir conversar com os sujeitos pesquisados demandava um grande esforço.

Analisar a criminalidade requer uma série de cuidados e implica também numa série de dificuldades que permeiam o trabalho do pesquisador. No presente caso, não foi diferente. Como os rapazes entrevistados foram contatados fora do ambiente carcerário, que é o que ocorre na maioria das

pesquisas² sobre este tema, o risco em relação à realização da pesquisa tornou-se grande, sobretudo pelo fato de que eles estavam sendo procurados pela polícia.

Além dos impedimentos práticos, no campo da produção acadêmica, foram poucos os trabalhos encontrados que se aproximavam do universo estudado. Ou as pesquisas eram realizadas no ambiente carcerário (uma realidade vivida pelos criminosos totalmente diferente dos rapazes pesquisados, portanto, implicando outras considerações metodológicas), ou tratavam de criminosos com “ramos de atuação” diferentes (também implicando diferentes formas de se relacionarem entre si e com a atividade criminal)³.

O grupo analisado, cerca de 15 rapazes, atualmente com idades entre 23 a 30 anos, pode ser encarado como pertencente à categoria de adultos jovens. Esta é uma categoria intermediária, entra juventude e a vida adulta, que compreende não só o quesito idade, mas também um estilo de vida. Os adultos jovens seriam aqueles que já têm uma relativa emancipação, ligada à vida adulta, mas mantêm estilos de vida associados à juventude. O próprio conceito de juventude traz várias implicações, pois essa classificação implica em desdobramentos que vão além da classificação por idade, podendo ser entendida como *uma construção social e cultural* (Levi & Schimitt, 1996). Para estes autores, não é possível estabelecer uma definição estável e concreta do que é a juventude, justamente pelo “*seu marcado caráter de limite*” (op. Cit., p.8). É uma situação transitória, entre a infância e a fase adulta que só pode ser explicada em profundidade se analisada através das relações sócio-culturais em cada sociedade em particular.

² Dentre outras pode-se citar: RAMALHO, J. R. **Mundo do crime: a ordem pelo avesso**. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.; PAIXÃO, A. L., **Recuperar ou punir? - Como o estado trata o criminoso**, São Paulo, Cortez Editora, 1987.; BRANT, V. C., **O trabalho encarcerado**, Rio de Janeiro: Forense, 1994.; LEMGRUBER, J. **Cemitério dos vivos : análise sociológica de uma prisão de mulheres**, Rio de Janeiro : Achiamé, 1983.; COELHO, E. C. **A oficina do diabo: crise e conflitos no sistema penitenciário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro : Espaço e Tempo/IUPERJ, 1987.; CELEM, R. **As relações sociais em prisão de tipo semi-aberta: uma experiência em Serviço Social**, São Paulo: Cortez, 1983.

³ Como exemplo de obra que trata do ambiente carcerário, pode-se citar, dentre outras, a dissertação de FONSECA, Mario (2002), que descreve, em profundidade, a realidade vivida pelos detentos do Pavilhão 8 no Carandiru. Outras contribuições válidas para a pesquisa foram as obras de ZALUAR (1999), que concentra sua análise no tráfico de drogas, atividade que não faz parte do cotidiano dos malandros pesquisados; D'ALLEVEDO (2000), que trata do universo dos justiceiros; e, BARREIRA, C. (1998) que analisa a pistolagem.

“(...) os indivíduos não pertencem a grupos etários, eles os atravessam. É justamente o caráter essencial de limiaridade, típico da juventude, conjugado com a maior ou menor brevidade da passagem pela condição de jovem, que caracteriza em última análise (porém de maneira diversa nas diferentes sociedades), a juventude, determinando tanto as atitudes sociais, a atitude dos “outros” no seu confronto, quanto a visão que os jovens têm de si mesmo.”(LEVI & SCHIMITT, 1996: 8/9)

Esse caráter de limiaridade, fortemente presente na vida dos jovens de maneira geral, é ainda maior na vida desses malandros, devido à sua situação de criminosos, já que a inconstância e a incerteza são fortes marcos em seu cotidiano, eles transitam entre dois mundos – o legal e o ilegal – com regras distintas, mas interconectados. Também estão muito próximos do perigo da morte e da prisão. Essa sensação de vulnerabilidade que envolvia os rapazes, também influenciou, em certos momentos, o próprio andamento da pesquisa, pois se tornava difícil expor certos dados da pesquisa sem romper o pacto de sigilo entre a pesquisadora e os pesquisados.

O pacto de sigilo consistiu em não revelar algumas informações que poderiam identificá-los: seus nomes, o bairro onde foi realizada a pesquisa, o lugar atual de moradia e detalhes de suas atividades criminais. É importante deixar claro que o interesse desta pesquisa está relacionado, principalmente, ao cotidiano, às diferentes formas de sociabilidade e ao imaginário dos malandros, ficando em segundo plano as especificidades das atividades criminais que praticam.

Ao longo da pesquisa, esteve sempre presente a pergunta: seria possível uma sociedade se organizar no âmbito totalmente legal? Ou o inverso também poderia ser aplicado, esses rapazes ou as pessoas envolvidas na criminalidade de modo geral poderiam viver em um universo mergulhado totalmente na ilegalidade, descolado da sociedade normativa?

Apesar das dificuldades e dos retrocessos, tanto do ponto de vista teórico, como na realização da pesquisa de campo, o presente estudo orientou-se por algumas questões-chave, constituindo-se em três hipóteses que serviram de base para todo o andamento da pesquisa. A primeira refere-se às motivações dos malandros em relação ao ingresso e permanência na criminalidade. Devido a grande complexidade dos contextos sociais e dos

indivíduos, não se pode limitar qualquer experiência humana a uma simples relação de causa e consequência. Apesar do fator econômico ser importante, há também outras forças em jogo, dessa forma, a criminalidade não poderia ser entendida como consequência exclusiva da pobreza. A primeira hipótese, portanto, é que as motivações conectam-se ao processo de constituição da identidade dos malandros, ao papel que assumem em seu bairro de origem, ao imaginário e aos mitos contemporâneos que têm em relação ao crime.

A segunda hipótese é a de que esses rapazes tomam para si a denominação de malandros, por um lado, como uma tentativa de escapar da classificação de delinquentes/marginais imposta pela sociedade. Por outro, como uma profissionalização da atividade criminal. Esses dois aspectos operariam como uma inversão de valores, retirando o conteúdo negativo associado ao criminoso/marginal.

A terceira hipótese diz respeito ao próprio cotidiano dos malandros. Busca-se verificar se este cotidiano apresenta especificidades em relação à sociedade como um todo, especificidades estas ligadas a um caráter de limiaridade, ou seja, os malandros estão no limite entre o legal e o ilegal, entre a juventude e a vida adulta, entre a ordem e a desordem, entre o centro e a periferia da cidade.

“Em Antropologia, os estados de liminaridade são estados de ‘margem’, isto é, marginais – como marginais parecem ser muitas condutas juvenis. Dessas margens irrompem brechas intersticiais das ordens institucionais (as valetas ou bermas que separam os caminhos dos desvios). Mas essas brechas entre os jovens não são esporádicas, fortuitas ou isoladas. (...)Essas brechas intersticiais podem coexistir com as ordens institucionais ou, então, fazê-las desmoronar. São fronteiras que não demarcam propriamente ‘territórios de passagem’, antes se constituindo em territórios de permanência.” (PAIS, 2001, p.83)

Esta dissertação procura, justamente, situar-se nesse espaço de “margem”, de “fronteira”, termo utilizado pelo autor. Retomando Pais, a vida dos malandros poderia representar, por si só, uma situação de “fronteira” entre vários aspectos do social.

Pretende-se compreender a realidade das pessoas envolvidas em atividades criminais a partir de uma perspectiva interna ao problema, tentar

trazer à tona suas vozes, seus anseios e sonhos. Esta perspectiva apóia-se teoricamente nas considerações de Pais (2001, 2003), em relação ao cotidiano dos jovens, que apresentam trajetórias de vida “labirínticas”, em que a inconstância e as incertezas são via de regra.

“Como pode a sociologia da juventude dar conta destas novas realidades, senão a partir da crítica do conceito de transição linear, circunscrita a uma sucessão progressiva de etapas identificáveis e previsíveis em direcção direta à fase adulta? (...) Ora, os jovens vivem predominantemente numa espacialidade antropológica que é fractal por natureza, dando guarida ao mítico, ao sonho, ao desejo, à ilusão, ao inesperado, ao indefinido, ao enigmático, à indeterminação.” (PAIS, 2001: 11)

O objetivo central visa, portanto, compreender suas contradições, seus sonhos, seu código moral próprio e as formas de sociabilidade e de constituição de identidades em um contexto globalizado. Estes múltiplos aspectos, assim sendo, configuram seu universo cultural. São três os objetivos específicos que nortearão os capítulos da dissertação.

O primeiro é compreender qual o significado de ser malandro para eles, a relação e constituição do grupo como tal, além do papel no contexto social em que estão inseridos. Esta questão está intimamente ligada ao problema ético/moral em relação aos criminosos, à própria visão que comumente se tem deles. Há, muitas vezes, um discurso de demonificação dessas pessoas, que, por cometerem atos violentos e desumanos, são também desumanizadas por inteiro. A presente pesquisa, longe de cair em relativismos, pois acredita-se que o valor da vida humana deve ser preservado acima de tudo, não poderia ficar atada à uma visão dicotômica da realidade, em que se dividem as pessoas em boas e más. Tal visão limitaria o alcance da pesquisa. Percebeu-se, desde o começo, que esses mesmos rapazes que já praticaram atos terríveis, contrariando a lei e a moral, também têm vidas que, em muitos aspectos, seguem os padrões considerados dentro das normas em nossa sociedade.

O segundo objetivo específico constitui-se na análise do cotidiano dos malandros: sua relação com o bairro de origem, a violência diária, além das várias formas de sociabilidade. Já o terceiro objetivo é compreender o processo

de constituição das identidades, compreender seu imaginário e o papel que certos mitos contemporâneos assumem em suas vidas.

Esta dissertação norteou-se por algumas categorias fundamentais para a análise do objeto de estudo. A primeira categoria é a noção de grupo, já que a pesquisa de campo concentrou-se na análise de um grupo de malandros específico e não na malandragem de forma geral. É imprescindível, portanto, esclarecer a importância e o poder que os grupos emanam. Martin-Baró (1989) define os grupos humanos como uma estrutura de vínculos e relações entre as pessoas que canaliza suas necessidades individuais e/ou os interesses coletivos. Ou seja, o grupo é encarado por este autor como uma totalidade, não como um amontoado de indivíduos, pertencer a um grupo pressupõe vínculos e relações específicos. A especificidade do grupo também reside na relação que ele tem com um determinado espaço e uma determinada época. Um aspecto extremamente importante na definição de Martin-Baró (1989) é o fato de que o grupo tem um movimento complexo de confluência de interesses coletivos e individuais.

No caso dos malandros pesquisados, esta característica é bem marcante. Pertencer à malandragem traz certos benefícios aos indivíduos que a compõem: um certo status, uma forma de poder. Ao mesmo tempo que para o grupo, é fundamental a adesão de todos os membros. A existência e a sobrevivência deste grupo, em especial, somente foram possíveis devido ao estabelecimento de laços de fidelidade e de companheirismo.

Para se definir a natureza de um grupo, segundo este autor, há três categorias fundamentais: a identidade do grupo, o poder do grupo e seu significado social. Percebe-se que o caminho percorrido por esta pesquisa procurou, entre outras coisas, responder a estas três perguntas. Qual a identidade do grupo, o que é ser malandro? Qual o poder que exercem na comunidade? E qual o seu significado social, tanto para os integrantes (interno) como para a sociedade (externo).

É fundamental para a compreensão do objeto de análise situá-lo no âmbito das transformações macrossociais. Como foi apontado logo no início desta Introdução, este malandro difere em muito do malandro do início do século. Acredita-se que as diferenças estão associadas a uma nova conjuntura

do capitalismo: a acumulação flexível (HARVEY, 1998) e o consumismo (BAUMAN, 1999).

O “mundo do crime”⁴ representa para eles mais do que uma forma de ganhar dinheiro, representar um papel significativo na constituição de suas identidades. Nesta perspectiva, toma-se por base as contribuições de Hall (2004) que trata da fragmentação das identidades na pós-modernidade. Ser malandro para os rapazes pesquisados constitui um traço importante traço na definição que eles têm de si mesmos e de que como os outros os vêem. Pertencer à malandragem, para eles, implica em exercer um poder na comunidade, no bairro do qual faz parte. O malandro é uma figura de destaque.

Para se entender as diferentes formas de sociabilidade deste grupo, tomou-se a categoria de cotidiano definida por PAIS (2003). Segundo este autor, o cotidiano não pode ser tomado como parte isolável do social, constitui-se em uma “*rota de conhecimento*” (op. Cit., p.31). Nessa perspectiva, estudar o cotidiano dos malandros é buscar compreender não apenas como é a vida desses rapazes, no dia-a-dia, mas, principalmente, é entender como essas vidas estão entrelaçadas com a vida de outras pessoas, influenciando e sendo influenciados por questões mais amplas, ou seja, entender como esse microcosmo está conectado com a trama social.

Um dos aspectos importantes do cotidiano dos malandros é a questão da violência. Toma-se aqui a definição de violência elaborada por MICHAUD (1989) que dá conta da complexidade desta questão, pois abarca, além das noções de violência física e moral, os danos referentes à participação simbólica e cultural. A violência, no caso dos malandros, está presente tanto na execução de seus atos criminosos como na forma de imposição da força perante os que o cercam.

Outra categoria importante para esta dissertação é a questão do imaginário dos malandros em relação ao crime. Para compreender a relação que se estabelece entre este imaginário e a vida cotidiana dos rapazes pesquisados, será abordada a concepção de Marc Augé (1998). Para este autor, o imaginário pode ser dividido em três pólos em constante relação: o

⁴ A expressão “mundo do crime” é colocada entre aspas, pois não se trata de um mundo à parte; esta expressão apenas designa o universo das ações ilegais e criminosas.

imaginário e memória individuais (IMI), o imaginário e memória coletivos (IMC) e o pólo da criação-ficção (CF). Esta concepção dá conta da complexidade de elementos que compõem o imaginário, abrangendo aspectos como a memória, o mito, o sonho, a fantasia, bem como um caráter de fluidez e equilíbrio.

Um traço importante presente no imaginário destes malandros é a busca constante pelo risco. Nas sociedades complexas, há um vazio simbólico decorrente da ausência de rituais definidos coletivamente para o estabelecimento dos papéis sociais ou da passagem da infância para a vida adulta. Ao encontro deste problema, Le Breton (2000) afirma que a busca pelo risco e a delinquência são ações que dizem respeito a *uma busca de identidade fazendo apelo ao último limite, quer dizer, à morte e os limites sociais, isto é, a força da lei*” (op. Cit., p.122). Esse processo, segundo o autor, abarca sobretudo a juventude, que mais sofre com esse universo de individualidades fragmentadas.

Viver na malandragem pode remeter, também, à idéia de um modo de vida mais livre, em comparação ao modo de vida voltado ao mercado de trabalho. Dessa forma, procurar-se-á entender a idéia que os rapazes têm em relação à liberdade. A liberdade é entendida aqui como uma categoria de análise que abarca tanto sua dimensão prática e cotidiana – segundo Touraine (1999), a liberdade é um dos princípios norteadores da democracia. Como sua dimensão onírica, o imaginário associado ao crime remete a um mundo sem regras ou restrições (MORIN, 1981).

Da relação muitas vezes contraditória entre a vida cotidiana e o imaginário é que surgiu o título da dissertação – **“Entre o sonho e a morte”** – marcando o conflito existente nas vidas dos malandros, resultante da dimensão onírica de viver em liberdade entrando constantemente em choque com o lado mais cruel da vida, a morte iminente.

Dessa forma, apesar de se tratar de um grupo pequeno, localizado em uma determinada região da cidade de São Paulo, está conectado a questões maiores, presentes na sociedade como um todo, tais como a violência, o consumismo, a acumulação flexível, o processo de fragmentação das identidades.

Metodologia

A pesquisa constituiu-se em três pontos convergentes: no levantamento e análise de obras relacionadas ao tema, na análise de jornais e na realização da pesquisa de campo (observação e entrevistas).

As obras analisadas foram escolhidas em relação a suas contribuições tanto teóricas como práticas⁵. Buscou-se aprofundar o conhecimento em relação às categorias de análise, levantando as questões que trouxessem novas luzes para o entendimento da realidade vivida por estes rapazes.

Dessa forma, priorizou-se nesta dissertação um enfoque que não fosse reduzido somente às atividades criminais propriamente ditas, abarcando aspectos que envolviam o cotidiano e o imaginário dos malandros. Também a análise da produção acadêmica, no que concerne à violência e à criminalidade, proporcionou informações preciosas para o andamento da pesquisa. Este aprofundamento foi fundamental para a elaboração dos roteiros de pesquisa e para a percepção do levantamento de dados da observação em campo.

A fim de preencher algumas lacunas que se tornaram visíveis durante a realização da pesquisa de campo, foi realizado um levantamento de matérias de jornais, relacionadas aos temas do universo do transporte coletivo alternativo (lotações), da corrupção policial e das práticas de violência em assaltos. Também procurou-se analisar dados estatísticos sobre a criminalidade e a violência, além de indicadores sócio-econômicos, com a finalidade de contextualizar e comparar os dados obtidos pela pesquisa de campo.

A observação do grupo e as entrevistas foram realizadas durante os anos de 2002, 2003 e o primeiro semestre de 2004. O local de realização da pesquisa de campo está situado no extremo leste da cidade de São Paulo, mas não pode ser precisado devido ao acordo de sigilo entre a pesquisadora e os pesquisados. O convívio com estes rapazes era feito em uma residência

⁵ Como contribuições para a prática da pesquisa, pode-se citar: BARREIRA, C. (1998). **Crimes por encomenda: violência e pistolagem no Cenário Brasileiro**, Rio de Janeiro: Relume Dumará.; D'ALLEVEDO, S. M. C. (2000). **Justiceiros: "Fé cega, faca amolada"**, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.; FONSECA, M. (2002). **Cartografia das Resistências: uma análise antropológica do Pavilhão Oito da Casa de Detenção de São Paulo**, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.; PEIXOTO, B. T., LIMA, R. S. e DURANTE, M. O. *Metodologias e criminalidade violenta no Brasil*. IN **Revista São Paulo Perspectiva**, Mar 2004, vol.18, nº 1, p.13-21.; ZALUAR, Alba (1999) *A Globalização do Crime e os limites da explicação local* IN SANTOS, José Vicente Tavares dos (org.), **Violência em Tempo de Globalização**, São Paulo: Hucitec, p.91-101.

particular de uma pessoa conhecida por ambas as partes envolvidas. A identidade desta pessoa, bem como dos rapazes pesquisados, não podem ser reveladas. Para tanto, foram alterados os nomes que aparecem nos relatos de observações e nos trechos de entrevistas.

No que se refere à pesquisa de campo, tomou-se, para fins metodológicos, as contribuições de Pais (2003) e Barreira (1998). Para Pais, o estudo de caso é um procedimento metodológico extremamente válido para compreender a realidade social, pois são nos detalhes da vida cotidiana que se encontram as explicações concernentes à complexidade do real.

“A valorização da parte não significa necessariamente um equívoco de metonímia em que o todo é tomado pela parte, muito menos quando a parte é tomada como uma simples metáfora do todo.”
(PAIS, 2003: 68)

O estudo desse grupo de malandros é encarado pela pesquisa como um estudo de caso. Visto que, nas especificidades do cotidiano destes adultos jovens, podem surgir elementos para o entendimento da criminalidade e da violência.

A observação resultou na elaboração de relatos. O relato pode ser encarado como um recurso para captar os múltiplos aspectos desta realidade conflituosa dos malandros.

“A narração é um método, um caminho (odos) vasto e comum para chegar na realidade de qualquer coisa. Um caminho escuro que se vai clareando à medida que se vai fazendo, Isto é, à medida que o percorremos, porque ‘andando se faz o caminho’, como dizia o poeta António Machado.”(PAIS, 2003: 64)

Os relatos foram, dessa forma, um recurso muito utilizado pela pesquisa para retratar aspectos importantes do cotidiano dos malandros que não poderiam ser apreendidos somente com as entrevistas.

O grupo de malandros pesquisado é formado por cerca de 15 rapazes, com idades que variam de 23 a 30 anos. O número de integrantes do grupo não pode ser estabelecido de maneira exata, visto que alguns se afastaram, outros se aproximaram durante o período de observação. Desse grupo, oito rapazes nasceram e tem família no bairro onde foi realizada a pesquisa de

campo. Foram realizadas entrevistas com 6 malandros e um ex-malandro, sendo estes os rapazes que estavam mais presentes, antigos moradores deste bairro, que estabeleceram vínculos de confiança e empatia com a pesquisadora. Também foram realizadas entrevistas com seis moradores que tinham ligação com o grupo: dois rapazes e quatro mulheres, sendo uma delas esposa de um malandro.

O tema por sua natureza e complexidade trouxe algumas implicações para o andamento da pesquisa. Primeiro, quanto à sua natureza, tratando-se de pessoas que se envolvem em atividades criminais, a pesquisadora procurou tomar cuidados especiais tanto em relação aos próprios pesquisados, como em relação à polícia. Desde o início, ficou bem claro que o objetivo da pesquisa nunca foi levantar dados diretamente ligados às atividades criminais praticadas por eles. O interesse, justamente, esteve nos outros aspectos de suas vidas.

Por insistência deles, as conversas foram informais, não foram gravadas e as anotações foram feitas em lugar reservado para não despertarem curiosidade nas pessoas do bairro. Estas anotações eram realizadas logo em seguida, em um local reservado como o banheiro, por exemplo, resultando numa verossimilhança em relação às suas falas.

Os problemas com relação à pesquisa de campo surgiram desde o início. O acordo de se realizar a pesquisa foi acertado tendo em vista algumas imposições já expostas acima, sem gravações ou anotações em local público, além de suas identidades preservadas, como também manter em segredo o bairro de moradia atual e o local que freqüentavam, onde a pesquisa foi realizada.

A grande dificuldade a ser enfrentada foi a inconstância das entrevistas. Algumas tentativas de realizá-las em um local “neutro”, longe do olhar curioso das pessoas da comunidade foram fracassadas, já que eles não compareceram. Encontrá-los já era por si só tarefa difícil, pois não quiseram manter contato por telefone para não estabelecerem nenhum vínculo com a pesquisadora que pudesse, eventualmente, trazer conseqüências para ambas às partes.

Em relação às entrevistas, as contribuições de Barreira (1998) também foram muito importantes, devido às semelhanças entre ambas pesquisas de campo, já que o autor entrevistou pistoleiros. Algumas questões que o autor

expõe também foram levadas em conta na presente pesquisa, tais como o problema moral:

“Um deles, o principal, era como trabalhar um objeto fortemente marcado por questões morais e de honra. Mesmo tendo a consciência de que um dos objetivos centrais da sociologia é compreender o código e a moralidade de outros grupos, como incluir na análise códigos que não se apóiam nos valores básicos da sociedade sem “cair” em um relativismo absoluto, em que tudo é explicado e justificado?” (BARREIRA, 1998, p.20)

Essa questão, em alguns momentos, levou a impasses na análise dos resultados da pesquisa, certas ações violentas desses rapazes, que acabavam transparecendo nas entrevistas, chocavam por sua atrocidade. Outro aspecto levantado pelo autor que muito se aproximou com a realidade da presente pesquisa foi a relação ambígua entre medo e empatia durante a realização das entrevistas:

“Na relação sujeito investigador e sujeito investigado, estava presente o problema do medo e da empatia. O medo não era só físico mas, principalmente, de que uma palavra, uma pergunta mal colocada ou vista como tal, quebrasse o elo que estava sendo construído; um elo que tinha consciência de que era frágil, mas que pela “raridade de conquistas” não deveria ser desfeito. A empatia, quando era percebida ou verbalizada, possibilitava momentos prazerosos do “fazer pesquisa”. Era o instante da descontração; ocasião propícia para o pesquisador achar-se com o direito e encorajado para perseguir “a verdade” do pesquisado.” (BARREIRA, 1998, p.27)

A relação de empatia que se estabeleceu entre a pesquisadora e os pesquisados tornou a pesquisa possível, de outra forma, ela teria acabado antes mesmo de começar, pois as batidas policiais, que foram tornando-se cada vez mais freqüentes, fruto de denúncias de pessoas do convívio próximo destes rapazes, dificultaram grandemente o contato.

A convivência com estes rapazes acabou levando a uma proximidade e estabeleceu laços afetivos, de modo que dificultou, em certos momentos, a análise crítica dos dados obtidos pela pesquisa de campo. Como exemplo, a morte de Fábio, que era um dos rapazes mais próximos e participativos, acabou criando um bloqueio temporário. Esta empatia teve, então, que ser

dosada de um certo distanciamento por parte da pesquisadora para manter o grau de objetividade necessário para a análise dos dados.

A dissertação está dividida em três capítulos e conclusão:

Capítulo I: Viver na Malandragem

Este capítulo concentra a análise na caracterização do próprio objeto da pesquisa: os malandros. Esta caracterização será feita através de três aspectos básicos: a diferenciação dos malandros do início do século e dos malandros de hoje, ressaltando as transformações ao longo destas décadas que marcaram o caráter da nova malandragem; algumas das implicações econômicas da atividade criminal; e, a importância de ser malandro no âmbito das identidades fragmentadas. Através dos relatos e da fundamentação teórica, pode-se esclarecer alguns aspectos importantes que compõem este personagem, bem como a relação estreita com questões de vital importância: as novas formas de controle, o consumismo, o processo de fragmentação das identidades.

Capítulo II: O cotidiano do Malandro

A inserção e a permanência no mundo do crime também não pode ser entendida exclusivamente pelo viés econômico, ser malandro implica em uma relação especial com a comunidade a que pertence, cria certos laços com os moradores, uma relação de dependência mútua. Estudar o cotidiano (Pais, 2003) dos malandros é buscar compreender não apenas como é a vida desses rapazes, mas, principalmente, é entender como essas vidas estão entrelaçadas com a vida de outras pessoas, influenciando e sendo influenciados por questões mais amplas, ou seja, entender como esse microcosmo está conectado com a trama social.

Capítulo III: Vida Cotidiana e Imaginário

Este capítulo concentrará a análise nas questões referentes ao imaginário dos malandros e sua relação com a vida cotidiana que envolve a criminalidade. Este capítulo irá tratar de alguns aspectos que tornam o crime sedutor para os malandros como a busca pelo lazer, o prazer pelo risco e o desejo de liberdade. Estas questões não são específicas deste grupo de

rapazes, pelo contrário, fazem parte de toda a sociedade, permeiam nossos imaginários e nos impelem a alcançá-las. Estas considerações buscam, em confluência com os temas tratados nos dois primeiros capítulos, dar conta de duas das hipóteses levantadas inicialmente, tanto no que se refere às motivações para a permanência no “mundo do crime”, como na especificidade de seu cotidiano.

Percorrendo os “labirintos de vida”

Nesta parte final da dissertação, serão retomados os principais aspectos abordados nos três capítulos, refletindo-se sobre as contribuições desta pesquisa para a compreensão da violência e da criminalidade.

Nos capítulos que se seguem, pretende-se dar conta das três hipóteses levantadas, apoiando-se nas categorias de análise já explicitadas e nas informações coletadas pela pesquisa de campo.

Capítulo I

Viver na Malandragem

O presente capítulo concentra a análise na caracterização do próprio objeto da pesquisa: os malandros. Esta caracterização é feita através de três aspectos básicos: a diferenciação dos malandros do início do século e dos malandros de hoje, ressaltando as transformações ao longo destas décadas que marcaram o caráter da nova malandragem; algumas das implicações econômicas da atividade criminal; e, a importância de ser malandro no âmbito das identidades fragmentadas. Através dos relatos e da fundamentação teórica, pode-se esclarecer alguns aspectos importantes que compõem este personagem, bem como a relação estreita com questões de vital importância: as novas formas de controle, o consumismo, o processo de fragmentação das identidades.

Malandros X Malandros: uma diferenciação necessária

Quando se fala em Malandro e viver na Malandragem, inevitavelmente, remete-se a um número de imagens e associações ligadas ao nosso passado. Apesar da presente dissertação não ter como objetivo central um trabalho comparativo entre os malandros que se fizeram presente desde a primeira metade do Século XX e os malandros da atualidade, não se pode ignorar que este termo foi resgatado e ressignificado por jovens em um contexto histórico e social completamente distinto.

O malandro começou a marcar presença no cenário carioca desde as décadas de 20 e 30, no centro do Rio de Janeiro, tornando-se sinônimo da bandidagem. Este malandro contrapunha-se, sobretudo, ao trabalhador de carteira assinada, dentro de um contexto em que o capitalismo no Brasil consolidava suas bases industriais na primeira metade do século XX. Nesta época, o modelo capitalista vigente era o fordismo que implicou em uma série de práticas de controle do trabalho e da produção, tais como a imposição rígida dos horários de entrada e saída, a divisão do trabalho em linhas de produção, afetando profundamente a vida dos trabalhadores nas fábricas e indústrias. Dessa forma, viver na malandragem poderia ser uma forma de fugir deste universo rotinizado e opressivo.

Esteticamente, o traje do malandro era o terno branco de linho, sapato de couro de cobra, chapéu de veludo. Suas armas: a astúcia e a navalha.⁶ Este personagem também foi sempre encarado como mulherengo, com seu amor violento e ciumento, muito bem retratado em sambas como o de Ary Barroso⁷. O samba sempre foi sua vazão artística. Segundo José Miguel Wisnik⁸, a malandragem da 1ª metade do Século XX pode ser encarada como:

“(...) um traço cultural associado ao samba, que consiste numa espécie de disponibilidade boêmia, da parte do sambista, que o coloca num lugar entre o mundo do trabalho, do ócio e da pequena transgressão, sem que ele possa ser identificado plenamente com nenhum desses lugares sociais”.(op. Cit., p.1)

Esse malandro é definido pelo autor como aquele que não tinha emprego regular, resistia ao mundo do trabalho, embora, tivesse que realizar algum tipo de atividade remunerada ocasionalmente. Contrapunha-se ao "otário", vítima ingênua das suas artimanhas. Tornou-se personagem principal dos sambas das décadas de 20 e 30, constituindo-se numa espécie de "cidadão irrisório' irônico e auto-irônico", que, mesmo fazendo parte da porção desprivilegiada da população, desprezava tudo que representava a elite.

Com o surgimento das favelas, os malandros encontraram um território livre, distante do controle policial. Segundo Misse (1999), na década de 50, o malandro tornou-se sinônimo de esperto, afastando-se um pouco da conotação de marginal e, na década de 60, o termo se generalizou, sendo aplicado a qualquer astuto, político, comerciante, etc.

Chico Buarque, em sua clássica obra – Ópera do Malandro – trata do malandro boêmio, de sua decadência e do surgimento desta categoria de malandros, associados à corrupção, sobretudo da corrupção policial, do jogo entre o aparato oficial e a bandidagem. A **Ópera do malandro** foi lançada em 1978, no Rio de Janeiro, numa época em que a poética de Chico Buarque estava "afiadíssima". Esta obra pode ser encarada como uma resposta à

⁶ Disponível em www.favelatemmemoria.com.br em 04/05/2005, artigo “Os Barões da Ralé”, de Marcelo Monteiro

⁷ “O meu desprezo é só louco ciúme/De ti não tenho mágoa nem queixume/Pancada que te dou me dói também/Porque gosto de ti e mais ninguém.” Ary Barroso, 1933, disponível em <http://www.swi.com.br/~jcp200/malandragem.htm>.

tentativa frustrada de montar outro musical, **Calabar**, sufocado pela censura do regime militar.

Mais do que uma crítica à corrupção, a Ópera do Malandro traça o “*círculo vicioso da crise sistêmica em que se insere a vida econômica brasileira*”⁸. Este autor resume claramente o desdobramento dos acontecimentos: a partir do pequeno calote no pagamento da dose de uma cachaça, expande-se a rede de desfalque: malandro - garçom - português - distribuidor - usineiro - Banco do Brasil - taxaça da cachaça exportada. Os ianques proíbem seu consumo, provocando um excesso no alambique e a "ressaca" nacional: Banco do Brasil - usineiro - carregador - distribuidor - galego - garçom - malandro, sendo este condenado pela situação. (ver Anexo A)

Na canção **Homenagem ao Malandro**, parte integrante da **Ópera do Malandro** fica visível a mudança da concepção a respeito do malandro:

*“Agora já não é normal
O que dá de malandro regular, profissional
Malandro com aparato de malandro oficial
Malandro candidato a malandro federal
Malandro com retrato na coluna social
Malandro com contrato, com gravata e capital
Que nunca se dá mal”* (BUARQUE, Chico, **Ópera do Malandro, 1978**)

Atualmente, ainda se mantém essa generalização dos termos “malandro” e “malandragem”, que podem ser associados à esperteza, à corrupção, à malícia. Mas, para os jovens pesquisados, malandro está carregado de significados, implicando em uma categoria em particular, que não apresenta, pelo menos explicitamente, características saudosistas (como tentativa de resgatar a antiga malandragem boêmia).

A malandragem, segundo os rapazes pesquisados está associada diretamente à atividade criminal, mas não é qualquer atividade, ela deve demandar uma certa elaboração em sua execução, atividades tais como o

⁸ WISNIK, José Miguel, **Malandragem**, disponível em: <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/musica/tnescrit/maland/>

⁹ COSTA, Fernando Nogueira da, **Ópera do Malandro**, disponível em: <http://www.eco.unicamp.br/artigos/artigo52.htm>

tráfico de drogas, os grandes assaltos, os seqüestros, seriam exemplos de Malandragem. Essa característica aponta para um outro fator, apesar de a malandragem abranger diversas atividades, os malandros se organizam em grupos relativamente pequenos, como aquele estudado, que por sua vez, de acordo com a necessidade, podem entrar em contato com outros grupos de malandros.

Diferentemente daqueles de quem herdaram o nome, não se identificam musicalmente com o samba, gostam principalmente de Rap, música que trata diretamente dos problemas enfrentados por eles: o crime e a violência. Também se interessam por música eletrônica, associada às longas noites na balada.

Esteticamente talvez haja uma proximidade entre os dois “tipos” de malandros, pois ambos se preocupam muito com a aparência, mas não na forma: ao invés do tradicional terno de linho branco, buscam vestir roupas e calçados de “marca” (as mais caras que conhecem), geralmente no estilo esporte, confundindo-se facilmente com qualquer outro rapaz de classe média. Apesar de sempre buscarem “estar na moda”, nunca abrem mão de usar uma corrente de ouro bem grossa, ou no pulso, ou no pescoço, marca de sua condição de malandro.

Não há, para estes rapazes, uma preocupação em resgatar um passado que lhes diga alguma coisa ou estabelecer projetos para o futuro. Concentram seus interesses em viver o presente e aproveitar as oportunidades que aparecem, pois nada é concreto ou duradouro em duas vidas. Estão inseridos em um contexto com características bastante distintas das do início do século, passou-se de um capitalismo baseado no modelo fordista para o da acumulação flexível:

“(...) o movimento mais flexível do capital acentua o novo, o fugidio, o efêmero, o fugaz, e o contingente da vida moderna, em vez dos valores mais sólidos implantados na vigência do fordismo. Na medida em que a ação coletiva se tornou, em consequência disso, mais difícil (...), o individualismo exacerbado se encaixa no quadro geral como condição necessária, embora não suficiente, da transição do fordismo para a acumulação flexível.” (HARVEY, 1998:161/162)

Como afirma Harvey neste trecho, este novo quadro privilegia o fugaz, o contingente, através de um individualismo exacerbado. O crime pode ser encarado, dessa forma, como um dos meios mais fáceis para a aquisição desses bens. Esta dinâmica permeia o cotidiano de muitos jovens que não estão inseridos no mercado de trabalho tradicional e que buscam outras formas de sustento, como subempregos ou atividades ilegais. Pais (2001) analisa esta questão, partindo de uma realidade diferente da pesquisada (Portugal), mas traz contribuições para o entendimento do objeto de estudo.

O autor utiliza também a noção de Capitalismo flexível para mostrar que essa modalidade de capitalismo bloqueou a linearidade tradicional das carreiras profissionais. Isso afetou profundamente a dinâmica social, sobretudo a vida dos jovens, cuja inserção no mercado de trabalho e escolha de uma carreira eram consideradas marcos em suas vidas e agora não são mais.

Um dos fatores fundamentais é o crescente desemprego, no universo desse capitalismo flexível.

“(...) passou-se de um destino que nos era dado metasocialmente – por uma qualquer “exterioridade” que se imporia sobre as maneiras de ser, de pensar e de sentir (Deus, Natureza, ou “representações colectivas”, como diria Durkheim), para um destino que é produzido quotidianamente, num campo de oportunidades, reivindicações, utopias.” (PAIS, 2001:66)

O autor trabalha com as categorias “*labirintos de vida*” e “*trajetórias yô-yô*” para compreender a vida desses jovens. As vidas de uma grande parte dos jovens pode ser comparada como andar em um labirinto, já que muitos caminhos por eles percorridos, sobretudo no campo profissional, acabam em becos sem saída. Dessa forma, a metáfora do yô-yô retrata um aspecto importante do cotidiano juvenil: a inconstância (2001:68/69).

Uma das questões presentes na vida dos jovens que fazem parte da malandragem é a falta de planos para o futuro, sobretudo porque eles têm a consciência de que a vida no crime não dura muito (muitos já tiveram ou parentes ou amigos mortos em tiroteios), ou porque o lucro é inconstante. Esta inconstância, como foi visto acima, está intimamente ligada ao sentimento de fugidio da acumulação flexível do capital.

Um dado revelador da pesquisa é a necessidade dos malandros de adquirirem bens de consumo de alto valor:

“Olha, Mano... Eu gosto de me vestir nos panos, tem que ter classe, eu posso dizer que sou um cara classudo... Nada de se vestir com essas marquinha meia boca não...(risos) Gasto uma nota com o meu visual, é que eu gosto mesmo de me arrumar, de ficar cheiroso, assim não falta mulher pra mim... (risos) Um dia desses eu fui no Shopping pra comprar perfume, eu só uso importado, nada desses meia boca da Boticário, não! Eu só sei que saí da loja depois de umas duas horas, deixei a vendedora quase louca! Mas você sabe... Como ela viu que eu tinha grana agüentou firme, porque sabia que eu ia molhar a mão dela... Acho que nesse dia eu gastei uns 1.000 contos, e não tem nada de miniatura comigo não... Eu compro é do vidro grande. Não gosto de miséria... Pra ficar arrumado tem que gastar bem com roupa, só uso camiseta pólo da Lacoste, gasto mesmo, não estou nem aí. Quero que todo mundo veja que eu tenho classe pra me arrumar, que eu sou diferente desses mané daqui da vila... Essa roupa que eu tô agora, que você tá vendo... Acho que eu gastei uns quase 1.000 também, a calça tem uns 300,00, a blusa 200,00, e o tênis acho eu foi quase 500,00 da Nike...Eu não tenho muita quantidade de roupa diferente, mas as que eu tenho são caras mesmo!”(Depoimento de Fábio, 24 anos, em 05/03)

Buscando a satisfação pessoal, através da aquisição de bens, percebe-se o quanto estes rapazes estão inseridos na sociedade de consumo. Segundo Bauman (1999), a sociedade de consumo pode ser definida como um segundo estágio da modernidade, não se diferenciando radicalmente, em termos constitutivos, do primeiro estágio que era o industrial. Justamente, a diferença reside na ênfase que se dá atualmente ao consumo e, principalmente, no papel de consumidores que os sujeitos assumem:

“A maneira como a sociedade atual molda seus membros é ditada primeiro e acima de tudo pelo dever de desempenhar o papel de consumidor. A norma que nossa sociedade coloca para seus membros é a da capacidade e vontade de desempenhar esse papel.”(BAUMAN, 1999: 88)

Essa mudança de papel é fundamental para entender a sociedade atual, visto que a necessidade de consumir bens alcançou níveis alarmantes. Bauman afirma que há dois aspectos importantes e interligados, em relação ao consumo. O primeiro é uma mudança de temporalidade, ou seja, o tempo

torna-se cada vez mais rápido, devido à necessidade das pessoas de cada vez mais consumirem coisas novas, para isso é preciso que os consumidores sejam: *“impacientes, impetuosos, indóceis e, acima de tudo, facilmente instigáveis e também se facilmente perderem o interesse.”* (Op. Cit., p.90)

O consumismo, além disso, leva ao superficialismo, pois incentiva as pessoas a não se apegarem aos objetos, diferentemente do que muitos pensam, mas à sensação de possuí-los: *“Os consumidores são primeiro e acima de tudo acumuladores de sensações”* (op. Cit., p.90). Esses dois aspectos estão intimamente ligados à noção de efêmero, ao fugaz do processo de acumulação flexível, pois o que é novo hoje, amanhã deixará de sê-lo, assim como o bem-estar associado à aquisição de bens de consumo não dura muito. Da mesma maneira que para o modelo fordista o núcleo era a indústria, para a acumulação flexível, o consumo tem um papel fundamental em nossa sociedade.

Fica, dessa forma, cada vez mais evidente, a idéia de felicidade associada ao poder aquisitivo. Para Costa (1999), o lucro e o consumo adquirem na sociedade contemporânea um valor supremo, fruto principalmente desta lógica capitalista. Através da aquisição de bens, tem-se a fantasia de que serão suprimidos todos os problemas e angústias. Através do acúmulo de dinheiro, no imaginário das pessoas, a felicidade torna-se cada vez mais próxima.

“O desejo de consumir e de não aceitar limites para a satisfação de qualquer tipo de prazer informa condutas em que o homicídio ou a destruição de outro ser humano é realizado em suas últimas conseqüências. O problema é que essa "ideologia" capitalista está tão entranhada em nossos corpos e consciências que, em geral, acabamos por atribuir um caráter não ideológico a muitas dessas violências contemporâneas.” (COSTA, M.R., 1999: 11)

A autora aponta para uma questão muito presente no cotidiano destes malandros, que é a prática da violência para atingir fins específicos (obter dinheiro) imbuída de uma ideologia capitalista, muitas vezes mascarada. A problemática que envolve a violência permeia toda a dissertação, mas será abordada em maior profundidade no Capítulo II.

Buscou-se configurar o contexto de um Capitalismo em sua fase de acumulação flexível, voltado para o consumismo, em que o malandro, objeto desta pesquisa, está inserido, ressaltando suas diferenças em relação ao malandro do começo do século, ligado a um Capitalismo ainda nos moldes industriais do Fordismo. Cabe agora apontar a concepção que eles mesmos têm do que é o malandro e qual o papel que isto representa em suas vidas.

Ser malandro hoje: um auto-retrato

Uma das questões centrais para a presente pesquisa é buscar compreender as motivações que levaram esses rapazes a entrar na criminalidade e o que isso representa em suas vidas cotidianas. Entender seu processo de constituição da identidade, através do levantamento dos elementos que compõem o que é ser malandro traz respostas a essas indagações. Para tanto, é necessário compreender o papel que as identidades representam em nossa sociedade, hoje.

Stuart Hall define a identidade como uma “*celebração móvel*”, constituída historicamente, portanto, é formada e transformada nos sistemas culturais, através das representações e questionamentos em relação aos outros. A mudança no processo de constituição das identidades está intimamente ligada às próprias transformações da sociedade, da *modernidade tardia* e do sujeito. As sociedades da *modernidade tardia* são marcadas por diferentes divisões (gênero, classe, etnia, etc.) que levam o sujeito a ocupar diferentes posições de acordo com a situação que vivencia.

O sujeito pós-moderno está fragmentado (HALL, 2004). Os indivíduos constroem ao longo da vida uma narrativa para manter uma coerência entre as várias identidades que vão assumindo, mas essa coerência é só aparente, visto que, internamente, há a convivência de identidades contraditórias, não há unificação em torno de um “eu coerente” e, externamente, não há mais identidades fixas e imóveis, nas quais ele pode encontrar referências.

Essa concepção é fundamental para entender o grupo estudado. Em que medida a identidade de malandro é usada por esses rapazes como afirmação perante os outros? Através dos resultados obtidos pela pesquisa de campo, é possível entender o jogo contraditório das identidades para esse

grupo? Tendo em vista que o processo de constituição das identidades não é meramente subjetivo e psicológico, quais as implicações na vida cotidiana desses rapazes ao se definirem como malandros?

A partir dos dados coletados nas entrevistas, ser malandro é definido pelos rapazes pesquisados por quatro pontos básicos: a coragem, o dinheiro como sinônimo de poder, o profissionalismo e o respeito a um código de conduta.

O malandro é uma figura importante na comunidade, assume um papel de juiz e de provedor para as pessoas que estão a sua volta. Sua importância é afirmada tanto pelo terror que as pessoas sentem por eles, como pela admiração que têm pelo dinheiro que os malandros possuem e a segurança que transmitem. Esta posição de juiz fica evidenciada neste trecho

“Você viu o que aconteceu lá na padaria da esquina? Roubaram o cara, mano, levaram tudo! Levaram até a máquina registradora! Tão dizendo que foram os malandros do pedaço! Tão tirando a gente, mano! Eu não sei quem é que tá contando essa fita por aí, mas eu vou descobrir, e vou pipocar o cara! Que é isso! Eu não sou nóia para roubar padaria, ainda mais no bairro que eu moro! Nem que eu tivesse passando fome iria fazer uma correria dessas! Deve ter sido um nóia, que eu acho que até sei quem é! Os caras que têm bronca da gente, você tá ligada que a gente tem muito mais dinheiro que eles, querem ficar tirando a gente de nóia! A gente tem a maior amizade com o cara da padaria! Ficamos lá direto, mano! Como é que a gente ia se queimar fazendo um bagulho desses! Eu tenho honra! Sou respeitado no pedaço e quero continuar sendo! Eu não ia me queimar por mixaria! Agora a gente tem que fazer uma investigação e tapar a boca de quem tá falando demais!” (Marcos, 28 anos 04/2004)

Neste relato, o malandro assume uma postura de honra, não pode “se queimar”. Marcos propõe-se a investigar o ocorrido para esclarecer a situação. Essa atitude era bastante freqüente entre eles, assumiam a postura de investigadores e juízes em problemas de roubo, principalmente. Brincavam, dizendo que estavam fazendo uma “CPI”. Eles usam, principalmente, da força e da pressão psicológica para manterem sua posição, o comentário: *“tapar a boca de quem tá falando demais!”* ilustra este aspecto. Além disso, gostam de ostentar o dinheiro que possuem, como ficou evidente no depoimento de Fábio em relação ao consumo.

O malandro, para eles, é o forte, o inteligente, o esperto, a definição é sempre aplicada no sentido positivo. Para ser malandro, principalmente, tem que ter coragem, pois, para praticar as atividades criminais, é preciso desafiar a polícia e a morte.

“Tem certas horas que no meio da correria dá cagaço e a gente pensa que não vai conseguir sair bem da fita, mas na mesma hora dá uma força dentro da gente que nem pensa no que está fazendo, é como se fosse tudo automático, as coisas vão acontecendo e você vai pensando ali na hora mesmo que tá rolando o bagulho... Pra fazer o que a gente faz é preciso ter coragem sim, porque eu já vi mano meu até chorar na hora do cagaço, mano assim não serve pro trampo, não agüenta a pressão. O cara tem que ser meio frio, não se ligar nos pensamentos na hora, tem que fazer e pronto, porque se não, não sai bem da fita... Na hora do vamos ver não pode demonstrar medo, não, porque senão os outros se ligam que você tá com cagaço e aí mela tudo, tá ligada? Tem que acreditar que você vai sair bem do bagulho, que nada vai te acontecer, é como uma guerra, o soldado que sai vivo é aquele que não tem medo, que não entrega os pontos, não é? Quem é da malandragem tem que ter sangue nos olhos, não pode amolecer, porque o medo atrapalha tudo, na correria não pode ter lugar pro medo... É como eu falei, quem é cagão, quem tem medo de não voltar pra casa, não serve pra fazer as fita que a gente faz. Eu nem penso que tenho que voltar pra casa depois, eu sei que vou voltar, tá ligada? Então essa certeza vem de dentro da gente, é isso que eu chamo de coragem, controlar sua mente para o medo não te dominar, o medo é o seu inimigo e a coragem é sua salvação, entendeu?” (Depoimento de Carlos, 23 anos, 07/2002)

Neste depoimento, Carlos compara a realidade vivida por eles como uma guerra e é a coragem “a sua salvação”. Dessa forma, a coragem é um dos aspectos que constituem a identidade do malandro.

O que eles possuem, no que se refere principalmente aos bens materiais, deve-se às qualidades e à capacidade que eles desenvolveram, ou seja, em seus discursos, o dinheiro não é um dinheiro fácil, a vida que levam não é qualquer um que seria capaz de vivê-la.

“Pra ser malandro tem que ter grana, muita grana! Não pode ser durango que nem têm uns caras aí que não têm nem o que comer em casa e diz que é malandro! Tem que andar nos panos, ter um carro da hora, não pode ter miséria, não! Tem que bancar todo mundo de vez em quando pra mostrar quem é que manda no

pedaço. Só assim a gente é respeitado pelos passa fome. Você tá ligada que o que manda aqui é o dinheiro, então quem tem o dinheiro manda, tá ligada? Eu sou respeitado como malandro porque eu tenho dinheiro, não passo necessidade. Quero ir curtir um lazer na praia, vou, quero comprar óculos escuros de 1.000 reais, compro, quero um carro importado, compro. Então é assim, você compra o mais caro e todo mundo paga um pau e você é conhecido como da malandragem. Todo mundo pensa que é fácil ser da malandragem, mas tem que ralar, mano, tem que fazer muita correria por aí pra ter uma grana e bancar esse estilo de vida. Ser malandro não é pra qualquer um!(risos)” (Marcelo, 23 anos, 05/2003)

Esse relato mostra o papel que os malandros exercem na comunidade local, eles têm consciência que o status e o respeito que possuem está ligado em grande parte ao dinheiro. A aquisição de bens torna-se uma necessidade para “banciar esse estilo”. Fica claro que o dinheiro, para eles, é sinônimo de poder e torna-se muitas vezes o principal elemento que os mantém em atividade, com este dinheiro, compram o silêncio dos moradores e a imunidade perante a polícia.

O terceiro aspecto importante na definição de malandro para eles é o caráter de profissionalismo para executar as atividades criminais, o malandro tem que ser competente, caso contrário, não sobrevive muito tempo nesse meio. Isso fica evidente no trecho acima quando Marcelo afirma que não é fácil ser da malandragem: “mas tem que ralar”. Este aspecto é reforçado através da diferenciação que eles estabelecem entre ladrão e assaltante:

“Ladrão não tem nada a ver com assaltante!(risos) Ladrão é aquele que leva mixaria, que se suja com merreca, que nem o Sérgio, ele é ladrão, se sujou com o Seu Tião por causa da merreca do DVD, e de uns 3.000 reais. Ele foi muito trouxa, se tivesse pedido pro Seu Tião ele dava, mano! Aí você tá ligada, tive que fazer uma CPI no cara, levantei tudo o que ele tinha de novo lá na goma dele e fui fazendo as contas de quanto ele tinha ganhado por cuidar do Seu Tião nesse tempo, vi que não tinha como ele comprar o celular que ele tinha, aquele celular custa mais de 1.000 reais, eu conheço! O DVD também, não tinha como ele comprar com salário que ganha do Seu Tião, eu sei que o Seu Tião dá pouca grana pra ele, mas não interessa, mano, o cara é ladrão, por isso tomei tudo dele e entreguei para o Seu Tião fazer o que quiser. A gente queria dar um coro nele, mas o Seu Tião disse para deixar quieto, sorte dele porque se não a gente ia dar um susto nele e naquela vagabunda da mulher dele, a Ana. Eu tô ligado que foi por causa dela que ele roubou, mano, mulher é foda quer as coisas dentro de casa e eu sei que ele morre

por ela. Então ele deu essa mancada pra ela não meter um chifre nele. Eu tô ligado, se eu quisesse, ela saía comigo na hora!(risos) O Sérgio não é má pessoa, eu entendo o lado dele, mas ele é ladrão, e ladrão é foda não pode confiar não! Assaltante é quem conta dinheiro, não rouba uma pessoa, rouba um banco, um carregamento, sem violência, se possível!(risos) É um bagulho que envolve estudo, mano. Não é assim de um dia para outro, tem que estudar o local, saber todos os detalhes, cada um cuida de um lado, não é bagunça, tem organização. Ser assaltante não é pra qualquer um não, tem que ser da malandragem fodida, mano. Tem que ter conhecimento, assaltante não rouba conhecido, não leva vantagem numa pessoa. É por isso que eu pago um pau pra assaltante, porque eu não prejudico ninguém pobre, prejudico um dono de um banco, de um supermercado grande, de uma rede grande de lojas, sujeitos que têm muito e não vai fazer muita falta se a gente levar os bagulhos!(risos)” (Fábio, 25 anos, em 04/2004)

Percebe-se através da fala desse jovem que há um conteúdo valorativo que diferencia o ladrão do assaltante, sendo o primeiro taxado na categoria de nória e o segundo como um malandro. Esse trecho da entrevista também mostra um aspecto importante que permeou toda a pesquisa de campo: eles se assumiam malandros nas entrevistas, mas nunca se declararam diretamente como assaltantes, apesar de ficar evidente a valorização desse tipo de atividade criminal. A constatação de que realizavam assaltos ocorreu através da coleta de informações com os moradores e devido às batidas policiais atrás deles.

O quarto aspecto é o respeito a um código de conduta defendido por eles. Este código mantém alguns valores defendidos pela sociedade de forma geral: o respeito à família, a crítica à violência gratuita, inclusive a doméstica, a crítica ao roubo de trabalhadores e sobretudo a lealdade entre o membros.

Em um trecho de entrevista, fica evidente a preocupação em manter este código como fator de diferenciação da condição de malandro em relação aos demais:

“- Estão dizendo que o Paulo é malandro! (risos) Como ele pode ser malandro se rouba a própria mãe! Ele, desse jeito, está tirando todos nós, tá ligada? Se o cara fala que é malandro, ele tem que ter postura, tem que ser respeitado por todos. Não pode ficar dando brecha assim, mano, roubar a própria mãe! Eu posso dizer que sou malandro porque eu respeito muito a minha mãe e meu pai. Eu nunca iria fazer um bagulho desses, mano! Que é isso! Tá tirando todo mundo! Vai ter que tomar uma lição! Aprender quem é o

malandro do pedaço!(risos) Se não vai continuar falando por aí que é malandro e os outros vão acreditar!(risos) Daí já viu, vão achar que ele é da nossa turma, e vai queimar o nosso filme! Vou ter que dar um jeito nisso, porque quem fala demais tem que levar um susto para fechar a boca. Tomar uns pipocos pra ficar esperto!(risos) A minha mão até tá coçando de falar com você sobre isso! Como é que pode um nóia desse dizer que é malandro!(risos)” (Fábio, 25 anos, 03/2004)

Este trecho demonstra que ser malandro demanda, justamente, em um código de conduta a ser seguido, uma das regras é o respeito pela família. Além disso, demonstra a preocupação de Fábio em relação a Paulo não ser confundido com um malandro. Nas entrevistas, a referência aos pais é sempre respeitosa, apesar de alguns deles terem saído de casa cedo, como é o caso de Fábio, que foi morar sozinho aos 17 anos ou de Marcelo que saiu de casa aos 14 anos para morar com um amigo mais velho.

Um caso que transparece a crítica dos malandros em relação à violência gratuita foi que esses rapazes foram “conversar” com o esposo de uma mulher conhecida, pois ele, apesar de ser sustentado por ela, a espancou e quebrou algumas coisas dentro de casa. Os malandros interferiram no relacionamento do casal, porque não concordavam com aquela atitude de violência gratuita em relação “à coitada que não faz nada de mal”.

A lealdade entre os membros do grupo é vital para eles. Um trecho de entrevista ilustra este aspecto:

“Teve uma fita aí faz algum tempo... Tinha um mano nosso detido numa D.P. aí, tá ligado? Ele ia ser transferido pro Interior no dia seguinte, então o que a gente fez? (risos) Reunimos todo mundo e invadimos a D.P. pra soltar o camarada. De quebra, acabamos soltando uns caras que a gente nem sabia direito quem era, mas como conheciam a gente, resolvemos dar um boi e liberar todo mundo. Foi um bagulho arriscado pra caralho... Invadir uma D.P., mas sabe como é, um dia a gente se arrisca, pra no outro se arriscarem pela gente. Os gambé tão na nossa cola até hoje, e se pegarem a gente não sobra ninguém vivo... Eu tenho certeza de que se um dia, Deus me livre, eu precisar, meus camaradas vão fazer a mesma coisa por mim... É um lance de irmão, tá ligada? Um se arrisca pelo outro, pra depois o outro se arriscar pela gente. Na hora da fita a adrenalina é tão grande que a gente nem pensa no risco que tá correndo, só depois que aconteceu que a gente vai ver o que rolou. Mano... Agora pensando, foi um negócio louco mesmo, invadir a D.P.!(risos) É por isso que a gente é respeitado por aqui, o povo

sabe que a gente é doido mesmo, que não tem tempo ruim, mexeu com os mano nosso, vamos pra cima mesmo! Não tem boi nem pra polícia!” (Relato de observação, Marcelo, 23 anos, 03/2003)

Desafiar a própria polícia em favor de um amigo demonstra esta lealdade: *“Um se arrisca pelo outro, pra depois o outro se arriscar pela gente”*. Esse sentimento de união traz uma sensação de estabilidade para o grupo.

As questões ética e moral permeiam, portanto constantemente as ações dos malandros. Alguns dos valores que defendem são tomados da sociedade, como o respeito à família, outros divergem desta, como matar durante um assalto. Para analisar esta questão, são tomadas aqui as considerações de Habermas (1989) a respeito da ética e da moral. O autor faz a distinção, na sociedade atual, de três usos da razão prática: a razão pragmática, a ética e a moral.

A razão pragmática é aquela que propicia uma ação orientada para fins específicos, o princípio é a eficácia. O autor toma como exemplos comprar uma bicicleta ou tirar férias. Portanto, não é questionado o conteúdo moral ou ético da ação, nem suas conseqüências. Esta forma de agir privilegia o próprio eu, mas um eu voltado para a realidade externa e não para a vivência interior. O uso pragmático da razão não fica apenas no âmbito individual, pelo contrário, é no âmbito coletivo que seu papel torna-se evidente. A razão pragmática ou instrumental é o princípio que rege os avanços tecnológicos, a economia, até as guerras, ou seja, coloca em funcionamento todo o sistema social.

É, pois, o princípio norteador do capitalismo. O problema reside justamente na falta de questionamento sobre os resultados das ações, principalmente se elas beneficiam apenas alguns poucos (GUAZZELLI, 2000). Os malandros recorrem a esta razão pragmática para justificarem os atos violentos na prática da atividade criminal. O assassinato de alguém durante um assalto ou de um dedo-duro (ganso) é algo necessário para continuar na malandragem.

A ética é tomada por Habermas como o uso da razão prática associada a valores individuais herdados do mundo social. As pessoas definem seu ideal de vida ou tomam decisões muitas vezes baseados nesses conjuntos de valores que, por sua vez, nascem de um contexto social específico. Mesmo os aspectos mais pessoais dos indivíduos, como a identidade ou os projetos de

vida estão ligados à realidade coletiva ou social. A especificidade deste uso da razão prática consiste em que se procura sempre manter os modelos e valores já existentes, defendidos no meio social.

A ética também está presente no universo da malandragem. Respeitar a família, nunca trair seus amigos, não roubar um trabalhador fazem parte destes valores já existentes em seu meio social. Visto desta forma, não é contraditório, para eles, a diferença entre assaltante e ladrão, ou reprovar quem bate em sua própria esposa, mesmo tendo eles cometido atrocidades maiores em outras situações.

A Moral, para Habermas, também é um fenômeno social, intersubjetivo ou coletivo, sendo suscitada em uma relação de conflito. A grande diferença em relação à ética reside no fato de que a moral privilegia a justiça, não estando presa a valores pré-estabelecidos. O autor afirma que os sujeitos, na medida em que se questionam sobre o que é justo, libertam-se das barreiras locais e históricas, fazendo uso do princípio moral. Dessa forma, o uso moral da razão prática prevalece sobre os demais, a busca da justiça torna-se única motivação, deixando de lado tanto os valores impostos pela sociedade como os objetivos práticos.

O problema das definições de Habermas quanto aos usos da razão prática reside em sua aplicabilidade (GUAZZELLI, 2000). Um ato moral somente se constituiria desta forma se fosse de acordo com os valores de todos os envolvidos naquela situação. Esse critério de universalidade não é válido na prática, visto que os indivíduos e os grupos apresentam grandes diferenças no que se refere a valores éticos.

Seguindo o modelo de Habermas, os malandros acabam, em grande parte, vivendo sob os valores da ética e da razão utilitarista, não sendo percebida entre eles uma preocupação moral em suas ações ou em relação aos outros. A prática da violência torna-se, em muitas ocasiões, um meio para atingir um fim bem específico que é a acumulação de bens. O latrocínio, por exemplo, tem um significado muito diferente do que um homicídio por razões pessoais, como um pai matar um filho. Retoma-se, então, a idéia de uma razão instrumental que ora justifica, ora condena a prática da violência. A razão utilitarista ou instrumental está, como foi visto, vinculada ao modo de produção capitalista, sob o modelo atual da acumulação flexível e globalizada. Este

princípio influencia grandemente o crime e sua relação com a sociedade e não pode ser deixado de lado na análise do objeto de pesquisa.

Por que Malandro?

Apesar das atividades criminais realizadas pelos malandros não serem o enfoque central da pesquisa, é preciso contextualizá-las dentro de um âmbito mais abrangente. Analisar esta dinâmica e o papel que os rapazes pesquisados ocupam dentro dela contribui para se entender as razões pelas quais eles se auto-denominam malandros.

O crime tornou-se uma forma rentável que movimenta grandes quantias de dinheiro e tem conseqüências cada vez maiores na economia global. Atualmente apresenta características específicas: está globalizado e imbuído da lógica de acumulação de capitais e aquisição de bens.

Castells (2000) analisa a economia global do crime, que movimenta grandes quantias de dinheiro, e seu impacto em nossa sociedade. A economia do crime influencia, muitas vezes diretamente, algumas economias nacionais e tem impacto sobre instituições estatais. Apesar de não ter sido possível verificar se esses adultos jovens fazem parte do crime organizado, a dinâmica capitalista não é distante de suas vidas, eles mesmos se intitulam como micro-empresários.

“(...) manipulando populações e territórios excluídos da economia formal e utilizando os instrumentos do sistema de redes globais, atividades criminosas proliferaram pelo planeta e interligam-se para constituir uma economia emergente do crime global que penetra mercados financeiros, o comércio, os negócios e os sistemas políticos de todas as sociedades. Essa conexão perversa representa uma característica significativa do capitalismo informacional global.” (2000: 21)

O crime acompanhou os avanços tecnológicos, sobretudo das informações e modificou sua estratégia. Antes, visava infiltrar-se ao máximo nas instituições locais ou nacionais. Agora, com a flexibilidade das relações transnacionais, consegue mais facilmente escapar das barreiras que ainda se mantêm em nível nacional (por exemplo, a polícia). O crime global teve seu sucesso garantido, pois sua constituição, tanto internamente, como

externamente, é de redes, ou seja, quadrilhas autônomas que se interligam por meio de acordos. Uma matéria de jornal aponta para este novo estatuto do crime

“O crime organizado funciona no Brasil como uma empresa. Quadrilhas que atuam em âmbito estadual estão agrupadas numa estrutura nacional, com ramificações em pelo menos 15 Estados. O conglomerado do crime é chamado por seus integrantes de “organização”. Possui colaboradores infiltrados nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. (...) Carecem de apuração os trechos que mencionam o suposto envolvimento de bandidos com licitações públicas em áreas como coleta de lixo e transportes urbanos, contatos com autoridades do Estado, financiamento de campanhas políticas e reuniões de chefões do crime organizado”¹⁰

Acredita-se que a lógica a qual permeia a rede do crime organizado, em suas várias formas, é a mesma de grandes empresas transnacionais. Há a classe de dirigentes, mas também há os “trabalhadores”, mão-de-obra pouco qualificada, composta de jovens, muitas das vezes alheios às grandes jogadas.

Apesar de receberem grandes quantias de dinheiro (mas nem sempre), os adultos jovens pesquisados podem ser considerados funcionários, trabalhadores num mercado altamente competitivo e de alto risco (perigo constante de morte ou prisão). São excluídos, em parte, da sociedade legal, já que são procurados pela polícia, mas estão inseridos na economia capitalista indiretamente pela economia do crime e, diretamente, pelo negócio das lotações. Retomando as considerações a respeito do modelo de acumulação flexível, estes rapazes poderiam ser comparados a trabalhadores tercerizados, sem vínculos diretos a um patrão, também sem benefícios ou garantias.

Outro aspecto importante que salienta Castells é o fato de que a mídia tem um papel de garantir que o mundo do crime penetre na vida quotidiana, através de filmes e também do sensacionalismo das notícias. Castells aponta para uma consequência possível disso em nossa sociedade:

Pode muito bem indicar a ruptura cultural da ordem tradicional e o reconhecimento implícito de uma nova sociedade, constituída de

¹⁰ DANTAS, I. e MICHAEL, A. **Testemunha revela organização do crime**. Folha de S. Paulo, SP, 01 jun. 2003. Caderno Cotidiano, p.22.

identidade comunal e concorrência sem lei, da qual o crime global é uma expressão condensada.(CASTELLS, 2000, p.243/44)

Um dos aspectos que serão analisados no decorrer da dissertação é justamente a inversão da ordem que ocorre no cotidiano desses rapazes e, de maneira indireta, na vida dos moradores do bairro que freqüentam.

Zaluar (1999) também defende a importância de se analisar o panorama do crime organizado e globalizado, pois este adquiriu características econômicas, políticas e culturais específicas, vinculadas em parte à busca pelo lucro propagada pelo Capitalismo. Apesar de concentrar sua análise no tráfico de drogas, há muitos pontos de convergência com esta pesquisa, pois a análise do crime imbuído da lógica capitalista é imprescindível, já que os malandros vivem entre o ilegal e o legal. Eles praticam atos ilegais, mas têm lotações, das quais tiram o sustento, pagam aluguel, além disso, mesmo trabalhando no ramo dos assaltos, têm seguro de carro. A linha é tênue, segundo a autora, entre o que se convém chamar de “mundo do crime” e a economia formal.

“(...) a necessidade de estender a análise até fora das fronteiras nacionais, no caso da sociedade criminosa, ou seja, do que optam por viver nem sempre como fora-da-lei, mas numa mistura peculiar dos negócios legais e ilegais, não pode ser negada diante das evidências.” (ZALUAR, 1999: 94)

É preciso atentar para o fato de *“como o ilícito e o ilegal se enraízam no mercado informal para comandar um exército de empregados e sócios menores”* (op. Cit., p.97). Os diversos itens roubados (carros, toca-fitas,etc.) entram no mercado informal, não servindo apenas para consumo próprio.

Uma forma encontrada por eles de se manterem nas “épocas de seca” é, pois, o serviço de lotação. Eles “compraram” linhas de lotação e têm funcionários (motoristas e cobradores) trabalhando a seu serviço. Atualmente, estas linhas estão regulamentadas e eles pagam impostos devidos, mas nos primeiros anos funcionavam ilegalmente.

Dessa forma, eles não têm como única fonte de renda o dinheiro que obtém das atividades criminais, as linhas de lotação que possuem vão de

regiões muito afastadas na periferia até o metrô que, na Zona Leste, são as de maior movimento.

“Fábio, ao comentar sobre como era feito as pessoas que roubavam os patrões, falou:

Fábio: -Até comigo acontece a mesma coisa com a lotação. Agora, com a catraca eletrônica, diminuiu, mas eles devem dar um jeito de roubar.

A pesquisadora perguntou se dava lucro esse negócio, ele respondeu:

Fábio: -São 350 passageiros por dia, eu tenho duas lotações. Cada uma delas, com dois motoristas e dois cobradores, funciona das 6 à meia-noite, o salário dos motoristas é de R\$ 600,00, os dos cobradores é de R\$300,00, mais impostos. Acho que rende uns trocados, eu nem conto, eu vou lá, pego o dinheiro e vou embora (risadas)

Pesquisadora: -Isso é para quem pode...

Fábio: -É, isso é para quem pode, não vou perder o tempo contando mixaria!” (depoimento de Fábio, 25 anos, 05/2004)

A renda que foi calculada, na época (2004), neste diálogo com Fábio, era o suficiente para uma pessoa se sustentar bem: incluindo gastos com manutenção, cada lotação renderia por mês, em média, R\$ 10.000,00¹¹. Cada um possui duas lotações.

Como ficou evidente em várias notícias de jornais, a licitação das linhas de lotação, sobretudo as com destino a o metrô foram “pagas” a preço de ouro. Os contratos referentes à licitação por sete anos das áreas destinadas ao transporte coletivo alternativo (lotações) somaram R\$ 2,4 bilhões¹². Além desses valores oficiais, exorbitantes, poderiam se somar, ainda, as quantias que, provavelmente, tiveram que ser pagas, em certos casos, “por fora” para os antigos perueiros manterem o ponto dentro das cooperativas.

Esse processo de legalização do transporte coletivo alternativo tornou-se, em alguns momentos, bem violento¹³, em que vieram à tona ligações entre

¹¹ A passagem na época custava R\$ 1,70. Os gastos com funcionários (2 motoristas e 2 cobradores) somariam R\$1.800,00; os gastos com impostos eram em média R\$1.200,00 ao mês (R\$40,00 por dia); e os gastos com combustíveis e manutenção, R\$1.000,00. Convertendo o valor líquido em Dólar (em maio, à R\$3,10): U\$3.225,80.

¹² Folha de S.Paulo, 01/09/2003 - 06h36 “**Perueiros "lotearam" áreas em licitação na cidade de SP**”, matéria de Alencar Izidoro e Chico de Góis.

¹³ TATSCH, C. **Funcionários da SPTrans são mortos depois de fiscalização a perueiros**. Folha Online, SP, 23 fev. 2002. Caderno Cotidiano, 20h27.; VIANNA, D. **Cobrador de lotação morre e perueiros acusam Guarda Civil**. Folha Online, SP, 14 jan 2002. Caderno Cotidiano,

o crime e os perueiros. No caso específico dos rapazes entrevistados, há uma ligação direta entre as atividades no ramo dos transportes e as atividades criminais. A fonte de renda que usaram para comprar as vans e para “pagar” o ponto foi, certamente, proveniente do crime.

É claro que não se pode fazer generalizações a respeito das conexões entre o crime e o transporte coletivo alternativo, devido à complexidade e à abrangência desta questão, que necessitaria de um estudo aprofundado. Mas a realidade vivida por esses rapazes mostra a linha tênue existente entre o legal e o ilegal. Atualmente, estão surgindo mais informações a respeito do universo das lotações e sua ligação com o crime:

“Na noite de sexta, três perueiros foram assassinados na região da Pedreira (zona sul), na nona chacina registrada neste ano na capital. A polícia acredita que o crime tenha sido motivado por um grupo rival -possivelmente ligado à facção PCC (Primeiro Comando da Capital)-, que queria assumir o controle da linha, operada pelas vítimas da chacina.

“Tínhamos suspeitas de que havia organizações do crime envolvidas nas cooperativas de perueiros. Essa é uma evidência”, disse Serra, que defende exame detalhado dos operadores de vans.”¹⁴

Também há denúncias de alguns perueiros que são pressionados tanto pela polícia como por criminosos, sendo obrigados a pagar propina para continuarem a trabalhar em suas linhas¹⁵. Realidade esta que se tornou possível devido aos próprios desdobramentos no contexto sócio-espacial da cidade de São Paulo. O desenvolvimento urbano desordenado, com uma infraestrutura ineficiente dos transportes, a formação de bairros cada vez mais distantes do centro (propiciador de empregos) possibilitou o desenvolvimento

21h38.; Da sucursal de Campinas, **Suspeito de assaltar perueiros é linchado e morre em Campinas**, Folha Online, São Paulo, 19 out. 2002. Caderno Cotidiano, 14h57.; Da reportagem local. **Marta diz que perueiros podem estar ligados ao narcotráfico**. Folha Online, São Paulo, 09 mar. 2001. Caderno Cotidiano, 18h02.

¹⁴ SCHIVARTCHE, F. **PT juntou crime e lotações, diz Serra**. Folha de S. Paulo, SP, 25 jul. 2005. Caderno Cotidiano, p.04.

¹⁵ “Perueiros da zona norte de São Paulo não trabalharam durante parte do dia de ontem para protestar, pelo 2º dia seguido, contra as extorsões diárias que eles dizem ser feitas por policiais militares e criminosos de Brasilândia e do Jardim Elisa Maria. (...) Em denúncia, a cooperativa diz que policiais do 18º Batalhão mantêm há três meses o esquema. Dos 600 motoristas, cerca de 300 seriam obrigados a pagar de R\$ 30 a R\$ 50/dia. A denúncia diz que 12 linhas da zona norte são afetadas, e que criminosos disputam pontos com seis PMs.” (Da reportagem local. **Passagem Extra**. Folha de S. Paulo, SP, 30 jul. 2005. Caderno cotidiano, p.20.)

de formas alternativas de transporte, como as lotações, que, por sua vez, modificou a dinâmica interna da periferia.

O próprio desenvolvimento do transporte coletivo alternativo foi uma resposta ao “caos” da cidade, quanto à locomoção pelos diversos pontos, sobretudo no eixo periferia-centro, foi um processo de criação de novos trajetos, de novos empregos, que influenciaram sociabilidades e relações de poder. Vendo-o do ponto exclusivamente econômico, criaram-se pelo menos três profissões que antes eram inexistentes: o motorista de lotação (perueiro), o cobrador de lotação¹⁶ e, por fim, os microempresários de lotação. Esse movimento, que não se sabe muito bem quando e onde se originou, está atualmente presente em várias cidades, acabou “resolvendo” em parte o problema do transporte público. Em certas regiões mais afastadas encurtou-se muito o tempo para chegar ao trabalho, além do aumento da frota. Por exemplo, o Jardim Nazaré (pertencente ao Itaim Pta.) tinha apenas duas linhas de ônibus com intervalo de pelo menos meia hora entre elas. As lotações facilitaram o fluxo para a Estação de Trem do Itaim, como para os dois centros próximos: de São Miguel e de Itaim Paulista.

O sistema de lotações surgiu com a intenção de preencher as deficiências do sistema de transporte oficial. Inicialmente, a maioria das lotações era clandestina, tendo sua organização, horários, pontos de passageiros, itinerários, realizada a partir das necessidades da região pela qual seguia seu trajeto. Apesar disso, a informalidade desse tipo de transporte sempre se fez presente, no sentido de que os horários apresentavam e ainda apresentam bastante flexibilidade.

Muitas vezes os passageiros aguardam além do horário de saída das lotações, esperando que motoristas e cobradores terminem de conversar entre si ou com outros cobradores e motoristas das outras lotações. Se em algum momento há reclamação dos passageiros, devido ao atraso e à lentidão, os cobradores tratam a reclamação com descaso e ironia “- Tá com pressa? Pega um táxi!”, “- Calma, minha senhora... Olha o estresse!”. Outro problema associado a este caráter informal das lotações é o uso de rádios com volume

¹⁶ O cobrador de lotação tem uma atividade muito distinta da do cobrador de ônibus, pois se movimenta quase o tempo todo, desce nos pontos para chamar passageiros, sobe, cobra a

alto. Às vezes a ironia pode até se transformar em ameaça: “Tá ligada que se você for na SPTrans reclamar, vai me encontrar na porta! Aqui não tem boi pra neguinho não!”

A eficiência e a pontualidade das lotações sempre foram questionáveis, mas as “peruas” ainda são uma melhor opção, se comparadas aos ônibus que também atrasam e viajam superlotados. A linguagem usada pelos motoristas e cobradores das lotações traz elementos que se relacionam com a criminalidade, diferindo da usada pelos funcionários das empresas de ônibus.

Quando o sistema de lotações ainda estava no seu início, os próprios donos dos veículos eram os motoristas, estes veículos eram kombis ou peruas, daí o nome de “perueiros” para esta classe de trabalhadores. Com o passar do tempo, os donos dos pontos foram adquirindo mais de um veículo, de modo que gradualmente parassem de dirigir e iniciassem o gerenciamento de motoristas e cobradores em pequenas frotas de lotações, que ganham muitas vezes por comissão, o que cria freqüentemente atritos com os motoristas das empresas de ônibus. Estes confrontos, que chegaram até a resultar mortes antes do processo de licitação, estão novamente se agravando:

“A morte de um motorista de ônibus na zona leste reacendeu a rivalidade entre a categoria [motoristas de ônibus] e os perueiros da cidade de São Paulo. Funcionário da Viasul, Marcos José da Silva, 30, foi assassinado ontem, por volta das 6h, com um tiro na cabeça, um dia depois de ter sido ameaçado pelo motorista e pelo cobrador de uma lotação.

A ação seria uma resposta ao fato de ele ter ultrapassado, de ônibus, uma perua que fazia um percurso semelhante. Com isso, pegaria os passageiros nos próximos pontos e deixaria a lotação, que vinha logo atrás, quase vazia.”¹⁷

O sistema de lotação, mesmo que agora, em sua grande maioria, as “peruas” sejam legalizadas e pertençam ao sistema de transporte da cidade de São Paulo, traz em si um forte traço de informalidade que o acompanha desde seu início.

passagem de assento em assento, ajuda os passageiros no transporte de volumes, devido ao tamanho reduzido das peruas e dos microônibus.

¹⁷ SANTIAGO, R. e IZIDORO, A. **Morte reacende rixa entre ônibus e peruas**. Folha de S. Paulo, SP, 20/08/2005. Caderno Cotidiano, p.01.

Numa região como a Zona Leste, grandemente populosa¹⁸, a questão do transporte é crucial, sobretudo para quem mora na periferia, ir e voltar do trabalho demanda percorrer longas distâncias, ocupando uma grande parte do tempo de seus dias. Trabalhar significa, de certa forma, ausentar-se de seu bairro o dia inteiro (às oito horas de trabalho somam-se de 4 à 5 horas de transporte). Estar na rua durante a semana nesses bairros mais afastados do centro da cidade está associado ao desemprego, à aposentadoria ou ao crime (que tem sua atividade maior no período noturno). Assim, a impressão que os malandros têm do trabalho, como algo penoso e que toma grande parte de sua vida útil sem benefícios à altura (ver a visão que eles têm dos manés mais adiante) não é exagerada. No capítulo II, serão retomadas e aprofundadas as especificidades do extremo leste da cidade de São Paulo, bem como sua importância para a pesquisa e para a vida desses rapazes.

Pelo que foi visto, a categoria malandro poderia até ter suas especificidades questionadas, visto que malandro é definido basicamente como o praticante de alguma atividade criminal, recaindo, portanto, em generalizações e aproximando-o da categoria de marginal.

Mas, percebe-se que o termo malandro, nas falas dos rapazes pesquisados, está diretamente associado ao crime, mas de uma “forma positiva”, ou seja, ressalta as qualidades de um criminoso competente: coragem, inteligência, agilidade, estratégia. Pode ser encarada, portanto, como uma forma de escapar do rótulo de marginal ou de delinqüente imposto pela sociedade de modo geral. O processo através do qual a sociedade passa a ver os criminosos como delinqüentes foi historicamente construído. Retomarei aqui as considerações de Foucault (1975) a respeito da noção de delinqüente.

A sociedade disciplinar, baseada no Direito, está atualmente em crise, sendo substituída pela sociedade de controle, baseada na norma, mas alguns elementos ainda persistem, tais como a noção de ilegalidade e de delinqüente. O delinqüente é um sujeito especial que a sociedade disciplinar produziu sistematicamente.

Apesar desse grupo de malandros não ter sido encarcerado, todos eles tiveram passagem por delegacias, ou confronto com policiais, como tiroteios. A

¹⁸ A Zona Leste, no total, tem cerca de 3,3 milhões de pessoas, cerca de 1/3 da população do município. (fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo)

pressão por parte de policiais corruptos é grande, além do constante risco de denúncia por parte de inimigos. Mesmo afirmando, nas entrevistas, que não têm medo de polícia, que é só pagar uma quantia de dinheiro e está tudo resolvido, percebeu-se, durante as observações, que, na prática, ocorre o contrário, sempre que uma viatura ou um helicóptero da polícia se aproxima, eles ficam tensos e em silêncio, e, quando podem, entram em algum lugar mais reservado. Dessa forma, o universo do aparato policial e carcerário, bem como o *estigma*¹⁹ de delinqüente não é distante de duas vidas.

Foucault afirma que a figura do delinqüente e o próprio crime organizado foram historicamente construídos e fazem parte do que ele denomina “sistema carcerário”. Tal sistema substituiu historicamente à “privação jurídica da liberdade” (1975: 240); como se mostrou útil aos que controlam o crime organizado, nunca foi eliminado. Compreende quatro elementos: “o suplemento disciplinar da prisão” (elemento de sobreponder); a técnica penitenciária (elemento de saber conexo); a acentuação e a recondução da criminalidade (elemento de eficácia inversa); e, por fim, a repetição de reformas com o mesmo conteúdo (elemento do desdobramento utópico).

Segundo o autor, as críticas referentes à prisão são praticamente contemporâneas a sua criação. O conteúdo dessas críticas é muito semelhante aos da crítica atuais e apontam para duas direções: que ao invés de corrigir os indivíduos, ela aumenta a criminalidade; e que ela é um erro econômico, devido ao seu custo e ao custo da delinqüência que não reprime.

O fracasso da prisão mostra, segundo o autor, que tanto a prisão como os castigos têm a função não de suprimir as ilegalidades, mas sim de destacá-las. Dessa forma, as penalidades são um mecanismo de dominação que visa traçar limites de tolerância, separando os delinqüentes do corpo social.

“O atestado de que a prisão fracassa em reduzir os crimes deve talvez ser substituído pela hipótese de que a prisão conseguiu muito bem produzir a delinqüência, tipo especificado, forma política ou economicamente menos perigosa – talvez até utilizável – de ilegalidade; produzir os delinqüentes, meio aparentemente

¹⁹ Estigma é definido por Goffman como : “... deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando seu efeito de descrédito é muito grande... e constitui uma discrepância entre identidade social virtual e identidade social real.” GOFFMAN, Erving, **Estigma – notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975, p.12.

marginalizado mas centralmente controlado; produzir o delinqüente como sujeito patologizado.” (1975: 244)

Essa separação é imprescindível para entender como é a vida e o imaginário dos jovens pesquisados. Esses jovens apesar de não estarem dentro do sistema penitenciário, sofrem influências do “sistema carcerário”. Viver na ilegalidade é, por um lado, estar à margem da sociedade no âmbito dos direitos civis, mas, por outro, é estar incluído numa sociedade de controle. Essa contradição de estar incluído ou excluído da sociedade é presente nas falas dos entrevistados, o crime aparece sempre tanto espetacular, como algo reprobatório.

O criminoso, ao ser encarado como delinqüente, torna-se um sujeito patologizado, necessitando ser “curado” para voltar a viver em sociedade. Esta “cura”, feita através de um controle centralizado, desenvolvido principalmente pela polícia, acaba tornando-o menos perigoso e, dessa forma, até mesmo economicamente produtivo. Exemplos claros disso são a estreita ligação entre o mercado informal e o “mundo do crime” e as grandes quantias de dinheiro desembolsadas na forma de propina para policiais corruptos.

Assim sendo, pode-se verificar que malandro, em primeiro lugar, constitui-se em uma classificação interna ao grupo, em oposição às classificações externas de marginal, delinqüente, bandido, retomando um termo do passado brasileiro, associado à esperteza e à astúcia.

Em segundo lugar, este termo malandro é definido pelo caráter profissional que assume. Nota-se, tanto nos relatos de observação como nas entrevistas que ser malandro requer uma boa dose de profissionalismo. Essa visão está imbuída de uma lógica que permeia o capitalismo de que a profissão é definida e valorizada pela especificidade de suas atividades, ou seja, não é qualquer um que pode executá-la, e, talvez mais importante, pela sua rentabilidade, o bom profissional é bem sucedido. Vale ressaltar que o termo malandro, aplicado neste sentido, é usado também pelas pessoas que convivem com eles, mas não fazem parte da malandragem, legitimando este caráter positivo.

Assim sendo, para os malandros, ser malandro é uma profissão (relativamente lucrativa) e que requer várias habilidades (atirar, ser “piloto de

fuga”, estabelecer uma rede de contatos seguros). A profissionalização do criminoso pode ser vista como uma decorrência da própria mudança do estatuto do crime nas sociedades globalizadas.

Nota-se que esta classificação interna está imbricada em um contexto de uma sociedade de consumo, globalizada em que impera o efêmero e a fragmentação identitária. Mas não é um fenômeno de cada indivíduo isolado, o papel do grupo tem um significado fundamental. Para analisar as especificidades deste grupo no âmbito destas questões mais abrangentes, serão retomadas as contribuições de Diógenes (1999).

A autora analisa o universo das gangues e galeras, principalmente os grafiteiros. Apesar de não tratar de grupos de criminosos, aponta para elementos importantes para a análise dos malandros. Para ela, as gangues e galeras vivem em um “*hiper-realismo*” do presente, abrindo mão dos referenciais do passado, esta atitude corresponde, como já foi abordado, à vivência dos malandros.

“Esse deslocamento do passado aliado a uma vivência marcada pela necessidade de exposição diária das turmas nos points, pela dinâmica de circularidade nos locais de agito; inscreve as gangues e galeras nas tramas da cultura global do descentramento, da identificação com ‘pedaços’ da cultura de massa universal e, ao mesmo tempo, condensa o apelo radical do localismo dos territórios, nos investimentos nas tramas da ‘solidariedade local’.” (DIÓGENES, 1999: 165)

Busca outros elementos que respondam à realidade de muitos jovens, sobretudo, aqueles das grandes metrópoles. O objetivo do artigo é observar a interrelação entre globalização, práticas da violência e formação das identidades.

“Os efeitos dessa nova dinâmica da exclusão social vão ser expressos, de forma mais marcante, entre os jovens. O processo de formação dos ‘grupos urbanos’, constituindo uma pluralidade de turmas denominadas ‘galeras’, parece expressar uma maneira de os jovens se contraporem ao vazio de referentes que recortam o cotidiano das grandes cidades. Eles formam verdadeiros territórios, onde a circulação é apenas permitida entre os ‘enturmados’. Porém, em se tratando de jovens, não seria estranho essa necessidade do recolhimento, do isolamento? Como e para que se refugiar nos limites

dos territórios, se as grandes cidades modernas são recortadas por uma quantidade e diversidade de estímulos que parecem inesgotáveis?”(DIÓGENES, 1999: 167)

É interessante pensar que os malandros, apesar de carregarem o estigma de delinqüente, também podem ser vistos como uma gangue ou galeras em alguns aspectos. O grupo é fechado e tem vínculos profundos com um território específicos que é o bairro onde nasceram.

A autora acredita o isolamento territorial deve-se, sobretudo, à própria natureza das cidades nas sociedades complexas.

“A vivência intensa da multiplicidade, a proliferação e a diversidade de ‘campos de possibilidade’ (Velho), como marca virtual das sociedades complexas, condensaria, nas práticas juvenis, as tensões que marcam as grandes cidades: universalidade/individualidade; mobilidade/fixidez; oficialidade/clandestinidade.” (DIÓGENES, 1999: 170)

A autora retoma, pois, as considerações de Gilberto Velho em relação à cidade contemporânea que está dividida em dois mundos, o “mundo oficial” e o “mundo subterrâneo”. Mas, apesar das diferenças claras entre eles, os “limites” são tênues e móveis.

“A configuração de ‘mundos’ (‘oficial’/‘subterrâneo’), que se combinam e se contrapõem, é que dinamiza e estabelece os limites entre os lugares sociais da vivência de valores relativos às normas e às transgressões, do ‘desvio’ e do comportamento ‘normal’. Deve-se ressaltar que, no caso das ‘galeras’ e das ‘gangues’, a demarcação territorial tem como objetivo não apenas a definição de áreas de segurança e domínio, tal qual se afirma recorrentemente, e também uma forma de instituição de um lugar social, de uma luta por definição de identidade, de ‘uma luta por classificação’ (Bourdieu, 1989:113).” (DIÓGENES, 1999: 170)

As conseqüências da divisão territorial levam a visualização de um mapa do poder em que há um reconhecimento dos integrantes das gangues tanto interno como pelos outros indivíduos. Este aspecto também está presente entre os malandros, a questão do território é muito bem definida. O espaço de convivência, que é o bairro onde nasceram, constitui-se em um território seguro e familiar, diferentemente da cidade como um todo. Eles diariamente vão para

o bairro onde cresceram, ficando horas e horas conversando à tarde. O local preferido para os encontros era, justamente, a Padaria.

Estes jovens estão imersos em um jogo entre a solidariedade local e os referentes globais. A solidariedade local é definida pela autora como *“um modo de produção da idéia de unidade do grupo, de coesão entre seus membros referenciada por limites territoriais restritos”*.(op. Cit., p.174). Além disso, a solidariedade local remete a um outro aspecto: *“(...) são produzidas por marcas estigmatizantes, sejam ‘internas’, como tentativa de afirmação da coragem dentro do próprio grupo de referência; sejam ‘externas’ como necessidade de proteção às constantes ameaças.”* (op. Cit., 175). A autora também retoma as concepções de Goffman a respeito do estigma.

“As redes de ‘solidariedade fechada’ se formam não apenas como modo de exercitar a fidelidade entre seus membros, elas têm um sentido mais complexo: visam a existência e a projeção pública do próprio grupo diante da ameaça de perda de referentes que dão sentido à própria construção da identidade de seus participantes.”
(DIÓGENES, 1999: 175)

O medo da fragmentação e da atomização, principalmente entre os jovens pertencentes, leva a uma luta pelo reconhecimento na esfera pública, através da formação de grupos identitários coesos. A gangue constitui-se como uma totalidade concreta, sobrepondo-se, dessa maneira, às vontades individuais de seus integrantes. Portanto, para a autora, a relação entre autonomia e identidade é sempre uma relação de forças: *“uma situação de tensão, uma relação entre dimensões sociais de maior ‘abertura’ ou ‘fechamento’.”*(op. Cit., p.180).

Segundo Diógenes, o jogo de identificações desses grupos de jovens, gangues ou galeras é sustentado por três matrizes. A primeira delas é o estigma atuando como definição e sustentação do grupo virtual. A segunda são as redes de solidariedade fechada que mobilizam as regras de conduta internas ao grupo e alimentam a hostilidade em relação aos outros grupos. Por último, a heteronomia (o ‘vazio de referentes’ simbólicos/culturais nas sociedades complexas) cria um sentimento de não-pertencimento que leva à necessidade de entrar em um grupo.

Acredita-se que estas três matrizes também possam ser aplicadas aos malandros. Como foi visto, própria definição de malandro tenta fugir do estigma de delinqüente. Pode-se transpor, também, a noção de rede de solidariedade fechada também para o universo da malandragem, pois eles pregam um conjunto de normas e de valores internos, tornando bem clara a divisão existente entre os integrantes e os outros. Um relato de observação mostra esse aspecto da falta de confiança em relação aos que não fazem parte do grupo:

“Os rapazes estavam todos reunidos na beira do rio, conversando sobre a possibilidade de alguém da rua estar denunciando para a polícia o que andavam fazendo e quando se encontravam ali. Estavam levantando suspeita de várias pessoas, tentando averiguar qual seria o motivo de cada uma dessas pessoas para contribuir para a polícia, pois esta estava há alguns meses tentando ter provas para prender esses rapazes que participavam de uma determinada atividade criminal. A polícia tinha conhecimento do envolvimento desses rapazes, mas não tinha provas suficientes, ou não tinha interesse em tê-las, para realizar as prisões. Maria, que cuidava de lavar, passar as roupas e fazer a comida desses rapazes, foi estender a roupa perto do rio onde eles estavam conversando, nesse mesmo momento, fizeram uma rodinha em volta da Maria e começaram a ameaçá-la de que se ela continuasse a denunciar o que estavam fazendo iam tomar uma atitude com ela e com seus filhos’. Maria desesperadamente repetia que não tinha nada a ver com a história e queria saber quem é que estava desconfiando dela. Fábio disse que tinha ouvido de uma pessoa que ela estava falando para a polícia o que eles andavam fazendo e os dias em que eles se encontravam. Maria continuava repetindo que não tinha falado nada. Os rapazes continuavam em volta de Maria enquanto Fábio a interrogava sobre o que supostamente teria dito para a polícia. Ele repetia várias vezes num tom ameaçador ‘Os caras estão na nossa cola mano!’, Maria chorando dizia várias vezes ‘Eu não falei nada! Eu juro por Deus e pelos meus filhos!’. Fábio respondeu ‘É bom mesmo, por que se não você sabe que neguinho roda na minha mão!’. Várias pessoas que estavam perto olhavam o que estava acontecendo, querendo saber o que Fábio iria fazer com a Maria. A Ana, disse para mim ‘Só falta agora o Fábio querer bater na Maria... Eu não vou ter coragem de ir entrar no meio, por que você sabe como ele é... Ele pode achar que fui eu que dedurei para os caras... Vou ficar bem quieta no meu canto, pra não sobrar para mim...’ Nesse momento, Fábio deu um murro numa árvore e continuou dizendo para Maria ‘Você tá ligada que se foi você que andou abrindo a boca, eu vou descobrir, mano... Você tá ligada que eu sei de tudo...’. Maria dizia num tom desolado ‘Eu sei... Eu sei... Eu cuido de vocês como se fossem meus filhos, faço a comida e lavo a roupa

de vocês... Como podem pensar essas coisas de mim?'. Fábio parecia não ouvir as palavras de Maria, continuava agressivo, repetindo sempre as mesmas palavras, enquanto todos assistiam sem dizer nenhuma palavra.' (relato de observação, realizado em 03/2004)

Este relato, além de mostrar a falta de confiança em uma pessoa mesmo próxima do convívio deles, também aponta para outra característica deste grupo. Eles usam constantemente da violência psicológica, do terrorismo para manter uma relação de poder com as pessoas que os cercam. Os malandros, assim sendo, compõem um grupo que apresenta alguns aspectos próximos à gangue. O grupo, apesar de se unir para um fim específico, que é a prática das atividades criminais, também mantém laços de cumplicidade também em outras situações. Auxiliam os outros integrantes que estão com dificuldades financeiras fazem viagens ou festas juntos. O depoimento de Marcelo que mostra a lealdade em se arriscar para tirar o amigo da cadeia é um exemplo disso.

Para a autora, as gangues e galeras são uma das formas mais visíveis da busca de solução dos jovens frente à fragmentação de valores nas sociedades modernas.

“Todos esses recursos, ou mesmo atitudes assumidas pelos participantes das gangues, projetam-se como contra-estratégias para as ameaças ampliadas de fragmentação e de descentramento que vivenciam os jovens no cotidiano das grandes cidades. As gangues, assim como sua linguagem da violência, expõem a face mais visível e caricatural da diluição e fragmentação de valores que pontuam as sociedades nesse final de século.” (DIÓGENES, 1999: 181)

Este terceiro aspecto, que é o descentramento e o vazio simbólico, também tem uma forte presença entre o grupo. Em meio a uma multiplicidade de indivíduos, esses rapazes buscam um denominador comum, ser malandro, que os defini como profissionais e aponta valores e normas a seguir.

Respondendo à pergunta inicial deste tópico – Por que Malandro? – acredita-se que, individualmente, os rapazes pesquisados tomam para si o termo malandro para fugir do estigma de delinqüente e dar um caráter de profissionalização à atividade criminal; já enquanto grupo, pertencer à

malandragem é encarado como uma resposta ao vazio simbólico e a falta de referentes nas grandes metrópoles.

O bairro em que cresceram é o palco dessas relações e tem uma importância significativa em suas vidas, além de apresentar características específicas que o diferenciam, em certos aspectos, da cidade de São Paulo como um todo. Em razão do sigilo exigido pelos rapazes entrevistados, não é possível identificar este bairro, mas pode-se levantar dados gerais que englobam o extremo leste desta cidade. Dessa forma, o cotidiano dos malandros – representado na relação que os malandros mantêm com este lugar e com seus moradores, nos diferentes personagens em cena (manés, boys, nóias) – será analisado em profundidade no próximo capítulo.

Capítulo II

O Cotidiano dos Malandros

O objetivo deste capítulo é, como o título sugere, entender o cotidiano dos malandros. O cotidiano não é tomado aqui simplesmente como rotina diária, analisar o cotidiano traz algumas implicações metodológicas que foram levadas em conta pela pesquisa, através das considerações de Pais (2003). O autor o define:

“Definimos o cotidiano como uma rota de conhecimento. Quer isto dizer que o cotidiano não é uma parcela isolável do social. Com efeito, o cotidiano não pode ser caçado a laço quando cavalga diante de nós na exacta medida em que o cotidiano é o laço que nos permite ‘levantar caça’ no real social, dando nós de inteligibilidade ao social.”(PAIS, 2003: 31)

Nessa perspectiva, estudar o cotidiano dos malandros é buscar compreender não apenas como é a vida desses rapazes, no dia-a-dia, mas, principalmente, é entender como essas vidas estão entrelaçadas com a vida de outras pessoas, influenciando e sendo influenciados por questões mais amplas, ou seja, entender como esse microcosmo está conectado com a trama social. Essas conexões são o que Pais (2003) chama de “nós de inteligibilidade” e precisam ser, em um primeiro momento, esmiuçadas, trazidas à tona, para, posteriormente, constituírem-se em material para compreensão do real.

O autor toma, então, a sociologia do cotidiano como um caminho para se romper algumas barreiras metodológicas existentes nas Ciências Humanas:

“(...) a sociologia do cotidiano é uma sociologia de protesto contra todas aquelas formas de reificação social, animadas por uma avassaladora ânsia de posse. Para a sociologia do cotidiano, o importante é fazer insinuar o social, através de alusões sugestivas ou de insinuações indiciosas, em vez de fabricar a ilusão da sua posse. A posse do real é uma verdadeira impossibilidade e a consciência epistemológica desta impossibilidade é uma condição necessária para entendermos alguma coisa do que se passa no cotidiano.”(PAIS, 2003: 28)

Dessa forma, pretende-se, sem tentar “tomar posse” do social, insinuar elementos importantes do cotidiano dos malandros, pois eles estão inseridos

num espaço (o extremo leste de São Paulo), com algumas especificidades, em contato com pessoas que não fazem parte da criminalidade.

Concentrar-se-á a análise em três aspectos que se tornaram significativos ao longo da pesquisa. O primeiro é o próprio local de convivência e de realização da pesquisa, não porque se defende aqui um determinismo geográfico, mas o objeto de análise não poderia ser estudado sem sua contextualização no tempo e no espaço. Já que as considerações a respeito do tempo presente já foram abordadas no Capítulo I, clarificando a relação dos malandros com este novo momento do capitalismo e do estatuto do crime nas sociedades complexas, cabe aqui aprofundar o significado deste espaço em suas vidas.

O segundo é analisar a questão da violência, tanto em sua dimensão cotidiana, no caso específico dos malandros, como em uma perspectiva mais ampla, da própria complexidade que assume nas sociedades contemporâneas. O terceiro diz respeito ao entendimento das relações de alteridade com os diferentes personagens (boys, manés, nóias) e das diferentes formas de sociabilidade que surgem neste cotidiano.

Nos limites da cidade: um cotidiano “marginal”

O termo marginal é aplicado aqui no sentido de margem, de limite, primeiramente, porque grande parte de suas vidas está em uma região afastada do coração da cidade. Por outro lado, o cotidiano dos malandros situa-se no limite entre o ilegal e o legal (microempresários de lotações e assaltantes), entre o tradicional e o novo (pais de família e baladeiros), entre a ordem e a desordem (criminosos e “mantenedores da ordem”).

Por se tratar de um trabalho de etnografia urbana, a presente pesquisa busca apontar alguns aspectos da imbricada trama de relações presentes neste cotidiano urbano em particular. A região metropolitana de São Paulo tem proporções, tanto em termos populacionais como de mancha urbana, assustadoramente maiores que muitas outras capitais. Nesta pluralidade caótica, acabam-se encontrando especificidades nas distintas regiões.

Para analisar as especificidades que o bairro apresenta em relação à cidade como um todo e o papel que tem na vida dos malandros, buscou-se

levantar alguns dados estatísticos, bem como depoimentos não só dos malandros, mas também de pessoas de seu convívio.

A pesquisa foi realizada em um bairro do extremo leste da cidade de São Paulo. Esta região tem algumas características específicas que trazem influências para as pessoas que a habitam, inclusive para os malandros que cresceram nesta região e ainda a freqüentam. A periferia da Zona Leste de modo geral que recebeu um grande incremento populacional a partir da década de 70. Seu processo de urbanização constitui-se horizontalmente, ocupando regiões cada vez mais distantes do centro da Capital, fazendo divisa com outros municípios, como Guarulhos, Itaquaquecetuba, Poá, Ferraz de Vasconcelos, Mauá.

É caracterizada, em sua maioria, por uma população de baixa renda que tem que se deslocar por grandes distâncias até os empregos localizados na região central. Mas, essa situação não é uniforme, no mesmo bairro, pode-se encontrar regiões com condições de vida melhores ao lado de regiões com péssimas condições. Mas a realidade das periferias do município de São Paulo é muito heterogênea²⁰, diferentemente do comumente se pensava há alguns anos atrás e é preciso um olhar mais detalhado sobre este assunto.

Há núcleos que apresentam condições de vida melhores por razões associadas a uma ocupação mais antiga ou formação de condomínios de classe média. Antes de mais nada, é preciso ressaltar que não se defende aqui um determinismo geográfico, em que as pessoas seriam meros reflexos de “habitat”, mesmo porque os malandros não estão em apenas um lugar. Mas ressaltar as especificidades desta região que está localizada no extremo leste do Município de São Paulo auxilia na compreensão dos estilos de vida e das formas de sociabilidade, bem como da relação destas com a dinâmica da cidade.

Um ponto importante para entender a dinâmica da cidade é que, apesar dessa heterogeneidade da periferia, as regiões mais afastadas do centro²¹

²⁰ TORRES, Haroldo da gama et alii (2003) “Pobreza e Espaço: padrões de segregação em São Paulo”, artigo publicado na Revista do Instituto de Estudos Avançados, IEA-USP, 17(47).

²¹ Adota-se a concepção de TORRES (2003) que toma como centro não mais a Sé e sim o Shopping Iguatemi, pois é o cerne da região mais rica da cidade, além de ser o Shopping mais antigo e importante do país (op. Cit., p. 13).

(num raio de 30 a 35 km) apresentam, de maneira geral, um baixo padrão sócio-econômico:

“Os problemas da estrutura centro-periferia ficam visíveis especialmente quando são consideradas distâncias superiores a 30 km do Centro”. (TORRES, 2003,p.13)

A pesquisa, em relação à caracterização da região no que se refere aos dados estatísticos, enfrentou o problema da escassez de trabalhos destinados especificamente à periferia da Zona Leste. Ou se dedicam à análise das periferias e região metropolitana de forma geral, ou analisam microrregiões, dentro dos distritos que compõem esta região. Dessa forma, procurou-se fazer um diálogo entre os dados “puros” e as contribuições teóricas sobre as regiões mais afastadas da cidade.

Tomou-se como base para pesquisa três fontes de dados distintas: da Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE), com os índices IPVS (Índice Paulista de Vulnerabilidade Social e o IVJ (Índice de Vulnerabilidade Juvenil); os dados da Prefeitura Municipal de São Paulo; e a produção do CEM (Centro de Estudos da Metrópole)²².

Devido à questão do sigilo em que ficou estabelecido que não poderia ser revelado o bairro onde foi realizada a pesquisa, o levantamento de dados abrange uma faixa maior, mas com características semelhantes que é o extremo leste do Município de São Paulo, compreendo os bairros de São Miguel, Itaim Paulista, Guaianases, Cidade Tiradentes e São Mateus. (ver Figura 1)

O IPVS²³, criado pela Fundação SEADE, engloba as dimensões socioeconômica (sobretudo renda) e demográfica (ciclo de vida familiar). Em relação a este índice (ver Tabelas de 1 a 5), percebe-se que o extremo leste de São Paulo concentra a maior parte de sua população nos grupos de Vulnerabilidade Baixa e Média. Economicamente, não estão em uma situação muito crítica, mas apresentam uma porção considerável de famílias jovens (característica desses dois grupos).

²²Disponível em: www.centrodametropole.org.br

Os setores que mais geram empregos nessa região são o comércio e serviços²⁴. O setor das indústrias, que foi um dos propulsores da urbanização da região, atualmente não representa mais do que 20% dos empregos (em São Miguel, são 17%). Mas quanto ao rendimento dos chefes de família, cerca de 15% não possuem rendimento e mais ou menos 60% ganham até 5 salários mínimos (fonte: Prefeitura de São Paulo).

Quanto à educação, os chefes de família apresentam uma escolaridade baixa, cerca de 35% têm somente o 1º grau completo, com uma média de 5,8 anos de estudo, bem abaixo da média municipal, que tem 49,69% de chefes de família que concluíram o 1º grau e 7,67 de anos de estudo (fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo). Ainda em relação aos chefes de família, percebe-se que cerca de um terço é composto por mulheres, dentro da média paulista (ver Tabela 2).

Quanto à violência, o extremo leste do Município tem índices alarmantes. Os homicídios estão entre as duas primeiras causas de mortes nas cinco subprefeituras analisadas, sobretudo entre a população mais jovem.²⁵

Também foram considerados pela pesquisa os dados referentes à situação dos adolescentes, através do IVJ (Índice de Vulnerabilidade Juvenil) da Fundação SEADE. Apesar da faixa etária analisada pelo índice (15 a 19 anos) não corresponder à idade dos malandros, o IVJ traz contribuições preciosas para compreender o ambiente em que eles cresceram. Este índice engloba seis variáveis²⁶ que dão uma visão geral da situação dos jovens quanto à violência, à educação, ao poder aquisitivo, etc. Nota-se que o extremo leste do Município de São Paulo tem os maiores índices de Vulnerabilidade Juvenil da Zona Leste (ver Figura 2).

²³ Disponível em: www.seade.gov.br/produtos/jpvs/pdf. A noção de Vulnerabilidade Social é mais ampla que a de pobreza, pois não se limita à baixa renda, engloba a composição familiar, as condições de saúde e de educação, emprego com estabilidade ou não

²⁴ Itaim Paulista: 48,1% no comércio, 31,2% no setor de serviços/ Guaianases: 44,7% no setor de serviços, 40% no comércio (fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo).

²⁵ Na faixa etária que compreende os 15 aos 39 anos (em porcentagem aproximada): Cidade Tiradentes – 55%; Guaianases – 55%; Itaim Paulista – 50%; São Mateus – 52%; São Miguel – 45%. (fonte: Prefeitura de São Paulo).

²⁶ As variáveis são: taxa anual de crescimento (91 a 2000), percentual de jovens (15 a 19 anos) no total da população, taxa de mortalidade masculina por homicídio (15 a 19 anos); percentual de mães adolescentes (14 a 17 anos), renda média dos responsáveis pelo domicílio e, por fim, o percentual de jovens (15 a 17 anos) que não freqüentam a escola.

Sem recair na já tradicional idéia de que a pobreza gera a criminalidade e a violência, verifica-se, através dos dados apresentados, que esta porção da cidade de São Paulo apresenta altos índices de desemprego e violência, baixa escolaridade, além de uma situação bastante crítica no que se refere à juventude. Não se pode desprezar este contexto sócio-econômico representa um universo de poucas possibilidades de ascensão e mudança para aqueles que estão “começando a vida”, já que a realidade do desemprego e do emprego mal remunerado é bem próxima.

O bairro em que foi realizada a pesquisa de campo foi o palco da infância desses rapazes, foi onde eles estreitaram as amizades com os outros integrantes do grupo e com as pessoas do local. Este bairro não difere muito de um bairro típico dos extremos da cidade. A pobreza e a dificuldade estão presentes em cada metro quadrado desse lugar. São poucos os recursos, no que se refere a saneamento, ele é feito através de canos que os próprios moradores instalam e que despejam no rio que atravessa de ponta a ponta essa vila.

A eletricidade é adquirida a partir de ligações clandestinas com os fios das ruas asfaltadas (“gambiarra”), tornando-se algo caótico e perigoso aos olhos. Ao caminhar em certas partes das ruas de terra tem-se que abaixar a cabeça devido aos fios de eletricidade que atravessam a largura das ruas. É quase impossível perceber a ligação que fornece energia para determinada casa, as ligações são um emaranhado de fios e arames e constantemente acontecem baixas de energia, queimando televisões, chuveiros, ferros de passar roupa, etc... As casas, em sua grande maioria, são de tijolos aparentes, de no máximo três cômodos e possuem todas as paredes amareladas devido às constantes enchentes durante o período das chuvas.

Durante o dia as ruas ficam repletas de crianças das mais variadas idades, brincando no meio da terra batida, de vez em quando correm para os cantos (quase não há calçadas) para desviar de algum eventual carro que passe pela rua. As mulheres, na maior parte, donas de casa, ficam conversando nas portas com as vizinhas, sendo que as ruas esvaziam-se nos horários de café, almoço e jantar. Os homens, em sua maioria sem trabalho remunerado, diariamente freqüentam os vários bares que se espalham pelas ruas.

Há um grande problema de alcoolismo entre os moradores, tanto homens como mulheres, as brigas e desentendimentos são constantes nesses locais e tragédias acontecem periodicamente. Esses moradores que não têm um trabalho fixo, vivendo de certos “bicos” e auxílios como “Bolsa Família”, “Bolsa Escola” oferecidos por programas governamentais, como fonte de renda para as necessidades diárias.

As poucas pessoas que trabalham saem de casa de madrugada e, quando não usam a bicicleta como meio de transporte, caminham cerca de 20 minutos para chegar na avenida onde circulam os ônibus e lotações, cujo destino são os terminais de ônibus e estações do metrô. São poucos os que possuem carros. Essas pessoas geralmente têm empregos mal remunerados, na construção civil (pedreiro, mestres de obra), como mecânicos, no caso das mulheres, trabalham de faxineiras, ou de balconista e vendedoras. Quem trabalha fora, retorna à noite, pois o sistema de transporte é precário no que diz respeito aos horários e à superlotação dos ônibus e das lotações.

Na época das enchentes, no início da pesquisa, em 2002, esse percurso tornava-se ainda mais complicado, pois as ruas de terra ficam alagadas até os joelhos devido às enxurradas, sendo preciso, às vezes, atravessá-las de barquinho pelos que precisam pegar ônibus para ir ao trabalho. Quando o nível da água abaixa, a lama é outro empecilho. As pessoas demoram mais de 40 minutos para chegar ao asfalto sem que sujem seus sapatos e roupas. Atualmente, devido a algumas reformas propiciadas pelo governo municipal ou por iniciativa dos moradores (aterramento), o nível das águas nas ruas não sobe tanto, mas uma boa parte das casas, que ficou abaixo do nível da rua, continuam a ser inundadas, tornando-se ainda mais difícil o escoamento das águas.

Nos finais de semana o lazer, para poucos que possuem uma melhor condição econômica, basicamente é se arrumar e ir até o asfalto para comer alguma coisa, como um cachorro-quente, ou um pastel, conversando nas ruas com os amigos. De vez em quando, adultos reúnem-se e vão até uma casa de forró localizada na avenida em que circulam os ônibus. Mas, a grande maioria das pessoas, homens e mulheres, fica nas ruas sem asfalto, conversando nos bares, bebendo, jogando cartas ou dominó e ouvindo

música até de madrugada. As crianças brincam entre si nas ruas sem iluminação até a hora em que seus pais e mães resolvam ir para casa.

A parte do bairro mais próxima da avenida atualmente está pavimentada, mas não foi sempre assim:

“Sabe, aqui onde tem a casa dos meus pais, na rua da padaria, é legal, tem luz, tem esgoto, tem asfalto, mas não era sempre assim. Na minha infância, quase tudo era que nem lá em baixo, aquela lama, aquela miséria, agora o bairro está melhorando aos pouquinhos. Eu até queria comprar uma casa para o meu velho morar, em um lugar melhor, mas ele gosta daqui, fazer o quê?”
(depoimento de Marcos, 27 anos, 10/2003)

Os rapazes estudados atualmente não moram mais no bairro onde nasceram e onde foi realizada a pesquisa de campo. Com o dinheiro que juntaram, foram morar em bairros melhor situados, de classe média. A maioria optou por morar em apartamentos, apenas um comprou uma chácara para morar com sua esposa.

A peculiaridade do bairro de origem, como o que foi descrito, contrapõe-se a este bairro de classe média em que certas questões como saneamento básico, abastecimento de energia e de água, bem como o asfalto das ruas e a própria arquitetura das moradias, estão praticamente resolvidas. Uma característica que não é encontrada em bairros mais centrais é a dos moradores ocuparem as ruas e calçadas como extensão de suas casas seja no caso das crianças que brincam nas ruas, como também os adultos que passam o dia e a noite conversando nas calçadas sendo que, em alguns casos, até colocam cadeiras e mesas nesses espaços.

A questão da moradia nestes bairros centrais é visualmente melhor planejada, de modo que, em sua grande maioria, demonstra uma preocupação estética em estar adequada ao nível sócio-econômico da região em que é localizada. Esses bairros, cuja população tem maior poder aquisitivo, apresentam um maior número de prédios, devido à supervalorização de sua área. O fornecimento de energia elétrica e a coleta de esgoto e lixo são realizados por empresas especializadas, não ocorrendo as “gambiarras” tão presentes nos bairros mais pobres.

A questão do trabalho fixo remunerado é mais presente nesses bairros, fazendo com que a circulação de dinheiro seja bem maior que nos bairros mais pobres. Ao contrário de um bairro de periferia, as pessoas circulam pelas ruas de maneira que estejam indo ou voltando do trabalho, ou resolvendo alguma questão ligada ao seu serviço. As pessoas não ficam sentadas em suas calçadas conversando, as crianças também não ficam brincando no meio das ruas. O movimento de carros e ônibus é bem maior e não é preciso caminhar cerca de 20 minutos para se chegar numa rua asfaltada onde circulam os ônibus, como também o acesso ao metrô é mais facilitado. As dificuldades criadas pelas chuvas não são tão caóticas se comparadas às de um bairro mais periférico, apesar de o trânsito ser prejudicado, não há problemas de enchente periódicas nas casas, e as pessoas não precisam fazer “malabarismos” ao caminhar por uma rua cheia de lama durante 40 minutos para chegar ao asfalto.

Outro contraponto em relação aos bairros periféricos é a questão do lazer nos finais de semana. As ruas, no bairro de moradia atual dos malandros, esvaziam-se de seus moradores, que em sua maioria, possuem condições de viajar no final de semana, ou de realizar passeios como ida ao teatro, cinema ou shopping. A questão do alcoolismo não é tão explícita, não é tão comum pessoas ficarem o dia inteiro no bar bebendo e conversando com os amigos, o consumo de bebidas alcoólicas é feito dentro de casa ou à noite em bares, conhecido como “happy hour”.

A vida nos bairros mais centrais difere, de uma maneira geral, da vida nos bairros periféricos, principalmente, no que diz respeito ao distanciamento da vida particular, privada, de seus moradores da vida social, pública, no sentido de que os conflitos, os problemas, os acontecimentos não são do conhecimento de todos, ao passo de que nos bairros mais periféricos há um conhecimento maior sobre a vida dos vizinhos, uma maior proximidade afetiva entre as pessoas.

Mas, apesar das vantagens encontradas nos bairros mais centrais, os malandros quase que diariamente, voltavam para o bairro onde viveram a infância e permaneciam juntos, conversando durante à tarde. Um deles comentou que não consegue se adaptar ao bairro que mora atualmente,

porque se sente muito solitário, não consegue fazer amizades, lá ninguém sabe quem ele é:

“Carlos: -Eu não moro mais aqui não, Luciana, agora moro no (.....), lá é bem melhor, eu tenho um apartamento. Lá tem de tudo que você precisa, tem conforto, está mais perto do centro, não é que nem aqui não. Tudo é melhor, as videolocadoras, os restaurantes, os supermercados. Chega de pobreza!

Pesquisadora: -Mas, se você não mora mais aqui, porque vem quase todo dia para cá?

Carlos: -Porque lá não é a mesma coisa que aqui, ninguém me conhece... Eu mal cumprimento as pessoas no elevador, não dá para fazer amizades. Aqui todo mundo se conhece, até quem não gosta da gente, não gosta, mas respeita, não se mete à besta, porque você tá ligada que aqui não é mole não. Lá tem conforto, mas é meio solitário, ainda mais morando sozinho. Aqui a gente se diverte, a gente encontra a turma, lembra das coisas que a gente aprontou junto...” (depoimento de Carlos, 25 anos, em 06/2004)

É no bairro que ele se sente como pertencente a algo maior, sente-se à vontade, apesar deste lugar não oferecer o conforto de um bairro melhor situado. Esse é um dado muito importante para a pesquisa, visto que esta necessidade de manter os laços com o bairro onde cresceram acabou trazendo problemas para esses rapazes. Neste bairro, muitos sabem que eles praticam atividades criminais e poderiam denunciá-los para a polícia a qualquer momento, que muitas vezes, por rixas ou desentendimentos. Esses rapazes, ali, corriam riscos constantes, devido a essa visibilidade em relação às outras pessoas, pois além de sempre freqüentarem os mesmos lugares, gostavam de tornar sua condição de pertencente à malandragem em evidência.

Além do risco constante das batidas policiais, o perigo também consistia na rivalidade de outros grupos de criminosos, havia um jogo de forças que nem sempre era equilibrado. O grupo de malandros pesquisado, em suas falas, deixava claro que era dominante na região, com expressões tais como: *“Aqui é a gente que manda”, “só desce e sobe essa rua quem a gente quer”, “ninguém pega a gente aqui, é o nosso território”*. Mas, um acontecimento que deixou todo o grupo abalado, mostrou claramente que nesse meio não existe nenhum tipo de garantia, Fábio, o mais agitado e agressivo da turma, foi assassinado

na frente da pizzaria que todos freqüentavam, por dois rapazes que passavam de moto, não se sabe se por vingança, ou por encomenda.

Esse fato afetou o grupo como um todo. Eles já haviam perdido outros amigos próximos, mas essas outras mortes foram consequência de embates diretos com a polícia, ou com grupos rivais. Nenhum havia sido atingido em uma tocaia como esta, que destruiu a ilusão que tinham de estabilidade e de domínio naquela região. Foi rompido, desta forma, um dos pilares que constituíam a força do grupo: a idéia de segurança dentro daquele território.

A violência diária

O cotidiano dos malandros está permeado de cenas de violência, representando um papel central em suas vidas. Eles são, ao mesmo tempo, praticantes e vítimas. Praticantes, pois, como foi visto, cometem atos violentos durante a atividade criminal ou para manter o silêncio. A violência seria, neste aspecto, uma forma de imporem sua autoridade, um meio necessário para exercerem suas atividades criminosas. Mas, tornam-se muitas vezes vítimas da violência, devido à realidade dolorosa encarnada na perda de pessoas queridas.

A violência também é uma marca forte desde a infância entre as pessoas da periferia, no que se refere tanto aos castigos dos pais, como no relacionamento entre as crianças e mais tarde entre os jovens. Uma frase muito comum a respeito: “Filho meu se apanha na rua, apanha de novo em casa para aprender”. Essa violência física pode ser encarada como um dos fatores de união entre grupos de jovens, os motivos das brigas podem ser individuais, mas o desfecho é sempre coletivo. Os “salões” como são chamadas as casas noturnas são sempre freqüentados em grupo porque as brigas são comuns. É chocante quando eles se juntam para espancar alguém que os desagrada, às vezes por motivos pequenos: um boato, uma discussão.

Mas a violência não é um fenômeno exclusivo do universo da criminalidade, nem tampouco dos bairros economicamente desfavorecidos, também está presente no cotidiano de toda a sociedade contemporânea, sendo motivo de discussão e preocupação de todos. Tentar levantar elementos que possam contribuir para a compreensão da violência contemporânea, tanto no âmbito específico desta pesquisa, como no seu aspecto mais amplo, das

relações sociais nas sociedades contemporâneas, é vital para a análise do cotidiano dos malandros.

Michaud (1989) traz importantes contribuições a respeito do próprio conceito de violência, que apesar de fazer sempre parte da vida em várias sociedades, é sempre muito difícil de se definir, e as definições são, de modo geral, contraditórias ou vagas. Para ele há sempre uma referência a dois pontos fundamentais nas várias concepções de violência: o elemento de força física e seus efeitos e a noção de transgressão, associada a uma norma, uma ordem estabelecida.

“Tentamos dar uma definição que dê conta tanto dos estados como dos atos de violência. Há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.” (MICHAUD, 1989: 11/12)

Esta concepção é bastante rica, já que além de abarcar a violência física e moral, também inclui os danos referentes à participação simbólica e cultural. Os preconceitos e as barreiras devido à discriminação social podem ser encarados como manifestações de violência. Neste aspecto também os malandros podem ser entendidos como vítimas, apesar de terem poder aquisitivo, não são aceitos e valorizados em ambientes com um padrão sócio-cultural mais elevado. Talvez disso resulte o desconforto que eles sentem nos bairros onde atualmente residem, Marcos, em entrevista, comenta este fato:

“É duro, a gente tem dinheiro, bota banca, mas não é a mesma coisa que esse povo que foi criado a leite Ninho, ta ligada? Não dá... no meu edifício, às vezes fico ouvindo as conversas no elevador sobre a peça de teatro tal, sobre a viagem pra não sei aonde, não dá pra entender nada! Parece outra língua, mano! Eu nunca ia conseguir me misturar, não adianta nem tentar, por isso que larguei a faculdade, esse não é o meu lugar... Vai dando uma raiva, porque as madames olham a gente desconfiado, parece até que a gente vai roubar elas, meu! Parece até que a gente tem alguma doença, mano!” (Depoimento de Marcos, 26 anos, em 09/2002)

Este desconforto de não entender o que as pessoas com um padrão sócio-econômico mais privilegiado dizem ou da forma que elas os tratam pode ser interpretado como uma violência simbólica, em que os malandros não detêm os elementos, apesar de possuírem dinheiro, para interagir adequadamente neste meio. Outro fato recorrente, ligado principalmente à questão intelectual, era que, durante as entrevistas, eles tentavam não falar gírias ou se preocupavam com a pronúncia certas das palavras, já que a pesquisadora representava este “outro mundo”.

A compreensão da violência, segundo Michaud, não pode ser desvinculada de critérios e pontos de vista, pois a noção de violência implica um caráter profundamente normativo. A absoluta objetividade ao tratar da violência acabaria por reduzi-la somente a dados referentes à agressão física.

“Portanto, a violência é assimilada ao imprevisível, à ausência de forma, ao desregramento absoluto. Não é de espantar se não podemos defini-la. Como as noções de caos, desordem radical, de transgressão, ela, com efeito, envolve a idéia de uma distância em relação às normas e às regras que governam as situações ditas naturais, normais ou legais. Como definir o que não tem nem regularidade, nem estabilidade, um estado inconcebível no qual, a todo momento, tudo (ou qualquer coisa) pode acontecer?”
(MICHAUD, 1989: 12)

O autor acrescenta que aliado ao discurso da violência, estão duas idéias: a de caos e a de imprevisibilidade, ou seja, tudo pode acontecer no cotidiano. A idéia de violência sempre remete à ação, já que está ligada a noção de transgressão, seja no sentido positivo ou negativo do termo.

Faz um balanço, apontando para aspectos importantes ao se trabalhar com o tema da violência. Mesmo as definições objetivas estão influenciadas por diversos fatores e não apreendem o conjunto dos fenômenos. A apreensão da violência tem sempre um caráter subjetivo, ou seja, não se pode comparar dados sobre a violência de sociedades e épocas com grandes diferenças entre si, em suma, não pode haver, segundo ele, um discurso ou um saber universal a respeito da violência.

O autor aponta para as mudanças que se operam nas sociedades contemporâneas em relação à violência. Elas ocorrem, sobretudo, no que se refere a uma racionalidade técnica, traduzida em novas tecnologias. Para ele,

não há sentido comparar a violência nas sociedades tradicionais com a violência nas sociedades contemporâneas. Há ainda presentes, é claro, elementos e formas de violência que foram comuns nos séculos passados, mas a questão assume outras proporções.

O distanciamento das sociedades contemporâneas e das sociedades do passado deve-se principalmente ao fato de que as primeiras têm agora novos e poderosos meios de destruição (bomba atômica, armas químicas) e novos mecanismos de controle, além dos meios de comunicação de massa (a mídia) e das técnicas de instrumentação social.

“(...) a racionalidade técnica, instrumental e de gestão que opera nas sociedades contemporâneas leva a valorizar o controle dissimulado dos problemas e a solução racional dos conflitos, condenando o recurso à violência aberta, brutal e sangrenta. Desenvolve-se assim uma antinomia entre potencial de violência sem precedentes e um ideal de funcionamento racional e sem sobressaltos.” (MICHAUD, 1989: 42)

Entre esses aspectos que o autor aponta para a mudança do estatuto da violência nas sociedades contemporâneas, a relação com a mídia é de grande importância. A violência torna-se um tema privilegiado já que contém uma carga de ruptura muito grande, causando impacto nos telespectadores.

A mídia introduz três novos elementos que mudam a forma das pessoas encararem a violência. O primeiro é que a relação dos indivíduos com o mundo passa pelas imagens, não sendo mais apenas a tradição escrita ou oral. O perigo é que as imagens podem ser facilmente distorcidas, conseqüentemente, a impressão que se tem da violência através das imagens também é distorcida:

“O que conta não é a realidade vivida, mas o que ficamos sabendo e o que a mídia deixa ver(...). É aqui que ocorrem todas as possibilidades de desinformação: desinformação por retenção de informação, por manipulação de informação, por excesso de informação também.” (MICHAUD, 1989: 50)

O segundo é que as *imagens se tornam a parada de batalha: “Trata-se de controlar não só o conflito, mas a maneira como ele aparece.”*(op. Cit., 50). As partes envolvidas nos conflitos armados (forças armadas, guerrilheiros, terroristas) utilizam-se da mídia para expor suas causas e ações, que acabam

adquirindo proporções bem maiores do que se permanecessem apenas no âmbito local.

O terceiro elemento, na concepção do autor, é o mais importante e consiste na banalização da violência:

“Se é verdade que a experiência contemporânea da violência passa em grande parte pelas imagens, tal experiência só pode ser suavizada e banalizada. É nesse sentido que as imagens da violência são perigosas. (...) não há dúvida de que as imagens da violência contribuem de modo não desprezível para mostrá-la como mais normal, menos terrível do que ela é, em suma: banal. Cria-se assim um hiato entre uma experiência anestesiada e as provas da realidade, raras mas muito fortes.” (MICHAUD, 1989: 51)

É claro que não se pode estabelecer uma ligação direta entre a violência praticada e as imagens que se fazem dela, mas o papel da mídia em “anestesiá-la” os efeitos que os atos violentos causam nas pessoas é, sem sombra de dúvidas, decisivo. As sociedades contemporâneas apresentam uma certa vulnerabilidade, devido à extrema complexidade de suas relações, econômicas, sociais, culturais. Segundo o autor, há uma tolerância cada vez menor em relação à violência, já que os costumes foram civilizados e suavizados. Essa racionalidade complexa, por um lado é mais propensa aos desvios e distúrbios, entre eles, a violência. Por outro, está sempre elaborando novas técnicas e formas de controle para evitar ou solucionar esses desvios.

“Produz-se, assim, um permanente movimento de racionalização e de ritualização dos problemas do qual a violência não escapou: ela se banaliza, mas ao mesmo tempo se vê, pelo menos em parte, delimitada e submetida ao controle, às tecnologias da violência correspondem contratecnologias que lhes servem de remédio.” (MICHAUD, 1989: 53)

Segundo este autor, nas sociedades contemporâneas, a violência perde seu encanto, passando a ser um meio para finalidades específicas. Pode adquirir características purificadoras ou perversas, dependendo da forma ou de quem a aplica. Ela está submetida à racionalização e ao cálculo, como as outras esferas da vida: *“ela entra na perspectiva de uma ação instrumental onde é um meio racional entre outros, com vistas a finalidades colocadas por outra via”* (op. Cit., p.55).

Apesar da tônica das entrevistas não tocarem diretamente esse tema, devido ao acordo mútuo entre a pesquisadora e os pesquisados, transparecem vários elementos que apontam nesta direção, sobretudo nos relatos de observação. A violência é personificada no cotidiano dos malandros tanto em sua dimensão psicológica: o terrorismo que eles fazem com as pessoas que estão a seu redor e que a polícia exerce em relação a eles. Como, principalmente, na dimensão física: assassinatos e linchamentos.

A forma de encarar a violência como um meio racional para atingir determinados fins está fortemente presente no cotidiano dos malandros e é o que Habermas chamou de razão pragmática. O latrocínio, apesar de não ser admitido diretamente nas entrevistas, é uma dimensão presente para quem pratica assaltos²⁷. Carlos, perguntado a respeito dos linchamentos, comentou:

“Eu não gosto de bater, não leva a nada, você dá uma sova no cara, aí ele vai e faz a mesma merda de sempre. Eu não gosto de bater, gosto de matar! Bater, você acaba se machucando, se sujando, dar uns pipocos é rápido e resolve logo a situação.” (Depoimento de Carlos, 24 anos, 12/2003)

Esta postura, em relação à violência, de preferir matar do que bater, principalmente através do uso da arma de fogo (*“dar uns pipoco”*), remete a dois princípios apontados por Michaud em relação à violência contemporânea. Chocantemente, o homicídio se banaliza e é perversamente racionalizado, já que é um meio “limpo”, (ao invés da sujeira do linchamento) e eficiente, pois, segundo Carlos, *“resolve logo a situação”*.

Ocorreram alguns linchamentos durante o andamento da pesquisa de campo, mas não foram observados diretamente pela pesquisadora. Os dados foram coletados através dos relatos de moradores que presenciaram os acontecimentos e dos comentários dos próprios malandros. Estes linchamentos constituíram na formação grupos de pelo menos oito rapazes para agredir a

²⁷ Notícias de mortes decorrentes de roubos ou assaltos povoam tanto os noticiários televisivos como as matérias de jornais: Do “Agora”. **Dupla mata guarda-civil em base de Cotia**. Folha de S. Paulo, SP, 30 jun. 2005. Caderno Cotidiano, p.10.; HISAYASU, A. **Latrocínio aumenta 85% na cidade de São Paulo**. Folha de São Paulo, SP, 02 ago 2005. Caderno Cotidiano, p.10.; RAMOS, V. e PENTEADO, G. **Preso suspeito de torturar e matar família**, Folha de S. Paulo, SP, 13 set. 2005. Caderno Cotidiano, p.01.

vítima que, além de pontapés e socos, usavam pedras e paus, concentrando os golpes na cabeça. Serão descritos, abaixo, dois episódios.

Em fevereiro de 2003, Patinho, um rapaz que vivia de favor na casa de Seu Tião, (um senhor muito admirado pelos malandros), roubou algumas coisas de lá para obter crack. Seu Tião decidiu que não daria queixa à polícia e, mesmo não reavendo os itens roubados, permitiu que Patinho voltasse a morar em sua casa. Mas os malandros não se conformaram com esta decisão e, dois dias depois, de madrugada, deram uma surra tão violenta neste rapaz, que ficou hospitalizado por vários dias. Este acontecimento, devido à sua violência e à desaprovação de Seu Tião, foi sucedido de um desconforto entre os vizinhos e conhecidos e do silêncio dos malandros.

Em abril de 2004, Paulo estava em condicional por cumprir pena por furto e mantinha contato com os policiais da região, provavelmente como informante. Era, dessa forma, taxado, pelos malandros como ganso (sinônimo de informante). Alguns dos malandros pesquisados, ao virem Paulo conversar com a polícia, juntaram-se para bater nele no dia seguinte, à plena luz do dia, no meio da rua. Após este linchamento, houve comentários de aprovação tanto dos moradores (inclusive a irmã de Paulo) como dos próprios malandros. Os malandros, orgulhosos, diziam: *“Você viu a bicuda que eu dei no cara?”*, *“A cabeça do maluco era tão dura que o pau não agüentou... Dá próxima vez, eu vou de bloco pra cima!”*, *“Porra! Estraguei meu sapato novinho, um Diplomata!”*.

Percebe-se que os linchamentos ocorreram devido à quebra do código de conduta dos malandros, o primeiro em razão do roubo de um trabalhador honesto, o segundo em razão da possível denuncia à polícia. Foram, dessa forma, atos violentos justificados como uma necessidade para se manter a ordem do lugar, reforçando a função de juízes que os malandros assumem no bairro de origem.

Mas nota-se uma importante diferença entre ambos, o primeiro foi executado na surdina, de madrugada, o outro, à luz do dia. Acredita-se que esta diferença esteja associada à aprovação ou não dos linchamentos pelos demais. Ou seja, estes atos violentos, além de preservar o código de conduta, teriam um propósito ético (no sentido defendido por Habermas), vinculado aos valores daquele determinado contexto social que necessitaria da aceitação dos moradores.

Dessa forma, é fundamental atentar para o caráter dúbio da violência na sociedade contemporânea, devido ao processo de racionalização. De um lado, ela pode se tornar banal, através do seu uso contínuo e de sua valorização pela mídia. De outro, em larga escala, é tomada como mecanismo de controle e poder nas interações humanas. A própria forma de os malandros encararem a violência é também dúbio, dividindo-a entre violência necessária e, portanto, aceitável, e a desnecessária, que, ironicamente, deveria ser combatida também com violência.

A violência torna-se, assim, um importante mecanismo de poder nas mãos dos malandros. Este poder mantém, através do medo, o grupo coeso e o silêncio dos moradores. Mas as diferentes sociabilidades vivenciadas pelos malandros não são apenas regidas pelo medo e pela violência, apresentam uma complexa dinâmica baseada também em laços de amizade e admiração que precisa ser analisada atentamente.

Revelando os “nós de inteligibilidade”

Como foi explicitado no início deste capítulo, é preciso, segundo Pais (2003), expor os elementos que mais se destacam no cotidiano para, com eles, poder revelar o real. É nisto que concentra esta parte da dissertação: apontar aspectos marcantes na vida cotidiana dos malandros tanto no que se refere às diferentes formas de sociabilidade como em sua afirmação identitária e definição enquanto grupo. Dessa forma, serão tratadas as especificidades em relação aos outros personagens (nóias, boys, manés), a seus relacionamentos amorosos e ao convívio com os moradores do bairro de origem.

Através dos dados levantados pela pesquisa de campo, pode-se verificar que esse grupo se contrapõe principalmente a outros jovens que fazem parte de seu convívio, como os nóias e os simples ladrões (que não são encarados como malandros por eles) e a polícia. Eles, por outro lado, tentam se aproximar, em relação ao estilo de vida, do grupo que eles denominam boys e as características que compõem os traços de empresário.

Segundo Agier (2001), a abordagem relacional das identidades é definida na medida em que estabelece a identidade a partir da relação a um outro, atenta para o fato de que essas identidades tanto individuais como coletivas não podem ser analisadas por si só: “(...)É necessário, então, pensar-

se a si próprio a partir de um olhar externo, até mesmo de vários olhares cruzados.” A cidade é o local por excelência que estimula este aspecto relacional das identidades:

“A cidade multiplica os encontros de indivíduos que trazem consigo seus pertencimentos étnicos, suas origens regionais ou suas redes de relações familiares ou extrafamiliares.”(AGIER, 2001, p.10)

Essa perspectiva é muito importante para a presente pesquisa, já que o grupo analisado, os malandros, tenta estabelecer, em meio a um universo de vários traços identitários, a sua própria identidade, que muitas vezes se aproxima ou se confunde com outras identidades. Isso fica claro quando se tenta extrair de seus depoimentos o que é ser malandro. Como foi visto anteriormente, muitas vezes, a definição aparece em negação a outras identidades, não é nóia, não é ladrão.

Ao longo da dissertação, as falas dos malandros estão permeadas de referências a outros personagens de seu convívio: os nóias, os manés, os gansos, os boys e a polícia. A relação com estes vários personagens presentes na periferia revela aspectos importantes de como os malandros constituem sua identidade e diferenciam-se dos outros. Viver na malandragem, como foi visto, além de ser uma forma de sustento, uma “profissão” que lhes proporciona um bom padrão sócio-econômico, está vinculada também a um estilo de vida específico. Dessa forma, é importante esclarecer alguns traços que compõem estas outras identidades.

Os nóias, de modo geral, são os jovens que se submeteram ao efeito das drogas, não conseguindo ter um destaque na comunidade a qual pertencem, sendo viciados em drogas, as quais apresentam os efeitos mais devastadores, como o crack ou a cocaína. O termo “nóia”, justamente, decorre da palavra paranóia que popularmente denomina o estado de abstinência das drogas. Em razão dessas características, o termo é sempre usado em referência aos outros, já que ninguém quer ser nóia, pois é considerado o pior xingamento. De certa forma, não pode ser encarado como um grupo com características próprias, pois esse termo é utilizado em relação aos outros de forma a denegrir ou a rebaixar essas pessoas, como um *estigma* (Goffman, 1975).

Os malandros encaram os nórias como pessoas fracas, incapazes de realizarem feitos importantes, pobres e sem coragem. É o desordeiro, o drogado, o incompetente. É preciso salientar que, no grupo pesquisado, a maioria usa drogas, diariamente a maconha, em casos especiais a cocaína. Mas os malandros não se consideram viciados, pois acreditavam ter o controle sobre as drogas, diferentemente dos nórias que se deixam dominar. Também foi notado que algumas vezes esse termo era utilizado também para pessoas com problemas mentais, como o caso do irmão de Fábio.

“Selma: - Ô, Fábio, vi seu irmão por aí pedindo um real pra tudo que é gente na rua.

Fábio: - Nem me fale, que eu só não mato esse nória por causa da minha mãe, coitada, que não merece o desgosto de enterrar um filho!

Selma: - Mas ele não é muito certo da cabeça, né?

Fábio: - Ele sempre foi meio esquisito, aí deu pra cheirar tudo que vem pela frente, parece um aspirador de pó, não sabe fazer a cabeça... Nem considero meu irmão, entende, que vergonha pro movimento!

Selma: - É por isso que quando te vê, ele já vai saindo fora... (risos)

Fábio: - É bom mesmo, pra isso ele não é louco, ele sabe que se eu pegar ele pedindo dinheiro por aí, eu arregajo ele!” (relato de observação, 01/2003)

Esse relato mostra como o nória traz embaraço para as pessoas que o conhecem, sendo motivo de vergonha e chacota para Fábio. É reforçada aqui a noção de estigma. Segundo Goffman:

“O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto, ele não é, em si mesmo, nem honroso, nem desonroso(...) Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e esteriótipo.” (GOFFMAN, 1975: 13)

Assim sendo, o estigma de nória pode ser encarado como um esteriótipo que, através das relações estabelecidas de identidade/alteridade, teria a função de destacar certos comportamentos não valorizados. Ou seja, o nória é estigmatizado pelo fato de não conseguir controlar o efeito das drogas e não pelo uso em si.

Pode-se definir *boy*, em termos gerais, como quem possui bastante dinheiro, pertencente a uma classe social favorecida. Ele gosta de ostentar essa posição através de roupas caras, carros importados e celulares de última geração. Isso é uma característica também presente na vida dos malandros, mas a grande diferença é que os boys têm dinheiro de suas famílias, não precisando nem trabalhar, nem tampouco roubar.

Para os malandros, os *boys* têm uma vida de eterna festa, não têm obrigações com relação ao serviço, também não correm risco de vida com atividades criminais. A visão que os malandros têm em relação aos boys é ambígua, de um lado, admiram e tentam imitá-los, reproduzindo seus estilos de vida. De outro, causa-lhes irritação o fato de os boys não precisarem se preocupar em conseguir dinheiro. Com isso, o *boy* também é considerado um fraco porque recebe tudo facilmente, ao contrário do malandro, que “*tem que correr atrás*”. Para eles, não está clara a noção de uma diferença de classe social, *boy* pode ser um rapaz do mesmo meio, sustentado pelo pai. Um rapaz que já pertenceu a esse grupo de malandros, mas resolveu deixar o crime, foi taxado de *boy* pelos outros e passou a ser tratado com desprezo. Um trecho de seu depoimento denota o desprezo dos malandros:

“Eu também não quero mais saber desses carinhas, não quero mais me misturar com essa laia, do Carlos, do Marcelo, e pior ainda do folgado do Fábio. Eu sei que eles ficam me tirando, me chamando de boy, eu tô me fodendo para eles, desculpa a palavra. Mas é a real. Eles estão é s roendo de inveja, porque, para ter as coisas que eu tenho, eles precisam roubar, e eu não preciso. Eu tenho família, meu pai tem uma loja. Quando eu fazia parte do esquema, era Cláudio para cá, era Cláudio para lá. Agora, querem me ver pelas costas, é por isso que não acredito mais em amizade... O que eu já fiz pelo Marcelo, eu era o braço direito, o que ele precisava, eu tava ali do lado. Agora me ignora, fica me tirando pelas costas, deixa ele. Eu tenho a consciência limpa, eu saí dessa vida, porque quero um futuro decente, não porque sou covarde, saí porque eu tenho escolha, se eu quisesse, eu continuava!”(depoimento de Cláudio, 25 anos, 01/2004)

Neste depoimento, transparece um aspecto muito importante da realidade do grupo dos malandros: a amizade está intimamente relacionada com as atividades que realizam. A partir do momento que um integrante deixa de ser malandro, deixa também de ser parte do grupo, deixa de ser amigo.

Apesar de Cláudio não ter traído ou denunciado seus antigos amigos, seu relacionamento com o grupo tornou-se cada vez mais complicado.

Outro aspecto importante é o fato de Cláudio ter que justificar sua saída da criminalidade: “*saí porque quero um futuro decente, não porque sou covarde*”. Esta frase reforça a concepção de que para viver na criminalidade é preciso ter muita coragem e sair dela, conseqüentemente, é um sinal de covardia.

Mané é a pessoa comum e humilde, é o trabalhador que não consegue ascender profissionalmente nem socialmente. Pode ser também aquele que vive de um golpe ou outro, ganhando pouco dinheiro ou, ainda, vivendo de pensão e de pequenos bicos. Para os malandros, *mané* também tem uma conotação pejorativa, porque denota falta de coragem ou de competência para conquistar as coisas que deseja. É uma pessoa acomodada com a vida, que pode até tentar entrar no mundo da malandragem, mas não tem capacidade para isso.

“O Zé é um coitado, todo dia, atravessa a cidade de trem, para ganhar uma merraca, é um mané mesmo. Fica ralando o dia inteiro, volta fedendo, espremido na condução para tentar dar uma vida decente para a mulher e os filhos... E o que ele ganha? Nada, ou melhor, ganha uns chifres da mulher, que ela é uma vagabunda mesmo, as filhas, pelo jeito, vão para o mesmo caminho, o filho vai sair um ladrãozinho de merda (risada). Não tem jeito não, essa vida de trabalhador não dá futuro para ninguém, eu não ia agüentar esse esquema nem uma semana, nem um dia! Se é para trabalhar, tem que ter estilo, ser um executivo, um político, dar o golpe e levar milhões...” (depoimento de Marcos, 27 anos, 11/2003)

O trabalho é algo pesaroso e sem graça que só traria benefícios através de grandes quantias de dinheiro. Na fala de Marcos, está diretamente associado o fato de ele ir trabalhar e de ser traído pela mulher. Além do trabalhador não receber o dinheiro que valha seu sacrifício, também sua condição não lhe traz outros benefícios, como o respeito de sua mulher e de seus filhos.

Na periferia, como foi visto acima, há uma série de personagens que se relacionam com o malandro. Mas o *outro*, o personagem que se opõe a ele é,

sem dúvida, a polícia. Por razões óbvias, criminosos e policiais nunca tiveram relações amistosas.

Os malandros, desejando manter sua postura de coragem e astúcia, nunca admitem claramente o medo ou sequer o receio em relação à polícia. Frases como: *“A polícia não é de nada”, “É só molhar a mão deles que tudo fica tranqüilo”* são recorrentes em suas conversas.

Os rapazes pesquisados comentaram que muitas vezes escaparam da prisão, em decorrência do pagamento de propina a alguns policiais. Notícias em torno da corrupção policial não param de aparecer nos jornais²⁸, envolvendo policiais em esquemas com traficantes, quadrilhas de assaltantes, contrabandistas, etc. Cabe aqui deixar claro que se trata de grupos de policiais corruptos dentro da polícia e não do sistema policial como um todo.

Mas, em determinadas situações, fica evidente que essa situação de “troca de favores” com a polícia não é tão estável quanto eles defendiam. Além das batidas policiais que ficaram cada vez mais freqüentes nos últimos meses da pesquisa, os rapazes quando avistavam qualquer viatura fazendo ronda pelas ruas da região, tratavam de se esconder, discretamente, em algum lugar, mas sem muito alarde.

O pânico maior era quando algum helicóptero da polícia sobrevoava o local: no mesmo instante, a conversa parava, tratavam de ficar embaixo de algum telhado, até o helicóptero ir embora. Os carros que usavam, sempre ficavam estacionados em algum lugar mais discreto, debaixo de uma árvore, dentro da garagem de um conhecido, para justamente não serem avistados de cima. Impressionante era o esquema que mantinham de alerta para as batidas policiais. Geralmente, o alerta era dado por alguma ligação feita em telefone celular, cerca de cinco minutos antes da polícia chegar, todos já tinham ido embora.

O ganso não pode ser encarado como um personagem com autonomia de características dentro do universo desse bairro, mas merece uma atenção especial na análise. Ganso é o informante da polícia, é o dedo-duro, podendo

²⁸ Matérias tais como: EIRÓS, M. Delegado pede afastamento após denúncias de corrupção policial. Folha Online, SP, 22 nov 2003, Caderno Cotidiano 03h11; Da sucursal do Rio. PMs são presos após serem filmados recebendo propina do tráfico no Rio. Folha de São Paulo, SP, 16 set. 2005. Caderno Cotidiano, p.16; Da reportagem local. PM e bombeiro são presos

ser qualquer um, nória, mané, etc. Os gansos assumem essa função, em certos casos, por dinheiro, mas na maioria das vezes, por ameaça da polícia, sendo geralmente ex-detentos ou em condicional. São, de todos, os que os malandros têm mais ódio, pois representam uma ameaça concreta a seus planos, já que é difícil manter a fidelidade de todos por muito tempo.

Essa rede de informações e a trama de delações, tanto do lado da polícia como do lado dos malandros, é bastante complexa e fluida, pois as mesmas pessoas podem passar de um lado para o outro como lhes melhor convir. Isso remete a um traço importante da figura do malandro que tenta manter o controle da situação, através de uma relação de poder com os moradores do local, baseada ora na amizade (comprada com ajuda financeira) ora no medo, criando elos de ligação vitais para sua sobrevivência.

Na periferia, há uma tradição machista que valoriza entre os jovens do sexo masculino uma atitude agressiva perante os outros, uma grande liberdade sexual que muitas vezes se transforma, em alguns casos, em cobrança. É muito freqüente os jovens estarem casados ou noivos e, mesmo assim, manterem relacionamentos paralelos. Outro fator evidente na periferia é o amadurecimento precoce, causado por pressões externas (da vizinhança, dos pais, dos colegas): tanto os rapazes como as moças casam-se e têm filhos em média dez anos antes que na classe média²⁹.

Esses rapazes mantêm uma postura que aparenta ser contraditória em relação aos seus relacionamentos amorosos, se por um lado, vários deles estão comprometidos seriamente com alguém (casados ou noivos), por outro, costumam sair à noite, viajar apenas entre eles, sem levar suas parceiras. Também assumem uma atitude de superioridade, em alguns aspectos, em relação às suas companheiras. Alguns dados colhidos pela pesquisa de campo evidenciam este aspecto:

acusados de matar ex-policia! no Rio. Folha Online, SP, 13 jun. 2003. Caderno Cotidiano, 10h39.

²⁹ Para ilustrar este aspecto, o número de mães adolescentes nos bairros do extremo leste de São Paulo é altíssimo. Tomando os dados do Índice de Vulnerabilidade Junenil (IVJ) do SEADE, quantos aos bairros, a porcentagem de mães adolescentes no total de nascidos vivos e a posição que têm no ranking comparativo dos distritos (escala de 0 a 100, aumentando proporcionalmente com a vulnerabilidade), respectivamente: Cidade Tiradentes: 9,74%, na escala, a posição 76; Jardim Helena: 9,43%, na escala, 74; Itaim Paulista: 9,78%, na escala, 77; Iguatemi: 9,02%, na escala, 70.

“Os rapazes estavam sentados juntos, conversando sobre a vida. Fábio levanta a voz e afirma olhando para Marcelo:

Fábio: - Tem gente que fica dando satisfação para a mulher de tudo que faz, depois que furar nosso esquema, neguinho vai rodar e vai chorar...

Marcelo: - Não vem com essa não, camaradinha. Os assuntos que tenho com minha mulher são assuntos de homem e mulher e só... Se ela quiser ficar se metendo nos negócios, ela vai apanhar, não é verdade? A mesma coisa com o Fabrício, não é Fabrício? Se sua mulher ficar falando muito, você vai ter que dar um jeito de fazer ela ficar quieta.

Fabrício: -É verdade, Marcelo.

Marcelo: -Não sou de bater em mulher, tá me entendendo, não gosto disso, mas ela tem que respeitar e não se meter no que não deve, não pode misturar as coisas.” (relato de observação, 03/2004)

Marcelo mantém, neste trecho, uma atitude severa em relação à esposa, não querendo que esta interfira em seus “negócios”. Justifica, dessa forma, o uso da violência para manter os limites aceitáveis do relacionamento. Mas, um fato que chega até ser cômico, ocorrendo meses antes, relativiza essa posição de homem dominador. Ellen, sua mulher, comentou em uma outra ocasião:

“Eu fiquei tão cansada, uma vez, das asneiras do Marcelo, que explodi! Ele montou nossa casa e me pediu para morar com ele, aí eu saí da casa da minha mãe para morar com as meninas junto com ele. Eu fui, achando que desta vez ele ia levar as coisas a sério. Aí, ele ficou naquele negócio, um dia passava a noite em um lugar, por tal motivo, noutro dia era outra coisa. Ele dormia lá uma vez por semana e olhe lá e a trouxe aqui sozinha com as crianças, esperando pelo menos uma satisfação. Numa noite que eu estava virada no capeta, ele me fala que ia passear com os meninos... Peguei um bloco desses de construção e joguei na frente do carro dele, estourei o vidro do Golf, que custava uns R\$600,00. Depois, no dia seguinte, fui para minha mãe, morrendo de medo de ele me arrebentar. Esperei uns dias ele se acalmar, mas no final das contas, parece até que ele gostou, se acalmou e a gente foi morar junto de novo.” (depoimento de Ellen, 34 anos, 02/2004)

Este trecho aponta, novamente, para a concepção presente entre os malandros de que a violência deve ser usada somente em casos necessários. A explosão de ciúmes da mulher de Marcelo, Ellen, não entraria neste âmbito, já que não entrava em choque com sua posição dominante. Portanto, poderia ser relevada, pois ele continuava no controle da situação. Ellen já se envolveu

em algumas atividades criminais antes conhecer Marcelo, principalmente, a lavagem do dinheiro que seu irmão obtinha do tráfico de drogas.

Um fato que até mesmo ela, com seu temperamento explosivo, se queixava, era de que seu marido nunca a levava para as baladas. Os dois tinham um relacionamento que durava já há vários anos e apenas uma vez ele a levou para passear em um barzinho na Serra da Cantareira, mas o passeio acabou virando uma epopéia, pois o carro quebrou e os dois passaram a madrugada na rua, tentando voltar para casa. Outro depoimento ilustra o aspecto de que suas companheiras não participavam do lazer:

“Fabrício: -Eu sou assim, não gosto de ninguém no meu pé, quando eu quero viajar, faço minha mala, chamo meus amigos e caio na estrada, não tem essa...”

Pesquisadora: - Mas sua mulher vai junto?

Fabrício: - Não, eu gosto de curtir sozinho, ou com a rapazeada, a mulher fica com as crianças em casa. Não sou obrigado a dar satisfação para ninguém!

Pesquisadora: - Ela não briga com você?

Fabrício: - Ela fica uma fera! (risadas) Ela já ameaçou ir embora, mas sei que não vai, eu fiquei cabreiro um dia, porque ela disse que ia me matar dormindo, se eu continuasse assim, não sei... Ela é da pesada também, se é que você me entende? Não dá para vacilar muito, eu sei que ela é capaz de fazer um negócio desses, mas também ela sabe que não dá pra se meter a besta comigo. Teve uma amiga minha, que era da malandragem, mas era casada com um cara que não era do movimento, então ela ficou nervosa com ele um dia, não sei o que o cara aprontou...Ela ficou louca de raiva e matou ele.

Pesquisadora: -Nossa, que coisa!

Fabrício: - Ah, você, Luciana, nunca ficou com raiva de um namorado que te chifrou e pensou: ‘Eu mato o desgraçado!’.

Pesquisadora: - Eu já posso até ter pensado, mas nunca tive coragem para matar (risadas)...

Fabrício: - Pois é, por isso que não dá para misturar, quem é da malandragem tem que casar com malandro!” (depoimento de Fabrício, 25 anos, em 01/2003)“

Por este depoimento e o de Ellen, evidencia-se um traço importante: as pessoas envolvidas na malandragem acabam, muitas vezes, mantendo relacionamentos duradouros com outras pessoas envolvidas na malandragem. Como afirmou Fabrício: *“não dá para misturar”*. Fábio, na época antes de ser assassinado, estava noivo de uma garota, com a qual tinha um relacionamento

de dois anos, mas nunca teve coragem de contar sobre as atividades criminais em que estava envolvido. Para ela, ele trabalhava com as lotações apenas.

Percebe-se que, no que concerne aos relacionamentos amorosos, os malandros mantêm uma vida dupla. Se por um lado prezam a vida de solteiros, curtindo a baladas, saindo para viajar entre eles. Por outro, reproduzem aspectos das vidas de seus pais, casando-se cedo e tendo filhos. Fabrício, aos 25 anos, já estava casado e com duas filhas; Marcelo foi morar com Ellen aos 22 anos, assumindo a filha dela de outro relacionamento e tendo juntos uma outra menina. Às vezes, alguns deles apontam para os sonhos que têm em relação ao futuro, com traços bem tradicionais:

“Em conversa com Selma, Ellen e Fábio:

A conversa começou com Selma contando para o Fábio que uma garota estava dizendo que tinha engravidado dele. Ele disse:

Fábio: - É mentira, ô! Tá doida, eu vou engravidar aquela tribufu![risadas] Não achei meu pinto na lata do lixo! A menina é louca, sempre que me vê, fica pedindo para eu fazer um filho nela...

Ellen: - Se o Fábio tiver um filho, com esse sangue ruim que ele tem, o menino vai sair daquele jeito, ninguém vai poder com ele, já tô vendo...

Fábio retrucou: - Que nada, meu filho vai ser um santo, vai estudar, trabalhar, não vai viver da malandragem, porque eu não vou deixar!

Ellen rebateu: - Não sei não, filho de peixe, peixinho é.

Fábio: - E você, vai querer suas duas filhas irem no mesmo caminho que seu marido?

Ellen: - Menina é diferente, dá pra controlar mais. Eu quero que elas fiquem que nem a Luciana, estudando sempre não sei o quê, indo pra USP... ganhando uma miséria. [risadas]” (Relato de Observação, 02/2003)

Trabalhar e estudar são ações valorizadas por eles, mas direcionadas a seus filhos ou a um futuro não muito definido. Mas, apesar de valorizado, não é sinônimo de ascensão econômica, como foi denunciado pela brincadeira de Ellen, associando o fato de estudar na USP e de ganhar pouco. Dois dos rapazes, Marcos e Luís começaram a fazer faculdade, ambos em Administração, mas desistiram no primeiro ano, pois não conseguiram acompanhar o curso, perdendo o interesse.

Um dos aspectos mais importantes que se pode notar na pesquisa de campo em relação ao cotidiano é a situação invertida entre a ordem e a desordem nas regiões mais desfavorecidas da cidade. Muitas pessoas acabam

considerando a polícia como o inimigo e enxergando os criminosos como aqueles que lhes podem oferecer “proteção” e alguns benefícios materiais.

“Em situações de crime e violência, os trabalhadores sentem-se impotentes, ficam paralisados entre o medo da polícia, o medo da vingança do criminoso e, como veremos, a crença de que o sistema judiciário é incapaz de oferecer justiça. Sem proteção, adotam o silêncio como uma maneira de manter boas relações com criminosos que podem até conhecer pessoalmente.” (CALDEIRA, 2003: 185)

Percebe-se essa situação invertida no depoimento de uma dona-de-casa que executava pequenos serviços para os malandros pesquisados:

“Os meninos, se a gente não mexe com eles, eles são legais. Eu sei que eles aprontam por aí, eu não quero saber, entende? Eles ficam com os negócios deles, se eles me pedem pra fazer algo, eu faço, porque também tenho que ganhar uns trocados para sustentar meus filhos que eu sou filha de Deus! (risos) Mas o que perturba é a polícia, aquele bando de infeliz que vem atrás, invade a casa da gente, bagunça as nossas coisas, arromba as portas. Eu acho que nem vou mais trocar a porta, vou deixar assim, escancarada, que da próxima vez, eles não precisam nem meter o pé (risada). Eu não sei porque eles (a polícia) vêm atrás da gente, não é porque eu conheço os meninos desde que eles estavam nas fraldas, que eu vou saber das encrencas que eles aprontam” (depoimento de Maria, 49 anos, 01/2004)

Esse depoimento evidencia a inversão que se dá na mentalidade das pessoas que convivem com os malandros. Ela refere-se a eles como os “*meninos*”, termo que, além de denotar respeito ou temor, demonstra carinho. Já em relação à polícia, ela se refere a eles como “*bando de infelizes*”, pois não lhes trazem segurança, nem conforto, pelo contrário, são uma ameaça, arrombando a porta de sua casa e revirando suas coisas.

Baierl (2003) analisa o cotidiano através das manifestações de medo e de violência na cidade de Santo André. Em muitos pontos, sua pesquisa aproxima-se da realidade analisada por esta dissertação, auxiliando na percepção de que alguns fenômenos não são exclusivos do microcosmo observado. Aponta que o medo dos policiais está fortemente presente entre os moradores desta cidade, tanto os de classe média, como, principalmente, os da favela:

“O medo do policial – a ameaça que ele representa – é um medo singular-coletivo compartilhado pelos diferentes segmentos entrevistados. É o medo instituído como instrumento de subjugar e ameaçar pessoas, mantendo-as sob domínio e controle social. É um medo que intimida subjuga, oprime as pessoas e relaciona-se nos casos narrados pelos moradores de favela como forma de ameaça constante, baseado em interesses próprios e particulares de policiais, que utilizam o medo e o seu poder de polícia para extorquir ganhos dos criminosos e de moradores de favelas em troca de favores.” (BAIERL, 2003: 230)

Aponta também para o papel invertido que o criminoso, no caso o traficante, assume entre as parcelas da população mais desfavorecidas:

“Pelo olhar dos moradores e de alguns profissionais que atuam diretamente nas áreas onde conflitos urbanos ganham mais visibilidade, o papel do traficante é interpretado às vezes, como o ‘bandido’ e, às vezes, como o ‘mocinho’. (...) O personagem traficante congrega em si esses dois papéis (‘mocinho’ e ‘bandido’), o que não significa que os outros personagens não façam o mesmo. Mas nele esse duplo papel ganha expressividade, exatamente porque aqueles que deveriam desempenhar o papel de ‘mocinho’ não têm de fato apresentado boa ‘interpretação’. É exatamente essa ambigüidade, ou melhor, essa duplicidade de papéis que alimentam e perpetuam o ciclo de medo e cristaliza seu poder” (BAIERL, 2003: 232)

Estas considerações podem muito bem ser transpostas para o papel que os malandros ocupam em seu bairro de origem. Esse duplo papel é sem dúvida baseado em grande parte no medo. Mas, percebe-se, também, que há uma ligação forte entre os moradores e os malandros devido a outros fatores. Eles mesmos, além de não andarem armados no bairro de origem, auxiliam financeiramente os alguns moradores, como o caso de Maria que recebe para lavar suas roupas. Também é comum pagarem para alguns meninos lavarem seus carros ou darem gorjetas para alguém que faz comprar para eles, já que o mercado e a padaria ficam a quase um quilômetro de distância.

As pessoas de seu convívio também se beneficiam de outros favores como dinheiro para comprar remédios, chinelos, cigarros ou para executar pequenas reformas dentro de casa. Essa situação cria vínculos importantes, estimulando a fidelidade, mas acaba gerando, às vezes, certo desconforto entre os rapazes pesquisados, como se evidencia neste depoimento:

“Nossa, mano! Enche o saco esse povo pedindo dinheiro toda hora. É uma choramingando que tá com dor nos rins, a outra que tá vazando o cano da cozinha, o outro que quebrou o chinelo. Você acredita que a Cleuza outro dia desses parou meu carro pra me dizer que tava com vontade de comer banana?! Ah, vai pro inferno! Tão me tirando de Papai Noel? Não dá pra ficar bancando todo mundo... E o foda, desculpe a palavra, é que eu sei que se eu rodar um dia, ninguém desse povinho vai me visitar na cadeia pra me levar um rolo de papel higiênico!” (Depoimento de Luiz, 28 anos, 08/2002)

Nesses bairros mais carentes, a ordem e a desordem invertem os papéis, a polícia, os fiscais da prefeitura (representantes das instituições públicas) são considerados os vilões, pois aparecem somente para perturbar os moradores, já que as moradias geralmente são construções ilegais, assim como o uso da água e da luz.

Outro trecho de observação mostra essa desconfiança mútua entre a polícia e os moradores de regiões desfavorecidas como a da pesquisa de campo. Outra dona-de-casa da região, Ana, estava dando bronca em um rapaz com problemas mentais e que não estava envolvido em nenhuma atividade criminal, seu conhecido:

“Ana: - Eu já te falei, Tônico, pra não correr da polícia quando ela baixa aqui. Você é louco ou é burro? Já é preto ainda sai correndo, quer morrer com um tiro na bunda? (risadas)

“Tônico: -Não, quero não.

“Ana: -Então, por que você correu?

“Tônico: -Sei lá, eu tenho medo de polícia...”

“Ana: - Eu também tenho, mas correr é pior, vão achar que você deve alguma coisa, Macaco, preto desse jeito! Não é verdade, Luciana?”(relato de observação, 05/2004)

Esse medo da polícia não é totalmente infundado, esse mesmo rapaz, Tônico, foi preso pela polícia duas vezes por não estar carregando seus documentos e por ter dificuldades de responder às perguntas dos policiais, em razão dos seus problemas mentais.

Essa inversão da relação entre bandidos e mocinhos faz com que as pessoas sintam-se mais à vontade com os malandros do que com a polícia. Os malandros adquirem um certo status, uma certa admiração pelas pessoas que estão a sua volta:

“Ana: -Sabe de uma coisa, eu tenho que confessar, os meninos [malandros] são uma coisa de louco. Eles vêm por aqui, botando banca, cheio de presença, é de virar a cabeça. Não são que nem o banana do meu marido que só sabe dizer sim senhor, ai... De todos, o que eu acho mais bonito é o Luís, aquele gostoso, está sempre tão cheiroso, só nos panos, naquela educação, cumprimentando todo mundo. Se eu não fosse casada e não tivesse um filho para criar...

Pesquisadora: - Mas você não teria medo de se envolver com um cara desses?

Ana: - Eu não, o quê? Homem bonito, gostoso e com dinheiro, o resto não é problema meu! Ele podia fazer as correrias dele lá fora, dentro de casa, ele ia ficar bem mansinho (risadas)...” (depoimento de Ana, 24 anos, 04/2004)

Ser malandro, como aparece neste trecho, está associado também à virilidade, já que as mulheres valorizam as qualidades relacionadas a este personagem.

Percebe-se que no bairro onde cresceram, os malandros adquiriram uma certa importância para as pessoas da comunidade e ainda mantêm laços estreitos com o local, mesmo com sérios riscos de serem denunciados a qualquer momento. Também, nota-se que eles, em alguns aspectos, vivem de acordo com certos padrões e valores tradicionais.

Há, pois, um jogo contraditório de vários elementos no cotidiano desses malandros. Em primeiro lugar, estão ora no universo da legalidade ora na criminalidade. O próprio sentimento de pertença quanto ao espaço que ocupam não é estável, a periferia não é mais o local de moradia, mas não deixa de ter grande importância em suas vidas. A violência, presença marcante na periferia e na vida criminal, é também um problema vivenciado pela sociedade como um todo, atualmente associada à lógica capitalista (razão instrumental) e à banalização através das imagens (mídia) e é encarado por eles como um meio necessário à sobrevivência.

Nos relacionamentos amorosos, comportam-se, ao mesmo tempo, como casados e solteiros. Por fim, no bairro, passam um sentimento de segurança e empatia aos moradores, mesmo que esse sentimento esteja ligado, em grande parte, ao medo e ao interesse financeiro. Já para a polícia, são os desordeiros, são o mal que precisa ser extirpado.

Este cotidiano, apesar de estar permeado de aspectos presentes na sociedade como um todo, apresenta especificidades no que diz respeito à própria natureza destas contradições. Elas são profundas, constantes e estão presentes nos diferentes âmbitos de suas vidas – familiar, amoroso, profissional. Retomando as considerações de Pais (2001, 2003), expostas na Introdução, essas contradições podem ser entendidas como “*insinuações indiciosas*” de uma situação de “*fronteira*” que, a primeira vista, parece se constituir como “*territórios de passagem*”, ou seja, uma fase temporária a caminho da vida adulta, mas que no caso dos malandros, tornam-se “*territórios de permanência*”.

Neste capítulo procurou-se salientar tais especificidades no cotidiano dos malandros em relação à sociedade como um todo. Estas especificidades apresentariam um caráter de limiaridade em vários aspectos, o primeiro e mais importante é o limite entre o legal e o ilegal. Também entre a periferia e o centro, entre a vida adulta e a juventude, entre o fato de serem criminosos e assumirem papel de juízes.

É sabido que a vida, sobretudo nas sociedades complexas, é permeada por contradições, resultantes, sobretudo, dos diferentes papéis que as pessoas executam. Acredita-se que esse caráter de limiaridade acabaria agravando as contradições existentes na vida destes rapazes. Vale ressaltar ainda que cada um desses aspectos do cotidiano desses rapazes não é exclusivo da malandragem, ou seja, há outros indivíduos em contextos distintos que podem, por exemplo, ser casados e ter uma vida descompromissada ao mesmo tempo ou manterem atividades econômicas ilícitas e lícitas, associadas. Mas a confluência destes estados de “*limiaridade*” (Pais, 2001) ou desta duplicidade (Baierl, 2003) nos diversos aspectos de suas trajetórias de vida é o que resulta a sua especificidade. Parece que o jogo contraditório dos diferentes papéis a serem representados assume aqui uma dimensão amplificada.

Mas, acredita-se que ainda outras motivações levam esses rapazes a continuarem na criminalidade: a idéia que eles mesmos fazem do crime, o imaginário que têm em relação à vida na Malandragem. Dessa forma, pretende-se tratar adiante de alguns aspectos que tornam o crime sedutor para os malandros como a busca pelo lazer, o prazer pelo risco e o desejo de liberdade. Estas questões não são específicas deste grupo de rapazes, pelo

contrário, fazem parte de toda a sociedade, permeando os imaginários e impelindo a alcançá-las. Justamente, o objetivo do próximo capítulo é tentar compreender como estas questões amplas se constituem na relação entre o cotidiano e o imaginário específicos dos malandros.

Capítulo III

Vida Cotidiana e Imaginário

“Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários a vida prática, pontos de apoio práticos a vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real, semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade).” (MORIN, 1981: 15)

Este capítulo concentrará a análise nas questões referentes ao imaginário dos malandros e sua relação com a vida cotidiana que envolve a criminalidade, partindo desta perspectiva apresentada por Morin de que os seres humanos são seres “*semi-reais*” e “*semi-imaginários*”. Deve-se ter sempre em vista, portanto, que as duas dimensões – imaginário e vida cotidiana – estão imbricadas e em constante relação, ficando, muitas vezes, difícil determinar onde começa uma e termina a outra.

Devido a grande complexidade desta relação que pode suscitar infindáveis temas e correlações, optou-se em concentrar a análise em três aspectos distintos, recorrentes nos relatos de observação e nas entrevistas, relacionados à concepção que os rapazes pesquisados têm a respeito da vida na criminalidade. A partir desta perspectiva, os aspectos referem-se às questões da temporalidade ligada ao ócio, da identidade associada ao risco e da liberdade vivida e sonhada.

Estas considerações buscam, em confluência com os temas tratados nos dois primeiros capítulos, dar conta de duas das hipóteses levantadas inicialmente, tanto no que se refere às motivações para a permanência no “mundo do crime”, como na especificidade de seu cotidiano.

Sobre o imaginário

No capítulo anterior, foi apresentada a concepção de cotidiano adotada pela pesquisa, é necessário, agora, expor a problemática referente ao imaginário. Tomar-se-á como base a concepção de Marc Augé (1998) a

respeito desta categoria. Para este autor, o imaginário é algo extremamente complexo que pode ser dividido em três pólos em constante relação: o imaginário e memória individuais (IMI), o imaginário e memória coletivos (IMC) e o pólo da criação-ficção (CF).

Esta concepção dá, em primeiro lugar, conta da complexidade de elementos que compõem o imaginário, abrangendo aspectos como a memória, o mito, o sonho, a fantasia. Claro está que cada um deles poderia estender-se em uma larga discussão, mas isto resultaria em um desvio do objetivo desta dissertação. Em segundo lugar, ao estabelecer para o imaginário a figura de um triângulo, os três pólos correspondendo aos seus vértices, dá um caráter de fluidez e equilíbrio, já que cada pólo inter-relacionam-se com os outros dois. Um terceiro aspecto é a ausência de hierarquia na definição, pois nenhum dos pólos deve estar subordinado ao outro por via de regra. Ou seja, o imaginário individual, apesar de sofrer grande influência do imaginário coletivo, não pode ser considerado como sua mera reprodução, o indivíduo sempre recria ao assimilar elementos coletivos e pode também, por sua vez, alterar o imaginário coletivo .

Segundo o autor:

“Eu gostaria de sugerir que entre o sonho, o mito e a criação literária, esses três pólos do imaginário, opera-se uma circulação de imagens, em mão dupla, pela qual se irrigam umas às outras.” (AUGÉ: 1998, p. 59)

O centro do Pólo do Imaginário e Memória Individuais (IMI) constitui o sonho noturno e o diurno (a fantasia). O sonho, tanto dormindo como acordado, está presente em todas as fases da vida humana, sendo mais forte na infância, em que a distância entre a fantasia e a realidade é muito tênue. É, para o autor, uma das formas encontradas pelos indivíduos para a realização de seus desejos. O papel deste pólo é fundamental tanto na definição das trajetórias individuais, como na constituição da relação do si consigo e do si com os outros. Também enriquece o Pólo IMC - com a interpretação de sonhos e narrativas individuais de experiências rituais – e é a principal fonte do Pólo da Criação-Ficção.

Mais adiante, verificar-se-á como o imaginário individual dos malandros cria, a partir de imagens coletivas, uma forma peculiar de encarar a vida cotidiana, construindo uma narrativa que valoriza o crime e o associa à liberdade, muitas vezes bem distante da realidade. O pólo do Imaginário e Memória Coletivos é definido pelo autor:

“O imaginário e a memória coletivos (IMC) constituem uma totalidade simbólica em referência à qual um grupo se define e por meio da qual ele se reproduz de um modo imaginário ao longo das gerações.” (AUGÉ, 1998: 61)

Para este pólo, a questão do mito é central. Tem grande influência nos imaginários individuais e nas relações de identidade e alteridade dos diversos grupos humanos. Mas deve-se atentar que o próprio estatuto dos mitos nas sociedades complexas é alterado, esvaziando-se muitas vezes do seu significado original, podendo recair, em certos momentos, na ideologia.

Luccioni (1977) afirma que a narrativa mítica ainda existe, apesar de ser difícil destacá-la dentre os diversos discursos contemporâneos. Para ele, o problema está na falta de identificação entre a nossa sociedade e os mitos que são criados por ela. Esse fato é fruto da transmissão pelos meios de comunicação do conhecimento que se transforma em *“palavra morta e restolho de saber”* (op. Cit., p.8). É um movimento oposto ao do mito que transmite conhecimento através da iniciação, presente nas sociedades tradicionais. A transmissão de conhecimento está atualmente empobrecida, apesar disso, o mito, segundo ele, ainda se faz presente em nossa sociedade, pois é uma necessidade, é um desejo dos seres humanos buscarem uma resposta que vá além da explicação científica.

O pólo da Criação-Ficção, segundo Augé, tem tanto uma dimensão individual, por exemplo, no que diz respeito às produções artísticas, como uma dimensão coletiva (*“forma sociológica”*), que seriam os casos de colonização ou recriação cultural, repercute nos imaginários individuais e também nos coletivos.

Neste pólo, a ficção, nos dias de hoje, assume um papel preponderante, sendo definida pelo autor como um regime de funcionamento psíquico socialmente ajustado e historicamente constituído: *“A ficção é um fato antes de*

ser uma arte, ou antes que certas formas de arte se apoderem dela.” (op. cit., p. 102). Ela é fundamental na vivência dos indivíduos, na medida em que, como fato sociocultural, põe em jogo relações de alteridade, mas, para isso, deve manter um distanciamento do real:

“A ficção pode ser, portanto, para a imaginação e a memória do indivíduo, a oportunidade de experimentar a existência de outras imaginações e outros imaginários. Mas essa experiência baseia-se, ao mesmo tempo, na existência de uma ficção reconhecida como tal (de um olhar sobre o real que não se confunde com ele, e que também não se confunde com os imaginários coletivos que o interpenetram), e na existência de um autor reconhecido como tal, com seus caracteres singulares, e instituindo por isso, com cada um dos que constituem seu público, um laço virtual de socialização.”(AUGÉ, 1998: 106)

O cinema, assim como o fez com relação à imagem, influenciou grandemente o próprio regime de ficção das pessoas, mas para o autor, é a televisão que está operando uma mudança profunda na relação das pessoas com as imagens. Sua familiaridade e cotidianidade (em casa, no bar, na academia), associadas ao processo de identificação do personagem com o ator (principalmente nas séries e novelas) podem tornar a distância entre o real e a ficção cada vez menos perceptível.

A televisão tem, além disso, um efeito equalizador sobre as situações (põe num mesmo nível uma guerra, um comercial, um jogo esportivo) e também sobre as pessoas e os personagens (convivem lado a lado políticos, jornalistas, modelos). Há uma flutuação entre real e ficção que toma proporções de uma verdadeira encenação.

Mas Augé não critica a ficção em si, para ele: *“a ficção reconhecida como tal é essencialmente libertadora, mas a liberdade que ela instaura continua em tensão com os respectivos imperativos dos dois imaginários que a estimulam e ao mesmo tempo a limitam.”*(Op. Cit., p.108)

A grande questão reside justamente em que se ocorrer o esgotamento de um dos pólos, serão, conseqüentemente, afetados os outros dois. Atualmente, o pólo da Criação-Ficção está sofrendo este esgotamento, devido a grande mudança em relação ao estatuto da ficção e do autor: *“a ficção invade*

tudo e o autor desaparece. O mundo é penetrado por uma ficção sem autor.”
(op. Cit., p.109)

Segundo Augé, a situação atual, decorrente desta alteração das relações entre os pólos do imaginário, privilegia cada vez mais o imaginário em sua dimensão individual (a busca de realização de sonhos e fantasias) em detrimento do imaginário coletivo, esvaziado pelo fim das grandes narrativas míticas, veiculadas pelas religiões ou pela Nação-Estado. Não há grandes projetos ou identidades bem-acabadas para o indivíduo se encaixar, privilegiando-se nesta sociedade de consumo o superficial, a fragmentação e o efêmero. Este contexto afeta profundamente dois aspectos fundamentais. O primeiro é a própria questão do tempo, pois se recusam as tradições e qualquer referência ao passado, como também não são apresentadas diretrizes a longo prazo. O segundo é o *hiperindividualismo*, resultante de uma ficção sem autor que altera a relação do binômio identidade/alteridade, isolando o indivíduo em si mesmo. Estas duas questões serão analisadas separadamente no decorrer deste capítulo.

Em compasso de espera: a questão do tempo

A mudança de temporalidade, em que os laços com o passado são rompidos e não há projetos para o futuro, é também experimentada pelos malandros, que a vivenciam através da valorização do efêmero e da noite. A atração pelo “mundo do crime” poderia, dessa forma, ser entendida pela sensação de efêmero que esse tipo de vida proporciona. Segundo Pais (2001), os jovens não têm mais projetos de vida, vivendo o presente e experimentando uma temporalidade mítica.

“É como se os jovens tivessem perdido o sentido de “continuidade histórica” e vivessem o presente só em função do presente. É como se se tivesse experimentado uma erosão do sentimento de pertença a uma sucessão de gerações enraizadas no passado e se prolongassem no futuro essa erosão do sentimento.”(PAIS, 2001, p. 78/79)

O sentimento de pertença e o enraizamento nas tradições são perdidos, entre outros fatores, pelo enfraquecimento do imaginário coletivo e pela superficialidade dos mitos. Esse efêmero é reforçado pela consciência desses

rapazes de que a vida no crime é breve. A idéia da morte certa, se por um lado é aterradora, por outro, traz um certo conforto de não precisar pensar no futuro, de não ter que arcar com as responsabilidades da vida adulta, tradicionalmente impostas pela sociedade. Um trecho de entrevista denota essa presentificação do tempo:

“Marcelo: - Eu penso que o que liga é viver o agora, tá ligada? Porque quem vive de passado é museu, certo? Esse papo de que a vida era assim ou assado não tá com nada, o que passou, passou, não adianta esquentar a cabeça.

Pesquisadora: - E o futuro, não te traz preocupações?

Marcelo: - Acho que não adianta nada também pensar no futuro, o futuro a Deus pertence. Eu mesmo não sei até quando eu vou durar, esse negócio de ficar guardando dinheiro, de deixar de comer não sei o que pra não fazer mal...parece que tá vivendo a prestação!”
(Depoimento de Marcelo, , 24 anos, em 02/2004)

Expressões como “quem vive de passado é museu” ou “o que passou, passou” apontam para uma recusa em se refletir sobre os acontecimentos passados. Já a máxima “o futuro a Deus pertence” aponta para uma concepção de que o futuro é algo incerto e indiferente às suas ações, implicando que seus atos não devem ser questionados, pois os acontecimentos seguirão um rumo próprio. Está implícita uma sensação de efêmero associada a um presente que não tem início ou fim (tempo mítico). Aproveitar ao máximo as oportunidades que aparecem, ao invés de seguir a filosofia “plantar para colher”, é a idéia sempre recorrente.

“É claro que os jovens tentam ampliar o tempo cotidiano, mas muitos fazem-no apelando ao sentido das oportunidades e não tanto das projecções do futuro. Trata-se, no fundo, de uma valorização do tempo mítico, de um tempo que designa quais os momentos favoráveis e desfavoráveis, qual o momento oportuno para levar a cabo uma acção. Em função desse tempo, deve-se forçar a sorte ou esperar por ela. De novo a idéia da lotaria, a roda da sorte, em cujo girar cíclico se dá a volta às relações da causalidade.” (PAIS, 2001, p.83)

Essa idéia de loteria, apresentada por Pais, é fundamental para compreender a vida dos malandros. A loteria da vida: arriscam se vão conseguir escapar mais uma vez de serem presos pela polícia, se vão

conseguir enganar suas mulheres mais uma vez, se vão conseguir evitar a morte e prolongar a vida por mais algum tempo.

A perspectiva de viver o presente também é observada na forma como os malandros encaram os acontecimentos que marcam suas vidas: casamento, filhos ou a mudança de residência. Perguntado sobre seu casamento, Fabrício comentou:

“A mina engravidou, aí, a gente resolveu casar, porque sou homem e já que a merda tá feita, tem que assumir. Aí, eu descolei um canto pra gente ficar, coisa boa, não sei porque ela reclamava, tinha tudo que precisava: geladeira, televisão, até máquina de lavar, pra ela não ficar ralando no tanque. Até que é legal ser pai, sabe, eu não tava planejando mas aconteceu, tudo bem. Agora, eu me injurei foi com a segunda gravidez, porra, criança é bonitinha, mas enche de vez em quando... Não tinha porquê engravidar de novo. Ela acabou de ter a menina, começou a pegar no meu pé, aí larguei a louquinha. Fazer o quê, ela não aceita o meu jeito...Mas continuo dando dinheiro pra ela e as crianças, tudo direitinho” (Depoimento de Fabrício, 26 anos, em 02/2004)

Ser pai, casar e formar um lar são acontecimentos que marcaram a trajetória de vida de Fabrício, apesar do desprendimento com que ele narra a história. Mas não resultaram de iniciativa própria ou de um planejamento prévio; expressões tais como *“resolveu casar”*, *“descolei um canto”*, *“aí, larguei”* denotam ações em razão de algo exterior a sua vontade.

Há, dessa forma, uma discrepância entre o agir, que tenta ir de acordo com os valores tradicionais (*“porque sou homem”*), e o querer, mais próximo de um ideal de uma vida livre de obrigações (*“pegar no meu pé”*, *“não aceita o meu jeito”*). A temporalidade vivenciada pelos malandros, além de romper com os laços do passado e não cultivar planos para o futuro, está voltada para uma valorização da noite em detrimento do dia.

Através da observação em campo, notou-se que estes adultos jovens pesquisados passam grande parte de seus dias esperando a noite chegar. Entender o que representa a noite para eles é aprofundar um aspecto importante em suas vidas, pois carrega vários significados, que estão ligados a um imaginário específico, e, sobretudo, a uma nova percepção do tempo. A noite está se constituindo cada vez mais em uma temática importante para a compreensão dos comportamentos juvenis para as Ciências Sociais. A autora

Pires (2004), ao analisar a sociabilidade dos jovens em Vitória da Conquista, mostra a importância que a noite, esse “*tempo de ilusão*”, representa para os jovens. A noite, segundo ela, apresenta uma lógica social e cultural própria.

“A noite eleva e facilita, também, fenômenos proibidos ao dia, que têm uma lógica social e cultural singular, tanto que, até bem pouco tempo, as atividades ligadas à noite, eram vistas como marginais, e seus protagonistas, produtores e consumidores, eram considerados como pessoas “dúbias”.” (PIRES, 2004: 50)

Um trecho de uma entrevista, descrevendo a rotina de Marcos, um dos rapazes pesquisados, mostra como há uma valorização da noite em relação ao dia:

“Pesquisadora: - Descreva para mim como geralmente você passa seu dia.

“Marcos: - Bem, num dia comum, que não pinte nenhum problema para resolver, eu costumo acordar lá pelo meio-dia, vou ali na padaria tomar um café...

“Pesquisadora: - Mas você vem lá da sua casa para tomar café aqui?

“Marcos: - Não, geralmente eu durmo na minha mãe, ou na casa do meu brother, não gosto muito de ficar no apartamento, eu vendi tudo que estava lá, agora só tem uma televisão e um colchão.

Pesquisadora: - Por quê? Estava sem dinheiro?

Marcos: - Que é isso! Tá me tirando? Eu vendi, porque minha noiva veio com umas idéias da gente morar junto, porque eu já tinha um apartamento em um lugar bom, todo mobiliado... Então, vendi tudo, para não dar briga, não estou a fim de casar agora [risada].

“Pesquisadora: - Ela mora aqui perto, no bairro?

Marcos: - Mora, perto da padaria. Mas então, continuando, eu acordo, tomo café, fico fazendo uma horinha para dar a hora do almoço. Aí, a galera vem chegando, a gente depois do rango se junta para fumar um, fica de boa, jogando conversa fora, de tarde. Depois, quando vai anoitecendo, vou ver o meu negócio de lotação, se está tudo nos conformes, que você sabe que não dá para confiar em empregado.

Pesquisadora: - E à noite?

Marcos: - Bem, lá pelas oito eu vou ver a minha gata, para ela ficar calminha, que a bicha é invocada. Depois, eu saio para dar umas voltas, quando anoitece, não consigo ficar parado, dá nos nervos.

Pesquisadora: - Onde costuma ir?

Marcos: - Sei lá, depende muito, às vezes, eu e os caras, a gente combina de ir curtir uma balada, às vezes, eu saio com minhas amigas que fazem faculdade para ir numa Rave. Tem vezes mesmo que eu pego o carro e vou para a cidade [centro de São Paulo]

sentar num barzinho, descolar um broto. Por isso que eu acordo tarde, chego muitas vezes o dia já está amanhecendo.

Pesquisadora: - E a namorada não briga?

Marcos: - Ela não sabe da maioria das coisas que faço, também não gosto de dar satisfação...

Pesquisadora: - Isso é nos finais de semana?

Marcos: - Não, durante a semana, o esquema é parecido.”
(depoimento de Marcos, 28 anos, 02/2004)

O anoitecer é o tempo em que as coisas acontecem para Marcos: ele cuida de seu negócio de lotação, vê a namorada e vai se divertir. Neste trecho, percebe-se claramente a diferença das temporalidades quanto à exposição dos acontecimentos, feita por ele. Ao descrever seu dia, expressões como “ficar de boa”, “fazer uma horinha”, “jogar conversa fora” denotam um tempo que custa a passar; ao descrever a noite, a situação se inverte: “ficar parado dá nos nervos”, “curtir uma balada”, “descolar um broto” remetem diretamente à ação.

A noite, nas sociedades complexas, sobretudo nas grandes cidades está associada ao lazer, ao ócio, enfim, à sensação de eterna festa. Segundo Margulis (1997), ela representa para os jovens um tempo de maior liberdade:

“La noche aparece para los jóvenes como ilusión liberadora. La noche comienza cada vez más tarde. Se procura el máximo distanciamiento con el tiempo diurno, con el tiempo de todos, de los adultos, el tiempo “reglamentado”; la mayor separación entre el tiempo de trabajo y el tiempo del ocio. Este tiempo distanciado, conquistado, conquistado a contracorriente de las costumbres y los hábitos, este tempo especial, parece propicio para la fiesta. [...] Porque, aunque mercantilizadas e nada espontáneas, todas as propuestas para el consumo nocturno llevan consigo el modelo de fiesta.” (MARGULIS, 1997:15-16)

Essa noção de que a noite representa o tempo do ócio em contraposição ao tempo do trabalho que é o dia perpassa todo o cotidiano dos malandros. Ir dormir quando o dia já está raiando, diariamente, mesmo sem motivo aparente, revela a negação desta temporalidade ligada ao dia, que, por sua vez, remete a uma lógica do trabalho. Essa vida descompromissada, livre das obrigações de um emprego fixo, acaba proporcionando aos malandros muito tempo ocioso, a sensação de “estar sempre de férias”. Como afirma Margulis, é uma temporalidade que propicia a festa. O lazer acaba tomando uma posição central na rotina diária, isso se evidencia neste trecho do depoimento de Fábio:

“É na noite que o bicho pega, tá ligada? Eu não gosto do dia não, só pra curtir uma praia, pegar um bronze, pagar um pau pra gatinhas de biquíni... Mas o dia é amarrado, a hora não passa, só tem desocupado na rua. De noite é que tudo acontece, dá pra curtir um lazer, sair de balada, dar um rolê. E quanto mais tarde melhor, os pobretão, os manés vão tudo dormir pra ralar no dia seguinte e a gente na curtição, até o dia amanhecer.” (Fábio, 25 anos, 03/2004)

A noite, dessa forma, é sinônimo de lazer e de curtição, é o tempo em que “o bicho pega”, ou seja, as coisas de fato acontecem. De novo, aparece a oposição entre dia como um tempo entediante, difícil de passar, associado ao trabalho rotinizado (dos pobres), e noite, como algo divertido, o tempo em que é possível escapar da presença dos “manés” e festejar.

Mas, é claro que a noite não é somente o tempo do lazer para os malandros, é o tempo em que realizam as chamadas “correrias”, as atividades criminais. Essas atividades criminais marcam profundamente o cotidiano desses rapazes, mesmo sendo esporádicas e inconstantes. Dessa forma, a noite também pode ser considerada como uma temporalidade associada à adrenalina e ao risco. Além disso, entre os malandros, a falta de preocupação em relação ao futuro está intimamente ligada a um problema ainda maior que se constitui na falta de apego à própria vida, pois é sabido por todos que vivem na criminalidade que a morte é algo muito próximo. Esta questão será abordada no próximo tópico.

O flerte com a morte: problematizando as identidades

Já no Capítulo I foram abordados alguns pontos relevantes sobre o papel de ser malandro na constituição das identidades dos rapazes pesquisados. Mas é necessário aprofundar esta questão, trazendo outros elementos, associados, sobretudo, ao imaginário. A afirmação identitária, nas sociedades complexas, pode ser encarada como uma tentativa de preencher um vazio simbólico ou de estabelecer limites mais precisos para a vida em sociedade.

Um traço fundamental tanto do cotidiano como do imaginário dos malandros é questão da busca constante pelo risco. Essa atitude de busca pelo

risco pode ser abordada através das considerações de Le Breton (2000). O autor afirma que a juventude, nas sociedades complexas, não tem mais rituais definidos coletivamente para estabelecer a passagem para a vida adulta. Rituais estes que estimulavam, principalmente, características como a coragem, a bravura, a força e delimitavam claramente o fim da adolescência e o início da vida adulta. Atualmente, os jovens criam seus próprios ritos de passagem, buscando a adrenalina, correndo risco para provarem a si mesmos e aos outros que já não são mais crianças.

“Trata-se de compreender a significação antropológica desta atração não razoável por inumeráveis figuras de risco, de perceber os empreendimentos que se desenvolvem hoje, diante de nossos olhos, adquirindo uma amplitude que engloba o homem comum, tocando em profundidade as jovens gerações, interpelando cada ator em um momento ou em outro, nem que seja pelo destino midiático da “nova aventura”.” (traduzido de LE BRETON, 2000: 10)

O cotidiano dos jovens envolvidos na criminalidade é permeado pelas situações de risco. Mesmo quando não estão praticando o ato criminal em si, vivem num estado de agitação constante, mantendo-se atualizados com seus contatos, através das ligações, procurando evitar confrontos com a polícia. Apesar de ficarem horas parados no mesmo lugar, quase todos os dias (o que denotaria uma vida pacata e sem novidades), a troca de informações, feitas principalmente pelos aparelhos celulares, torna, às vezes, o ritmo frenético. Em uma entrevista, durante cerca de uma hora, o telefone de um dos rapazes tocou sete vezes. A agitação aumenta na medida em que as horas do dia vão passando e a noite torna-se próxima. A busca pela adrenalina os faz sentir vivos, quebra a monotonia de suas vidas:

“Eu não tenho medo, na correria eu gosto de sentir a adrenalina correndo na veia, entende? É melhor que fumar, que cheirar, que qualquer outra coisa, faz a gente se sentir vivo. Essa vidinha certinha, que você acorda, come, trabalha e volta a dormir de novo não parece vida de verdade, você fica que nem um zumbi, esperando a morte chegar... eu não, eu encaro a morte de frente, mas se ela um dia me pegar, que vai mesmo, porque nessa vida, a única coisa certa é a morte mesmo, vai ser de uma vez só! Esse negócio de ficar apodrecendo numa cama de hospital não é comigo.” (depoimento de Luís, 29 anos, 02/2003)

Correr o risco, “*encarar a morte de frente*”, é o que faz Luís se sentir vivo, supera até a sensação agradável propiciada pelas drogas (maconha e cocaína): “*melhor que fumar, que cheirar*”. Até a morte tem que ser, para ele, algo impactante ou brusco; a idéia de doença e, indiretamente, de velhice, lhe traz repulsa.

Le Breton afirma que a busca pelo risco e a delinqüência são ações que dizem respeito “*a uma busca de identidade fazendo apelo ao último limite, quer dizer, à morte e os limites sociais, isto é, a força da lei*” (op. Cit., p.122). No depoimento de Luís, o trabalhador está morto em vida (“*que nem um zumbi*”) e o malandro vive, pois tenta ultrapassar os “*limites*” a que Le Breton se refere. Esse processo, segundo o autor, abarca sobretudo a juventude, que mais sofre com esse universo de individualidades fragmentadas.

Mas, essa perspectiva também pode ser aplicada para os malandros que, ao flertarem com a morte, realizam uma *troca simbólica* que estabelece novos limites, que dá uma razão para suas vidas. Este movimento, segundo este autor, está associado ao que ele chama de crise antropológica da Modernidade em que o sentimento de identidade é algo precário e frágil. A morte é o significante último, é o significante mestre, flertar com a morte significa, portanto, afirmar que está vivo e pode produzir um sentimento de identidade renovado.

A identidade do malandro está intimamente ligada a esta busca constante pelo risco, visto que a vida no crime é curta e o perigo é constante. Um trecho de entrevista é esclarecedor neste sentido:

Fábio: - Eu sei que vou morrer cedo, sabe, Luciana. Eu não vou durar muito. É por isso que eu faço o que me dá na cabeça, gasto meu dinheiro com o que eu quero, não vou deixar nada para os vagabundos dos meus parentes viverem às minhas custas, o coitado do meu pai já se foi mesmo, minha mãe está viva, só ela que eu me preocupo...

Pesquisadora: - Mas você não tinha me falado dos seus planos, que você queria ter filhos que fizessem faculdade e tudo mais?

Fábio: - Mas a minha hora está chegando, não adianta. Uma vez, um caboclo falou para mim que eu era uma pessoa escura, sabe? Que eu não tinha jeito mais, que nada que eu fizesse, ia mudar meu destino...

Pesquisadora: - Você não acredita na sua força de vontade? Você tem escolha, você pode mudar de vida, se quiser...

Fábio: - Você não está entendendo, eu carrego um cemitério nas minhas costas, eu fiz muita coisa errada nessa vida, não me arrependo, mas eu fiz, não dá para mudar. O caboclo estava certo mesmo, eu tenho a alma escura, é por isso que as pessoas que eu mais gosto, morrem perto de mim, eu chamo desgraça, meu pai foi assim. Quando eu fui visitar ele no hospital, ele morre na minha frente, de infarto, assim foi com o finado Eduardo, você lembra dele? Morreu nos meus braços a caminho do hospital...

Pesquisadora: - Lembro sim, vocês estavam sempre juntos, não é? Como o Eduardo morreu mesmo?

Fábio: - É...Ele era meu amigão do peito. Morreu de troca de tiros com a polícia... Não deu para salvar, já deu entrada no hospital morto... É foda! O jeito é aproveitar o resto do tempo que eu tenho aqui, fazendo o que me dá na cuca [risadas].” (depoimento de Fábio, 25 anos, 05/2004)

Esse depoimento forte mostra que a morte prematura é o desfecho “natural” para quem vive na Malandragem, ele afirma que sua vida não tem solução pelas vidas que tirou: “*eu carrego um cemitério nas minhas costas...*”. Três semanas depois, Fábio morreu assassinado na frente da Pizzaria que ele e os outros rapazes sempre freqüentavam, como já foi comentado anteriormente.

Percebe-se que a afirmação identitária destes rapazes se dá através da constante busca pelo risco, do flerte com a morte. Cabe agora discutir como esta identidade – o malandro – é vivenciada e percebida pelos próprios malandros e pelos outros. Para tanto, é preciso entrar em uma problemática maior: entender a constituição das identidades em nossa sociedade globalizada e fragmentada, a partir das considerações dos autores: Hall (2003, 2004) e Costa (2002).

Estes autores buscam entender as identidades hoje, neste mundo globalizado. A discussão desses autores se concentra sobretudo na crítica que fazem dessas novas identidades culturais que foram empobrecidas, estando atualmente fragmentadas e esvaziadas. Esses autores mostram o caráter reificante e essencialista da atribuição das identidades tanto pelos indivíduos que a vivenciam como pelos pesquisadores que as analisam. Sustentando estas concepções críticas, há uma perspectiva comum, entre os autores, de ampliar a análise pra além desse patamar.

Hall pensa as identidades principalmente em relação à questão de classes, mostrando que esse não pode ser mais o único referencial para o processo de constituição das identidades. Costa analisa essa questão tomando por base a questão étnica e nacional. A preocupação deles, válida em muitos aspectos, é de que as identidades acabam se transformando em rótulos, limitando as ações dos indivíduos que tentam se enquadrar a essas definições superficiais que transparecem na mídia ou que são usadas para interesses econômicos (o exotismo para o turismo), ou ainda, interesses políticos, entre outros.

Stuart Hall (2003), ao analisar a realidade do povo caribenho no exterior, mostra que a construção de uma identidade cultural está além das questões de raça e território:

“(...) é importante ver essa perspectiva diaspórica da cultura como uma subversão dos modelos culturais tradicionais orientados para a nação. Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos.”(HALL, 2003: 36)

Esta análise, dada às devidas proporções, pode contribuir para a compreensão da construção da identidade entre outros grupos vivenciando realidades distintas, como é o caso dos malandros. A noção de *hibridismo* mostra que é impossível buscar o elemento “puro” e “originário” de uma determinada identidade cultural. Ela, inevitavelmente, é composta pela combinação e releitura de elementos diversos.

Os malandros estão, como todos nós, dentro desse processo acelerado de globalização cultural. É importante, para o entendimento do processo de constituição da identidade desse grupo, esclarecer justamente os hibridismos e as releituras que eles fazem de certos elementos culturais. Pode-se conceber, assim sendo, a adoção do termo malandro como uma releitura da identidade do malandro do início do Século, assimilando características já existentes como a astúcia e a negação do trabalho regulamentado, mas negando a estética e a musicalidade. Além disso, adicionam novos elementos contemporâneos, como o caráter *profissionalizante* do crime. Ou seja, a identidade do malandro atual pode ser encarada como *híbrida*, já que resgata (ainda que não seja declarado)

elementos associados ao antigo malandro, somando-os a vários elementos associados ao contexto atual.

A tensão entre o local e o global também deve ser sempre levada em conta na análise da questão das identidades. Esses malandros são influenciados tanto pela mídia, um dos veículos globalizantes, como pela região, pelo bairro do qual fazem parte. Um dos princípios importantes da definição de sua identidade é justamente a importância que adquiriram na comunidade da qual fazem parte. Ser malandro é ser respeitado e temido por todos ali, tanto pelo uso da força como pela ajuda financeira. O imaginário local tenta acomodar os elementos que se sobressaem naquele território, uma realidade em que se inverte a ordem, a polícia é temida e os bandidos são admirados, o malandro assume uma figura idealizada, representando força e coragem. Isso repercute diretamente na forma como eles se vêem e se definem.

Mas, os “*discursos da rede global*”, apesar de muito valorizarem a violência e o crime, também mostram uma infinidade de outras formas de vida que não condizem com a realidade que esses jovens vivem. O apelo ao consumo e as novas formas de sociabilidade bombardeiam suas mentes, aumentam a sensação de contradição que vivenciam, já que a aceitação de sua identidade de malandro é concretizada em um território específico: o bairro de origem.

A identidade, partindo da análise de Hall, tem seu caráter *reflexivo* cada vez mais acentuado, pois há uma grande diversidade vivenciada por todos, levando os indivíduos a se relacionarem entre si sem pertencerem a uma comunidade fixa e exclusiva.

Costa (2002) traz considerações a respeito da definição de identidade e de seu papel nas sociedades complexas complementares a de Hall. Ele critica muitas das definições em torno desse tema, pois, para ele, são redutoras e reificantes. Quando são expressas socialmente também podem se tornar reificantes, já que há, atualmente, uma tendência ao exotismo e à emblematização no que se refere às identidades. Para o autor, as identidades são múltiplas e mutáveis, pois são *construções sociais relacionais e simbólicas*:

“Simplificando: relacionais, porque sempre produzidas em relação social e porque sempre relativas a outras; simbólicas, porque envolvem sempre categorizações culturais e porque significam sempre o destaque simbólico seletivo de algum ou alguns atributos sociais. As “identidades culturais” implicam um tipo específico de redobramento simbólico das “propriedades sociais”, requerem a seleção e evidenciação ativa de alguma ou algumas delas, simbólica e relacionalmente realizada. Identidade cultural é sempre, nesse sentido, reflexividade e reconhecimento.”(COSTA, 2002, p.27)

O autor faz uma crítica, dessa forma, ao exotismo em relação às outras identidades, propagado sobretudo pelo turismo de massa, devido ao processo de globalização e urbanização. Há, nas sociedades complexas e globalizadas, uma coexistência de várias referências culturais, que possibilita um grande número de correlações identitárias, de várias formas, de agressão, de convivência, de hibridismo ou isolamento.

“(...) as identidades culturais revelam, além disso, uma permanente ambivalência de conotações valorativas, de sentido positivo ou negativo, um freqüente entrelaçamento de dinâmicas de ostentação e ocultação, um caráter sempre situacional, contextualizado, interativo e estratégico no seu acionamento.”(COSTA, 2002: 27)

Nota-se, através da pesquisa de campo, que as identidades presentes neste cotidiano – o *malandro*, o *mané*, o *boy*, o *nóia* – têm um caráter ambivalente e situacional, ou seja, adquirem um valor positivo ou negativo em relação a este contexto específico. Para dar conta da complexidade desta questão, o autor aponta para “*três modos principais de manifestação contemporânea das identidades*”(Op. Cit., p.27), coexistentes e sobrepostos: “*identidades experimentadas*”, “*identidades designadas*” e “*identidades tematizadas*”. Esses três tipos coexistem e sobrepõem-se uns aos outros. Essa tipologia auxilia na análise dos dados coletados pela pesquisa de campo, visto que mostra a riqueza das relações identitárias, sem cair em um determinismo classificatório.

As *identidades experimentadas* são aquelas vividas pelos indivíduos e relacionam-se, sobretudo, ao sentimento de pertença e às representações cognitivas que um conjunto de pessoas partilha. Assim sendo, o “*ser malandro*” pode se encarado como uma *identidade experimentada*, já que compõe um

conjunto de características (coragem, dinheiro/poder, profissionalismo, código de conduta) ditadas pelos próprios malandros, como foi visto no Cap. I.

As *identidades designadas* ou atribuídas, por sua vez, são fruto de um processo inverso, exterior: “*reportam-se a construções discursivas ou icônicas de entidades coletivas, com as quais aqueles que a produzem não têm relação subjetiva de pertença*” (op. Cit., p.22). Partindo desta perspectiva, pode-se perceber que é atribuída a estes rapazes uma identidade de marginal e/ou delinqüente, de conotação negativa e excludente, presente na sociedade, de forma geral, mas fortemente marcada pela mídia, em particular, nas matérias de jornais e nos programas televisivos sensacionalistas (“Bandido tem que morrer”).

Este rótulo tenta ser rompido por eles pela vivência da identidade de malandros. Neste caso particular, verifica-se que a relação de destas duas manifestações identitárias (a *experimentada* e a *designada*) é conflituosa, apontando para duas posições opostas – malandro (positivo)X marginal (negativo) – de uma mesma realidade, o crime. Nesta relação, não é a ação que está em pauta, mas o papel deles na sociedade; o malandro não quer ser bem visto pela negação de sua condição de criminoso, pelo contrário, é justamente pela valorização de sua condição de “fora-da-lei” que se afirma sua identidade. Mas identidade não implica, é claro, só em afirmação, necessita também de reconhecimento. Dessa forma, o papel dos moradores do bairro em que cresceram é fundamental, pois reforçam esta conotação positiva.

Outro ponto a ser analisado no que se refere às *identidades designadas* é a forma pela qual os malandros vêem os outros personagens de seu convívio (*boys, manés, nóias* – ver Cap. II). O que transparece em seus depoimentos está, em grande parte, carregado de uma conotação negativa. Estes rapazes tentam sempre passar uma sensação de superioridade, mesmo em relação aos *boys*, dos quais tomam emprestado alguns elementos de seu estilo. A “fraqueza” destas *identidades designadas* pelos malandros aparece de diferentes formas: os *nóias* não conseguem “fazer a cabeça”, ou seja, controlar o uso das drogas; os *manés* são explorados e incapazes; os *boys* têm a vida fácil demais; e, os *gansos*, para os malandros, descem tão baixo que nem são considerados propriamente indivíduos, pois são desleais e “capachos” da polícia.

Já as *identidades tematizadas* consistem em um processo de emblematização dos aspectos que definem certa identidade com a finalidade, geralmente, de obter uma projeção social para atingir certas metas. No caso dos malandros, como seria esse processo de emblematização? Uma das formas de analisar essa situação da malandragem, em particular, é que a sociedade trata o crime de forma ambígua, por um lado, critica toda transgressão às leis e toda forma de violência, mas, por outro lado, idealiza essa “vida bandida” através de filmes em que os “bandidos” assumem o papel central, sendo suas ações valorizadas. O caráter de idealização da vida no crime também será abordado no próximo tópico, em que o crime é associado com uma vida de maiores liberdades.

O próprio papel do crime nas sociedades complexas, como foi visto no Cap. I, também é dúbio. As diferentes formas de controle na sociedade capitalista tentam reprimir os atos ilegais que trazem prejuízo (falsificações, furtos, vandalismo). Mas, de outro lado, não se pode descartar toda a movimentação financeira, de grandes somas de dinheiro, vinculada ao mercado informal, ao contrabando e ao tráfico de drogas. A emblematização dos criminosos, de forma geral, não residiria na própria ideologia capitalista de que o dinheiro pode comprar tudo (liberdade, felicidade, projeção social), sem se questionar de onde ele veio?

Retomando as considerações de António Firmino da Costa, as identidades quando se tornam *tematizadas*, acabam por causar um efeito contrário ao processo originário de sua constituição, ou seja, ao se assumir uma identidade, busca-se um reconhecimento por parte dos outros de quem você é e do seu lugar na sociedade. Mas, este reconhecimento tem um preço, limita a complexidade do sujeito em apenas um aspecto, muitas vezes, retirando seu conteúdo de crítica.

Os rapazes pesquisados, ao se definirem pela identidade de malandros, acabam abrindo mão de uma série de outras possibilidades em suas vidas, na medida em que tentam estabelecer uma coerência entre suas ações e a sua imagem. É esta a questão que pretende ser abordada no último tópico: a contradição entre uma identidade limitadora que fantasia viver em liberdade e a liberdade como utopia, voltada para a ação do sujeito.

Liberdade

Os malandros defendem uma posição de autonomia em suas escolhas e de fuga das normas de uma vida regrada, inserida no mundo do trabalho, mas omitem as limitações e as duras escolhas vividas por quem está inserido dentro do universo da criminalidade. Na realidade, estão acorrentados a várias barreiras da nossa sociedade atual, como a pressão dos policiais. Essa postura perante a vida, à primeira vista ingênua, requer um olhar mais detalhado. A liberdade, tão pregada entre esses jovens, parece estar mais presente em seus sonhos e em seu imaginário do que em suas vidas cotidianas.

No início deste capítulo, procurou-se mostrar, a partir das considerações de Augé (1998), o estatuto do imaginário na sociedade atual e sua relação com a mídia, principalmente, a televisão. De maneira complementar, pode-ser retomar as considerações de Morin (1981) a respeito da cultura de massas, a fim de compreender a dimensão da liberdade sonhada pelos malandros.

A cultura de massas, segundo Morin, tem dois movimentos inversos que são a aproximação do imaginário com a realidade e a mitologização da informação, ambos tendendo a um equilíbrio médio. Não é só o imaginário que é trabalhado pelas imagens veiculadas pela mídia, a própria vida de todos os dias nela encontra um ponto de referência. Temas como a violência, o perigo ou uma vida descompromissada fazem parte de seu imaginário, presentes, por exemplo, nos filmes, séries de TV e nas músicas: de um lado, a violência, a agressão, o homicídio, a transgressão, de outro, o erotismo, a felicidade, o prazer, o amor.

“Por um lado, irrigação da vida quotidiana, por outro lado, irrigação da vida onírica. Dois sóis gêmeos efetuam uma rotação, um sobre o outro. Um aquece com seus raios os fermentos que se desenvolvem na sociedade, o outro dá uma plenitude imaginária a tudo que falta na sociedade.” (MORIN, 1981:110)

Os indivíduos são influenciados, sem dúvida, pela mídia quanto a determinados comportamentos. E, sem sombra de dúvidas, as imagens que povoam as telas também influenciam o imaginário das pessoas. Longe de defender que a violência e a criminalidade tenham ligação direta com as imagens que passam na televisão e no cinema, acredita-se que essas mesmas

imagens influenciam, pelo menos em alguns aspectos, a vida dos rapazes pesquisados e não podem ser ignoradas.

Há uma ligação estreita entre o que é transmitido pelos meios de comunicação e o telespectador. O ator torna-se “natural” e tem uma aura de simpatia profunda (MORIN, 1981, p.92). Um desses aspectos é a idéia de que o mundo do crime representa um universo de liberdades, pois está além dos limites da sociedade. Percebe-se em muitos filmes que o bandido, o fora-da-lei opõe-se às limitações diárias do cidadão comum, assim sendo, cria-se um imaginário que associa o criminoso a uma vida mais livre.

Esse imaginário não é só difundido pelos filmes, como também a indústria musical está cada vez mais investindo na figura do gangsters milionários, cercados de mulheres, dirigindo seus carros luxuosos. Basta ver os videoclipes [vídeos musicais] de Rap que passam principalmente na MTV diariamente. Rappers como P. Diddy, Snoop Dog, 50’Cents³⁰ reforçam esta idéia tanto através das imagens como das letras e isso repercute no imaginário dos malandros:

“Eu não curto muito televisão, não. Eu assisto sempre esses programas tipo o “Cidade Alerta”³¹, pra ficar ligado no movimento, né, porque sempre aparece uma informação assim que a gente precisa, como anda os esquemas por aí... Gosto de filme, mas eu pego mais na locadora, porque nunca passa o que a gente quer na hora que a gente pode assistir, não é verdade? E até eu vejo alguma coisa na MTV, sabe, tem vez que passa um som dos manos, entende, aqueles clipes, os caras são gangster mesmo, só carrão da hora, um monte de mulher de biquíni, na piscina, isso eu curto, mas de vez em quando, porque ficar comendo mosca na frente da TV não enche barriga.” (Depoimento de Fabrício, 25 anos, 09/2003)

Nota-se o interesse de Fabrício por este tipo de videoclipe, há uma identificação imediata, pois para ele, é “*um som dos manos*” e os cantores são encarados como gangsters de fato. Outro fato importante, neste relato, é o interesse pelos programas televisivos sensacionalistas que passam geralmente no fim da tarde (“*tipo o “Cidade Alerta”*”) e que são repletos de notícias sobre

³⁰ Estes rappers são norte-americanos e fazem atualmente sucesso internacional nas rádios e na televisão.

³¹ O programa jornalístico **Cidade Alerta** estreou em março de 2003, na Rede Record de Televisão, sendo exibido no horário das 18:00h. Seu conteúdo esteve sempre voltado para

assaltos, assassinatos e prisões. Este veículo midiático que, na maioria das vezes, denigre a figura dos criminosos, é ironicamente usado por eles como um meio de se manterem informados (*“pra ficar ligado no movimento”*).

Fabrizio também aponta o interesse por filmes. Estes filmes, geralmente, são de ação, em que se destacam atividades criminais:

“Luís, Marcos e Marcelo conversavam sobre o que gostariam de fazer à tarde:

Marcelo: -Poxa, mano, nessa chuva que tá agora o que liga era fumar um e pegar um filme pra assistir na locadora, pra ficar assistindo e viajando...[risadas]

Luís: - É mano, pode crer... Mas nada dessas frescuras que tem por aí, tem que ser filme de ação, com bastante tiroteio, muita arma, tá ligado?

Marcelo: - É lógico, tá me tirando?

Marcos: - Um assim do estilo daquele “60 Segundos”, saca? Dos caras que assaltam carro, é da hora! Ou aquele do roubo a banco, do cassino, como é mesmo o nome?

Luís: - “11 homens e um segredo”.

Marcelo: - “60 segundos” vá lá, mas esse “11 homens e um segredo”, meu, é conversa pra boi dormir, assalto não é assim não, aquela frescurada antes de planejar... Não sei. Quanta coisa, mano! Pra assaltar você pega um trabuco e mete na cara do guardinha e tá valendo. Não sei, eu não gostei...

Marcos: - Então, vai lá pro cara da locadora e pede um com bastante ação que ele escolhe, o cara manja.

Marcelo: - Eu não vou lá não.

Luís: - Vai de carro, ô gordo!

Marcelo: - Até chegar no carro, nessa chuva, vai sujar meu tênis, vou chamar alguém pra ir.” (Relato de observação, 02/2003)

Neste relato de observação, aparece o interesse por filmes de ação, sobretudo relacionados ao assalto (“60 Minutos” e “Onze Homens e Um segredo”). Por si só, isso não seria um dado muito relevante, pois muitos gostam deste tipo de filme, mesmo não sendo criminosos. Mas o comentário de Marcelo, aprovando o filme “60 Segundos” e criticando “Onze Homens e Um Segredo”, aponta para a necessidade dele de identificação da realidade que vivencia com o que se passa no filme: *“assalto não é assim não, aquela frescurada antes de planejar... não sei”*.

Em uma entrevista, Marcelo afirmou que o seu ídolo era o Poderoso Chefão. Isso pode demonstrar uma concepção idealizada do criminoso forte e impassível, acima de tudo e de todos, impondo regras e controlando vidas:

“Qual meu ídolo? Deixa eu ver, é o Poderoso Chefão, sem dúvida, Dom Corleone... Eu vi os três filmes um monte de vezes, puta, é demais. Eu não me canso. O cara controla tudo, na dele, sem vacilar, o filho dele a mesma coisa, nem a mulher ele perdoa... Pra mim, tem que ser assim, na hora você não pode deixar a emoção te controlar, você controla a emoção. E, mano, ninguém se mete a besta com ele não, domina tudo...” (Depoimento de Marcelo, 22 anos, 11/2002)

Denota-se, também aqui, uma identificação entre o imaginário dos malandros e o que passa nas telas. Neste caso, esta identificação não está ligada somente à ação, mas a um personagem específico, Dom Corleone, que ganha vida no depoimento de Marcelo. Outro rapaz apontou um ídolo diferente:

“Pra mim, o meu ídolo é o Fernandinho Beira-Mar. O cara é foda, já fugiu da prisão de segurança máxima, já fez o diabo. Até dentro da cadeia, ele comanda tudo e a grana que o cara tem? Não dá nem pra imaginar viver com tanta coisa. Eu sei que tem muita gente querendo a cabeça dele numa tijela, de troféu, tá ligada? Mas, assim é que liga, entende? Todo mundo te odeia, mas tem que te aturar do mesmo jeito, te odeia, mas te admira, te respeita...” (Depoimento de Carlos, 23 anos, 11/2002)

Este ídolo não é um personagem do cinema, mas sua exposição na mídia, transformou-o em uma figura lendária do crime organizado. Ambos os rapazes, apesar de escolher ídolos diferentes, apontam para um conjunto de características muito semelhantes: a idéia de comandar tudo a seu redor e a de ser respeitado e temido por todos.

Isso não significa que eles entraram no crime porque viram filmes que glorificam criminosos, mas a visão que têm de si mesmos e da vida que levam está, de alguma forma, imbuída deste imaginário coletivo que associa a vida criminosa a um mundo fora-da-lei, mais perigoso, mas também mais livre. A cultura de massa tem uma força extraordinária para narrar mitos e aproximá-los das pessoas, tanto criar novos mitos, como reforçar os já existentes.

“O mito é comovente. Dirige-se à subjetividade, concerne o medo, a angústia, a culpabilidade, a esperança, e dá-lhes resposta. (...) o mito é de natureza complexa, e fala também de separação e de desintegração. (...) muitos mitos são evasivos, ambíguos, e muitos dos que trazem a salvação dizem o preço terrível a pagar. (MORIN, 1996, p.153)

Morin (1981) mostra como, nos filmes, entra-se em contato com a liberdade imaginária que se contrapõe ao mundo da lei, ao mundo do dia a dia. A liberdade que a cultura de massa propõe, só pode ser realizada fora desse mundo: acima, apresenta-se como a *supra liberdade*, abaixo, como a *infra liberdade* e em situações extraordinárias, como a *extra liberdade*. A *supra liberdade* é aquela exercida pelos *olimpianos*, pelos ricos e poderosos, que conseguem fugir dos impedimentos da vida quotidiana; a liberdade *extra* se exerce nas fronteiras espaciais ou temporais, em espaços e tempos ainda não apropriados pela civilização, presente em filmes de Ficção Científica, por exemplo). Finalmente, a liberdade *infra* é a que se exerce abaixo da lei, nos submundos da sociedade. Os malandros aproximam-se, sobretudo, deste imaginário da *infra liberdade*.

“A liberdade infra se exerce abaixo das leis, nos “submundos” da sociedade, junto aos vagabundos, ladrões, gangsters. Esse mundo da noite é, talvez, um dos mais significativos da cultura de massa. Porque o homem civilizado, regulamentado, burocratizado, o homem que obedece aos agentes, aos editais de interdição, aos “bata antes de entrar” aos “da parte de quem”, se libera projetivamente na imagem daquele que ousa tomar o dinheiro ou a mulher, que ousa matar, que ousa obedecer à sua própria violência.” (MORIN, 1981:112)

Desta forma, pode-se encarar a liberdade associada ao crime como um mito veiculado pela mídia, fazendo parte do imaginário coletivo. Retomando as considerações de Augé, este imaginário coletivo está atualmente sofrendo influência de uma ficção sem autor, cada vez mais identificada com o real. Retoma-se também outra figura do imaginário dos malandros que o “mundo da noite” em oposição ao mundo civilizado.

Pode-se acrescentar que o imaginário em torno do mundo do crime como algo sedutor é, muitas vezes, distante da realidade, já que apresenta

uma baixa expectativa de vida e um lucro inconstante, mas tem uma grande influência na mentalidade desses jovens.

Os malandros, em sua dura vida na periferia, querem prolongar o lazer, querem de fato vivenciar esse mito da liberdade. A vida da periferia, da população mais carente está em contato constante com os ideais e padrões veiculados pela mídia, mas para ela é mais difícil realizá-los. Com o desemprego cada vez maior, ou mesmo um emprego com pouco retorno financeiro, o ideal do bem-estar torna-se cada vez mais inatingível.

Uma das soluções é o ingresso no mundo do crime, já que não é preciso atravessar a cidade para ir ao emprego, nem horário para cumprir, além de estar associado à aventura e ao dinheiro para consumir os produtos que deseja, para eles. É a materialização da liberdade individual tão almejada. Um trecho do depoimento de um dos rapazes mostra a importância da liberdade para eles:

“Liberdade para mim é tudo, entende? Liberdade para comprar a coisas que quero, para ir par onde quero, quando eu quero. A coisa que me tira do sério é não fazer o que me dá na cabeça. É por isso que moro sozinho desde quando eu tinha 17 anos, não agüentava mais meu velho me dar bronca e dizer a que horas eu tinha que estar em casa. Eu saía, ficava andando por aí, voltava, às vezes só no dia seguinte. Outra coisa que me deixava doido era ele perguntar onde eu arranjava dinheiro para comprar as coisas que eu tinha, queria saber dos meus esquemas, jogava na cara que ele que me sustentava, que eu dependia dele. Um dia a gente teve uma briga feia e eu saí de casa... Eu queria tanto ficar sozinho, ter independência, mas quando eu me vi sozinho, na primeira semana, deu cagasso, não tinha com quem conversar, eu era uma criança... Mas era orgulhoso demais para voltar atrás e continuei firme, até me acostumar. Foi difícil até para me sustentar, eu já tinha alguns esquemas que descolava uma grana, se é que você me entende? Mas a grana era curta no começo. Mesmo assim, foi a minha escolha. Eu sou dono de mim mesmo, eu faço o que eu quero, ganho meu dinheiro e ninguém é louco de se meter a besta comigo!”
(depoimento de Fábio, 25 anos, 05/2004)

A liberdade que Fábio alega ter, mesmo que apareça indiretamente, está associada ao ingresso na criminalidade (“já tinha alguns esquemas”). Consiste, principalmente, em ir onde quer e em comprar o que deseja, além de não ter

que dar satisfação a ninguém. Também outro depoimento reforça a importância da liberdade para os malandros:

“Ser da malandragem, pra mim, é ser mais livre... Você não tem que acordar todo dia cedo pra ir pro trabalho ouvir merda do seu chefe, você não tem que ficar contando os trocados no fim do mês pra comprar a mistura pras crianças... Pro malandro não falta dinheiro, se ele corre atrás. Você tem a mulher que quer, porque elas não podem ver alguém com carro e nos panos que caem matando [risos]. O malandro faz o que dá na cabeça, tá ligada? Sem pensar nas conseqüências, sem pensar no dia de amanhã.” (Luíz, 30 anos, 04/2004)

Aqui, transparece nitidamente a idéia de que ser malandro é ser mais livre. Esta liberdade está, sobretudo, associada aos benefícios que o dinheiro traz: não se preocupar com a comida no final do mês, não ter que se submeter a um chefe ou o fato de ter a mulher que quiser. Também, é uma liberdade inconseqüente: *“sem pensar no dia de amanhã”*.

Percebe-se, através destes depoimentos, que a concepção que os malandros têm da liberdade é pragmática, pois está voltada para a ação no sentido de realização de coisas (sair, comprar, etc.). Não se cogita na liberdade de pensamento ou na liberdade de escolha, já que ser malandro é um fato consumado e inquestionável. É, também, individualista, já que está voltada para a satisfação de cada um. Para a realização desta liberdade não estão incluídas nem mesmo as pessoas mais próximas, como a companheira ou a família.

Desta maneira, este individualismo reforça o caráter de sonho ou fantasia, já que é bem sabido que esta liberdade pregada pelos malandros de ir, vir e de agir não se concretiza, visto que estão constantemente tentando escapar da polícia. Contrapõe-se, diretamente, a um ideal coletivo de liberdade como aquele defendido pelos anarquistas, de que todos juntos, respeitando os limites de cada um, atingiriam a liberdade plena. Esta última estaria no campo da utopia, no sentido de um projeto a ser seguido.

Os malandros, como uma de suas principais motivações, ingressam na criminalidade para terem uma vida de maiores liberdades, mas esta liberdade é mais sonhada do que vivida, na verdade suas opções de escolha são muito

limitadas, seu universo de ação acaba reproduzindo elementos da mídia e da sociedade de consumo.

A liberdade é, portanto, uma questão muito importante na vida dos jovens pesquisados, tal como é para todos nós. A liberdade tornou-se um dos pontos cruciais do viver em sociedade desde o início dos movimentos socialistas, bem como dos processos de Independência dos Estados Unidos e da Revolução Francesa. Tornou-se peça-chave para o viver em democracia. Dessa forma, analisar a concepção de liberdade que esses rapazes compartilham e a presença ou não em suas vidas remete a questões mais amplas ligadas à moral, à cidadania, à ética.

Viver em sociedade implica no cumprimento de regras e no estabelecimento de limites que, a partir de uma perspectiva egocêntrica, pode ser encarado como um cerceamento da liberdade individual. A grande questão reside justamente em conciliar a liberdade nas dimensões - a individual e a coletiva - , sem cair em um individualismo exacerbado ou em uma ditadura da vontade de todos.

Para embasar esta questão, toma-se aqui como referência à discussão de Touraine (1999) a respeito do papel da liberdade na sociedade atual. Apesar de ter como foco central a compreensão da Modernidade, a liberdade é um componente essencial em suas propostas para um novo modelo de democracia. É neste sentido que se pretende tomar a liberdade, não como um ideal abstrato, descolado da realidade, mas como um aspecto fundamental para a relação entre os seres humanos, como uma “utopia”, um caminho a ser seguido, um projeto.

Para ele, a liberdade constitui-se de duas formas: na negação de todas as formas de opressão e na ação transformadora, ambas operadas pelo Sujeito. Critica a postura universalista de Habermas:

Habermas procura encontrar o universalismo a partir das culturas e das personalidades particulares; eu, ao contrário, procuro encontrar a liberdade criadora do sujeito contra a dominação da vida individual e coletiva pelos aparelhos que detém o dinheiro, o poder e a informação, portanto contra a lógica dos sistemas. (TOURAINÉ, 1994, p.360)

Para o autor, vivemos atualmente uma Modernidade fragmentada, que foi tomada pela racionalidade instrumental, na qual os sujeitos não têm possibilidade de ação. Não é possível nos dias de hoje, por mais que se deseje, voltar e retomar o projeto da modernidade, tal como ele se esboçou há quatro séculos atrás. Dessa forma, sua proposta é apresentar elementos para a construção de um novo projeto civilizatório que aproveite de maneira positiva a atual fragmentação da Modernidade. Para o autor, a sociedade é um campo de conflitos, é um espaço de mediação entre a racionalização e a subjetivação – *“as duas faces complementares e opostas da Modernidade”* (TOURAINÉ, 1999, p.377).

Assim sendo, a sociedade atual não pode ser mais entendida como um corpo coeso, o sistema social está fragmentado em quatro realidades desconectadas entre si: o ego, o consumo, a empresa e nação. Essas realidades não apenas reproduzem o sistema, mas também o contestam. Cada uma é considerada um ator da Modernidade, mas também, mantém uma dimensão autônoma frente aos determinismos sociais, pois carrega uma força anti-moderna.

O primeiro ator, inicialmente concebido como sujeito, foi o pilar da luta pela liberdade e afirmação. Posteriormente, retrocede fortalecendo sua dimensão de ego, como *ser de desejo*, voltando-se ao individualismo. Já a Nação, como segundo ator, tem sua força moderna caracterizada pelo fato de ter sido um dos principais vetores da passagem da sociedade tradicional para a moderna, substituindo antigos privilégios por outros favoráveis à modernização econômica, política e cultural.

O terceiro ator é a empresa. Com essa idéia, rompe-se com a concepção mecanicista que se tem dela. Para ele: *“deixa de ser a expressão concreta do capitalismo”* (op. Cit., p.150) passando a se constituir em *“um ator essencial da vida social”* (op. Cit., p.151). Ou seja, a empresa carrega um potencial criador de novas possibilidades dentro da sociedade, apesar dele estar direcionado, na maioria das vezes, para a manutenção das diferenças sociais.

O quarto ator é o consumo e, como a empresa, não pode ser pensado como um simples subordinado às forças econômicas. O consumo deve ser pensado, segundo Touraine, como ação social, que por seu intermédio, traduz

a vontade de grupos, propondo mudanças à nação e à empresa. Mas, é claro que os efeitos negativos do consumismo, impondo valores e realçando diferenças, não pode ser deixado de lado.

É no sujeito que reside a força de transformação social que possibilitaria a mudança de atuação dos outros três atores. Para o autor: “(...)O sujeito é sempre relação indireta e direta deslocada do indivíduo consigo mesmo através do outro e através da resistência à opressão” (op. Cit., p.247)

O apelo ao Sujeito torna, assim sendo, a democracia possível, já que é o princípio restaurador do projeto não realizado da Modernidade, estabelecendo a ligação entre os quatro atores opostos e complementares dos conflitos sociais. Finalmente, Touraine define democracia pela liberdade e pela criatividade dos indivíduos e dos grupos, contrapondo-se a idéia comumente pregada de que democracia é participação.

Partindo destas considerações, a liberdade é um dos princípios fundamentais para a transformação da sociedade. Mas esta liberdade, diferentemente da concepção individualista dos malandros, deve surgir da inter-relação dos sujeitos. Visto desta forma, ao contrário do que os rapazes pesquisados apregoam, “ser malandro” não pode ser entendido como uma forma concreta de viver em liberdade, porque o caminho por eles percorrido é, muitas vezes, estreito e sem volta.

Como foi visto, questão da liberdade é bastante complexa, além de ser uma utopia, pode também ser analisada como um mito contemporâneo veiculado pela mídia, ou seja, faz parte de um imaginário coletivo muito presente em nossa sociedade. Percebeu-se que essa idéia de liberdade também está presente nas experiências individuais dos malandros, é um sonho, uma fantasia, fazendo parte do imaginário individual.

Se esta dimensão não é a principal motivação para continuarem praticando atividades criminais, também não deixa de ser um aspecto fundamental em suas vidas. A vida no crime abarca “liberdades” imaginadas e vividas em vários níveis: a sensação de liberdade veiculada pela mídia, a liberdade de consumir o que deseja, a liberdade de viver na noite, recusando o “tempo do trabalho”. Talvez a liberdade “maior” e mais arriscada seja a de abrir mão da premissa primeira que é proteger a própria vida.

Deve-se perguntar em que medida esta escolha é consciente ou não: se o fato de “*encarar a morte de frente*” é mesmo coragem ou fatalismo (de aceitar a morte como consequência inevitável de seus atos)?

Em raros momentos das entrevistas, percebeu-se sentimentos de arrependimento e de dúvida pelas escolhas que fizeram em suas vidas, que vinham à tona quando abandonavam o discurso de “*faço o que quero*”. Nesses momentos, a vida na Malandragem, para eles, se tornava como qualquer outra, com escolhas difíceis e caminhos sem volta. Contudo, a noção de *presentificação* do cotidiano nunca deixava seus horizontes. As reflexões sobre o futuro e sobre suas ações foram raras e de curta duração, sendo sempre finalizadas com alguma chacota, como pôde-se perceber no depoimento de Fábio à respeito da morte.

Estas trajetórias de vida “labirínticas” (Pais, 2001), ao serem vistas de perto, denotam a própria complexidade do todo social, já que tanto suas práticas cotidianas, como os frutos de seu imaginário estão entremeados de questões que atormentam tantas outras vidas: a banalização da violência, a fragmentação do “eu”, o “vazio de referentes”, o individualismo exacerbado e a falta de projetos futuros.

Percorrendo os “labirintos de vida”

Neste longo trajeto que se iniciou com a pesquisa de campo até a elaboração do texto final desta dissertação, perseguiu-se o objetivo de desvendar os “labirintos de vida” (Pais, 2001) em que se constituem as vidas dos malandros. Este processo transformou-se, em alguns momentos, também em um labirinto de idéias, com idas e vindas e caminhos sem saída.

As dificuldades concentram-se, principalmente, em como lidar com a complexidade de fatores que envolviam estas vidas, já que quanto mais se aproximava do “objeto”, mais difícil era estabelecer precisamente seus contornos. Além disso, durante o processo de conhecimento e reconhecimento, resultante da interação entre pesquisados e pesquisadora, foram surgindo novas questões e até abalando certas noções pré-estabelecidas.

Em dado momento, a aproximação com o universo pesquisado resultou na assimilação de alguns de seus traços, como por exemplo, o medo da polícia, que foi ganhando força e chegou até a dificultar a exposição dos resultados da pesquisa em um texto escrito. Foi necessário um acontecimento brusco para restabelecer o distanciamento necessário para a interpretação dos dados obtidos: o falecimento de Fábio que tinha se tornando o grande elo de ligação entre a pesquisadora e os pesquisados, devido sua grande participação e incentivo os demais entrevistados. Com sua morte, a polícia se tornou cada vez mais vigilante e os outros ficaram rapazes se retraídos, deixando de comparecer nos dias e horários combinados para as entrevistas.

Dessa forma, a pesquisa de campo ficou inviabilizada e se viu encerrada por esta imposição externa, na metade de 2004. Este distanciamento possibilitou uma retomada da postura crítica inicial perante o material coletado. Serão retomadas, aqui, as principais conclusões a que se chegou esta dissertação para depois serem apontadas as questões em aberto, ainda presentes.

O primeiro capítulo concentrou a análise na caracterização do próprio objeto da pesquisa: os malandros. Esta caracterização foi feita através de três

aspectos básicos: a diferenciação dos malandros do início do Século XX e dos malandros de hoje, ressaltando as transformações ao longo destas décadas que marcaram o caráter da nova malandragem; algumas das implicações econômicas da atividade criminal; e, a importância de ser malandro no âmbito das identidades fragmentadas. Através dos relatos e da fundamentação teórica, pôde-se esclarecer alguns aspectos importantes que compõem este personagem, bem como a relação estreita com questões de vital importância: as novas formas de controle, o consumismo e o processo de fragmentação das identidades.

Buscou-se configurar o contexto de um Capitalismo em sua fase de acumulação flexível, voltado para o consumismo, em que o malandro, objeto desta pesquisa, está inserido, ressaltando suas diferenças em relação ao malandro do começo do século, ligado a um Capitalismo, ainda nos moldes industriais do Fordismo.

Uma das questões centrais para a presente pesquisa foi buscar compreender as motivações que levaram esses jovens a entrar na criminalidade e o que isso representa em suas vidas cotidianas. Entender o processo de constituição da identidade desses jovens, levantar os elementos que compõem o que é ser malandro trouxe respostas a essas indagações. A partir dos dados coletados nas entrevistas e na observação em campo, ser malandro é definido pelos rapazes pesquisados por quatro pontos básicos: a coragem, o dinheiro como sinônimo de poder, o profissionalismo e o respeito a um código de conduta.

Por outro lado, apesar de receberem grandes quantias de dinheiro (mas nem sempre), esses jovens podem ser considerados funcionários, trabalhadores num mercado altamente competitivo e de alto risco (perigo constante de morte ou prisão). Acredita-se, dessa forma, que a lógica a qual permeia a rede do crime organizado, em suas várias formas, é a mesma de grandes empresas transnacionais. Há a classe de dirigentes, mas também há os “trabalhadores”, mão-de-obra pouco qualificada, composta de jovens, muitas das vezes alheios às grandes jogadas.

Uma forma encontrada por eles de se sustentarem nas “épocas de seca” é o serviço de lotação. Eles “compraram” linhas de lotação e têm funcionários

(motoristas e cobradores) trabalhando a seu serviço. Atualmente, estas linhas estão regulamentadas e eles pagam os impostos devidos.

Respondendo à pergunta – Por que Malandro? – notou-se que, individualmente, os rapazes pesquisados tomam para si o termo malandro para fugir do estigma de delinqüente e dar um caráter de profissionalização à atividade criminal; já enquanto grupo, pertencer à malandragem pode ser entendido como uma resposta ao vazio simbólico e a falta de referentes nas grandes metrópoles.

O objetivo do Capítulo II foi entender o cotidiano dos malandros. Estudar seu cotidiano foi compreender não apenas como rotina diária desses rapazes, mas, principalmente, entender como essas vidas estão entrelaçadas com a vida de outras pessoas, influenciando e sendo influenciados por questões mais amplas, ou seja, entender como esse microcosmo está conectado com a trama social. Essas conexões são o que Pais (2003) chama de “nós de inteligibilidade” e foram, em um primeiro momento, esmiuçadas, trazidas à tona, para, posteriormente, constituírem-se em material para análise crítica.

Pôde-se verificar que o cotidiano dos malandros é marginal, o termo marginal foi aplicado, nesta dissertação, no sentido de margem, de limite, primeiramente, porque grande parte de suas vidas está em uma região afastada do coração da cidade, o extremo leste de São Paulo. Por outro lado, este cotidiano situa-se no limite entre o ilegal e o legal (microempresários de lotações e assaltantes), entre o tradicional e o novo (pais de família e baladeiros), entre a ordem e a desordem (criminosos e mantenedores da ordem).

É no bairro que os malandros se sentem como pertencentes a algo maior, sentem-se à vontade, apesar deste lugar não oferecer o conforto de um bairro melhor situado. Esse foi um dado muito importante para a pesquisa, visto que a necessidade de manter os laços com o bairro onde cresceram acabou trazendo problemas para esses rapazes. Neste bairro, muitos sabem que eles praticam atividades criminais e poderiam denunciá-los para a polícia a qualquer momento, por rixas ou desentendimentos. Dessa forma, corriam riscos constantes, devido a essa grande visibilidade.

Outro aspecto importante foi a violência, que se personifica no cotidiano dos malandros tanto em sua dimensão psicológica: o terrorismo que eles fazem

com as pessoas que estão a seu redor e que a polícia exerce em relação a eles. Como, principalmente, na dimensão física: assassinatos e linchamentos. A forma de encarar a violência como um meio racional para atingir determinados fins está fortemente presente e é o que Habermas (1989) chamou de razão pragmática. Esta postura, em relação à violência, de preferir matar do que bater, principalmente através do uso da arma de fogo (“*dar uns pipoco*”), também remete a dois princípios apontados por Michaud (1989) em relação à violência contemporânea. Chocantemente, o homicídio se banaliza e é perversamente racionalizado, já que é um meio “limpo”, (ao invés da sujeira do linchamento) e eficiente.

Dessa forma, foi fundamental atentar para o caráter dúbio da violência na sociedade contemporânea, devido a este processo de racionalização. De um lado, ela pode se tornar banal, através do seu uso contínuo e de sua valorização pela mídia. De outro, em larga escala, é tomada como mecanismo de controle e poder nas interações humanas. A própria forma de os malandros encararem a violência é também dúbio, dividindo-a entre violência necessária e, portanto, aceitável, e a desnecessária, que, ironicamente, deveria ser combatida também com violência.

Ao longo da dissertação, as falas dos malandros estiveram permeadas de referências a outros personagens de seu convívio: os *nóias*, os *manés*, os *gansos*, os *boys* e a polícia. A relação com estes vários personagens presentes na periferia revelou aspectos importantes de como os malandros constituem sua identidade e diferenciam-se dos outros. Viver na malandragem, como foi visto, além de ser uma forma de sustento, uma “profissão” que lhes proporciona um bom padrão sócio-econômico, está vinculada também a um estilo de vida específico.

Este cotidiano, apesar de estar permeado de aspectos presentes na sociedade como um todo, apresentou especificidades no que diz respeito à própria natureza destas contradições. Elas são profundas, constantes e estão presentes nos diferentes âmbitos de suas vidas – familiar, amoroso, profissional. Retomando as considerações de Pais (2001, 2003), expostas na Introdução, essas contradições foram entendidas como “*insinuações indiciosas*” de uma situação de “*fronteira*” que, a primeira vista, poderia parecer como “*territórios de passagem*”, ou seja, uma fase temporária a caminho da

vida adulta, mas que no caso dos malandros, tornaram-se “*territórios de permanência*”.

É sabido que a vida, sobretudo nas sociedades complexas, é permeada por contradições, resultantes, sobretudo, dos diferentes papéis que as pessoas executam. Defendeu-se, nesta dissertação que o caráter de limiabilidade acabaria agravando as contradições existentes na vida destes rapazes. Cada um desses aspectos do cotidiano desses rapazes não é exclusivo da malandragem, ou seja, há outros indivíduos em contextos distintos que podem, por exemplo, ser casados e ter uma vida descompromissada ao mesmo tempo ou manterem atividades econômicas ilícitas e lícitas associadas. Mas a confluência destes estados de “limiabilidade” (Pais, 2001), desta duplicidade (Baierl, 2003) nos diversos aspectos de suas trajetórias de vida é o que resultou a sua especificidade. Parece que o jogo contraditório dos diferentes papéis a serem representados assumem na vida dos malandros uma dimensão amplificada.

O Capítulo III tratou das questões referentes ao imaginário dos malandros e sua relação com a vida cotidiana que envolve a criminalidade, partindo da perspectiva apresentada por Morin (1981) de que os seres humanos são seres “*semi-reais*” e “*semi-imaginários*”. Teve-se sempre em vista que as duas dimensões – imaginário e vida cotidiana – estão imbricadas e em constante relação, sendo, muitas vezes, difícil determinar onde começa uma e termina a outra.

Devido a grande complexidade desta relação que pode suscitar infindáveis temas e correlações, concentrou-se a análise em três aspectos diretamente relacionados à concepção que os rapazes pesquisados têm a respeito da vida na criminalidade, sendo recorrentes nos relatos e em suas entrevistas. A partir desta perspectiva, os aspectos referiram-se às questões da temporalidade ligada ao ócio, da identidade associada ao risco e da liberdade vivida e sonhada.

Segundo Augé (1998), a situação atual, decorrente da alteração das relações entre os pólos do imaginário, privilegia cada vez mais o imaginário em sua dimensão individual (a busca de realização de sonhos e fantasias) em detrimento do imaginário coletivo, decorrente do fim das grandes narrativas míticas, veiculadas pelas religiões ou pela Nação-Estado. Não há grandes

projetos ou identidades bem-acabadas para o indivíduo se encaixar, privilegiando-se, nesta sociedade de consumo, o superficial, a fragmentação e o efêmero. Este contexto afeta profundamente dois pontos cruciais. O primeiro é a própria questão do tempo, pois se recusam as tradições e qualquer referência ao passado, como também não são apresentadas diretrizes a longo prazo. O segundo é o *hiperindividualismo*, resultante de uma ficção sem autor que altera a relação do binômio identidade/alteridade, isolando o indivíduo em si mesmo.

A vida na malandragem também proporciona uma sensação de efêmero. Segundo Pais (2001), os jovens não têm mais projetos de vida, vivem o presente, em uma temporalidade mítica. O sentimento de pertença e o enraizamento nas tradições são perdidos, entre outros fatores, pelo enfraquecimento do imaginário coletivo ou pela superficialidade dos mitos. Essa sensação de efêmero é reforçada pela consciência que os malandros têm que a vida no crime é breve. A idéia da morte certa, se por um lado é aterradora, por outro, pode trazer um certo conforto de não precisar pensar no futuro, de não ter que arcar com as responsabilidades da vida adulta tradicionalmente impostas pela sociedade.

A idéia de loteria, apresentada por Pais, foi fundamental para compreender a vida dos malandros. A loteria da vida: arriscam se vão conseguir escapar mais uma vez de serem presos pela polícia, se vão conseguir enganar suas mulheres mais uma vez, se vão conseguir evitar a morte e prolongar a vida por mais algum tempo. A temporalidade vivenciada pelos malandros, além de romper com os laços do passado e não cultivar planos para o futuro, está voltada para uma valorização da noite em detrimento do dia.

A noção de que a noite representa o tempo do ócio em contraposição ao tempo do trabalho que é o dia perpassa todo o cotidiano dos malandros. Ir dormir quando o dia já está raiando, diariamente, mesmo sem motivo aparente, revela a negação desta temporalidade ligada ao dia, que, por sua vez, remete a uma lógica do trabalho. Essa vida descompromissada, livre das obrigações de um emprego fixo, acaba proporcionando aos malandros muito tempo ocioso, a sensação de “estar sempre de férias”. Como afirma Margulis (1997), é uma temporalidade que propicia a festa.

Outro traço fundamental, tanto do cotidiano como do imaginário dos malandros, é questão da busca constante pelo risco. Partindo da perspectiva de Le Breton (2000), os malandros, ao flertarem com a morte, realizam uma *troca simbólica* que estabelece novos limites, proporcionando uma razão para suas vidas. Este movimento, segundo o autor, está associado ao que ele chama de crise antropológica da Modernidade em que o sentimento de identidade é algo precário e frágil. A morte é o significante último, é o significante mestre, flertar com a morte significa, portanto, afirmar que está vivo e pode produzir um sentimento de identidade renovado.

Notou-se, através da pesquisa de campo, que as identidades presentes neste cotidiano – o *malandro*, o *mané*, o *boy*, o *nóia* – têm um caráter ambivalente e situacional, ou seja, adquirem um valor positivo ou negativo em relação a este contexto específico. Para dar conta da complexidade desta questão, Costa (2002) aponta para “*três modos principais de manifestação contemporânea das identidades*”(Op. Cit., p.27), coexistentes e sobrepostos: “*identidades experimentadas*”, “*identidades designadas*” e “*identidades tematizadas*”. Esses três tipos coexistem e sobrepõem-se uns aos outros. Essa tipologia auxiliou na análise dos dados coletados pela pesquisa de campo, visto que mostrou a riqueza das relações identitárias, sem cair em um determinismo classificatório.

As *identidades experimentadas* são aquelas vividas pelos indivíduos e relacionam-se, sobretudo, ao sentimento de pertença e as representações cognitivas que um conjunto de pessoas partilha. Assim sendo, o “ser malandro” pode se encarado como uma *identidade experimentada*, já que compõe um conjunto de características (coragem, dinheiro/poder, profissionalismo, um código de conduta) ditadas pelos próprios malandros.

As *identidades designadas* ou atribuídas, por sua vez, são fruto de um processo inverso, exterior: “*reportam-se a construções discursivas ou icônicas de entidades coletivas, com as quais aqueles que a produzem não têm relação subjetiva de pertença*” (op. Cit., p.22). Partindo desta perspectiva, percebeu-se que é atribuída a estes rapazes uma identidade de marginal e/ou delinqüente, de conotação negativa e excludente, presente na sociedade, de forma geral, mas fortemente marcada pela mídia, em particular, nas matérias de jornais e nos programas televisivos sensacionalistas (‘Bandido tem que morrer’).

Este rótulo tenta ser rompido por eles pela vivência da identidade de malandros. Neste caso particular, verificou-se que a relação de destas duas manifestações identitárias é conflituosa, apontando para duas posições opostas – malandro (positivo)X marginal (negativo) – de uma mesma realidade, o crime. Nesta relação, não é a ação que está em pauta, mas o papel deles na sociedade; o malandro não quer ser bem visto pela negação de sua condição de criminoso, pelo contrário, é justamente pela valorização de sua condição de “fora-da-lei”. Mas identidade não implica, é claro, só em afirmação, necessita também de reconhecimento. Dessa forma, o papel dos moradores do bairro em que cresceram é fundamental, pois reforçam esta conotação positiva.

Outro ponto analisado no que se refere às *identidades designadas* foi a forma pela qual os malandros vêem os outros personagens de seu convívio (*boys, manés, nóias, gansos*). O que transparece em seus depoimentos está, em grande parte, carregado de uma conotação negativa. Estes rapazes tentam sempre passar uma sensação de superioridade, mesmo em relação aos *boys*, dos quais tomam emprestado alguns elementos de seu estilo. A “fraqueza” destas *identidades designadas* pelos malandros aparece de diferentes formas: os *nóias* não conseguem “fazer a cabeça”, ou seja, controlar o uso das drogas; os *manés* são explorados e incapazes; os *boys* têm a vida fácil demais; e, para os malandros, os *gansos* descem tão baixo, que nem são considerados propriamente indivíduos, pois são desleais e “capachos” da polícia.

Já as *identidades tematizadas* consistem em um processo de emblematização dos aspectos que definem certa identidade com a finalidade, geralmente, de conseguir uma projeção social para atingir certas metas. No caso dos malandros, como seria esse processo de emblematização? Uma das formas de analisar essa situação da malandragem em particular, é que a sociedade trata o crime de forma ambígua, por um lado, critica toda transgressão às leis e toda forma de violência, mas, por outro lado, idealiza essa “vida bandida” através de filmes em que os “bandidos”, assumem o papel central, sendo suas ações valorizadas.

O próprio papel do crime nas sociedades complexas também é dúbio. As diferentes formas de controle na sociedade capitalista tentam, por um lado, reprimir os atos ilegais que trazem prejuízo (falsificações, furtos, vandalismo). De outro, não se pode descartar toda a movimentação financeira, de grandes

somas de dinheiro, vinculada ao mercado informal, ao contrabando e ao tráfico de drogas. A emblematização dos criminosos, de forma geral, não residiria na própria ideologia capitalista de que o dinheiro pode comprar tudo (liberdade, felicidade, projeção social), sem se questionar de onde ele veio?

Os rapazes pesquisados, ao se definirem pela identidade de malandros, acabam abrindo mão de uma série de outras possibilidades em suas vidas, na medida em que tentam estabelecer uma coerência entre suas ações e a sua imagem. Há uma contradição entre uma identidade limitadora que fantasia viver em liberdade e a liberdade como utopia, voltada para a ação do sujeito.

Percebeu-se, através dos depoimentos analisados, que a concepção que os malandros têm da liberdade é pragmática, pois está voltada para a ação no sentido de realização de coisas (sair, comprar, etc.). Não se cogita na liberdade de pensamento ou na liberdade de escolha, já que ser malandro é um fato consumado e inquestionável. É, também, individualista, visto que está voltada para a satisfação de cada um. Para a realização desta liberdade não estão incluídas nem mesmo as pessoas mais próximas, como a companheira ou a família.

Desta maneira, este individualismo reforça o caráter de sonho ou fantasia, já que é bem sabido que esta liberdade pregada pelos malandros de ir, vir e de agir não se concretiza, pois estão constantemente tentando escapar da polícia. Contrapõe-se, diretamente, a um ideal coletivo de liberdade como aquele defendido pelos anarquistas, de que todos juntos, respeitando os limites de cada um, atingiriam a liberdade plena. Esta última estaria no campo da utopia, no sentido de um projeto a ser seguido.

Partindo das considerações de Touraine (1999), a liberdade é um dos princípios fundamentais para a transformação da sociedade. Mas esta liberdade, diferentemente da concepção individualista dos malandros, deve surgir da inter-relação dos sujeitos. Visto desta forma, ao contrário do que os rapazes pesquisados apregoam, ser malandro não poderia ser encarado como uma forma concreta de viver em liberdade, pois o caminho por eles percorrido é, muitas vezes, estreito e sem volta.

A questão da liberdade, portanto, é bastante complexa, além de ser uma utopia, pode também ser entendida como um mito contemporâneo veiculado pela mídia (MORIN, 1981), ou seja, faz parte de um imaginário coletivo ainda

muito presente em nossa sociedade. Percebeu-se que essa idéia de liberdade também está presente nas experiências individuais dos malandros, é um sonho ou uma fantasia, fazendo parte do imaginário individual.

Os malandros, como uma de suas principais motivações, ingressam na criminalidade para terem uma vida de maiores liberdades, mas esta liberdade é mais sonhada do que vivida. Na verdade, suas opções de escolha são muito limitadas, seu universo de ação acaba reproduzindo elementos da mídia e da sociedade de consumo.

Estas trajetórias de vida “labirínticas” (Pais, 2001), vistas de perto, denotaram a própria complexidade do todo social, já que tanto suas práticas cotidianas, como os frutos de seu imaginário estão entremeados de questões que atormentam tantas outras vidas: a banalização da violência, a fragmentação do “eu”, o “vazio de referentes”, o individualismo exacerbado e a falta de projetos futuros.

Além do estabelecimento de hipóteses e da busca pelo seu esclarecimento delas, houve, durante o andamento desta pesquisa, uma série de questões formuladas, mas silenciadas por não condizerem a uma postura acadêmica. Uma delas, bastante ingênua, deve admitir-se, foi: “O crime, com muito dinheiro e pouco trabalho, compensa?”. Tendo em vista a realidade vivenciada por estes malandros, a resposta mais acertada seria não. Mesmo com a impunidade e a corrupção generalizada, estas trajetórias de vida, marcadas pela violência, pelo medo e carregadas de angústia, não podem ser consideradas como exemplo de uma vida melhor.

Apesar da ironia e do deboche terem sido marcas constantes em seus depoimentos, sempre recheados de piadas e alusões engraçadas, notou-se que a realidade era muitas vezes um fardo pesado demais para se carregar. Uma solução encontrada de alívio temporário era o uso da maconha, que tornavam as tardes mais amenas e despreocupadas.

Outra pergunta, presente no início, também escamoteada não pela sua inocência, mas pelo preconceito que transparecia, foi: “Será que os criminosos e os assassinos são desprovidos de sentimento e de culpa?”. O próprio andamento da pesquisa e a vivência com estes rapazes mostraram como essa pergunta era descabida. A consciência de que seus atos violentos não eram a melhor atitude a ser tomada aparece indiretamente na tentativa de justificá-los,

através do contexto em que foram realizados, como se dissessem: “*Uma situação extrema pede medidas extremas*”.

Mas esta lógica utilitarista não está presente apenas entre estes criminosos, agem da mesma maneira governantes, empresários, entre outros, que tomam decisões pensando somente na relação custo-benefício. Tem-se a impressão de que os malandros vivem em dois regimes distintos, a dimensão do que deve ser feito para manterem sua posição e a dimensão de sociabilidade, tanto na família, no amor ou entre os amigos.

Nesta dissertação, mais do que esclarecer hipóteses, buscou-se explorar os problemas da violência e da criminalidade, em sua complexidade. Dessa forma, mesmo depois de tanto trabalho, restaram mais perguntas do que respostas. Como buscar soluções para estas questões, se a visão que se tem delas é, na maioria das vezes, parcial ou distante, tão distante que se esquece o fato de que quem as realiza é tão humano quanto todos nós?

O crime, atualmente, pode ser considerado como mais um braço da acumulação capitalista e grande parte dos criminosos (os que acabam sendo presos) é sua mão-de-obra, como é o caso dos malandros. Tendo em vista esta complexa realidade em que o legal e o ilegal estão interconectados e os donos das grandes jogadas, a classe dirigente da “indústria do crime”, é praticamente inatingível, será que é possível estabelecer concretamente o que é crime e a melhor forma de combatê-lo?

As próprias noções de justiça e de um sistema judiciário eficiente necessitam ser problematizadas e revistas. É claro que deve haver punição para os criminosos, mas como? E, se a prisão, como é sabido por todos, é a “escola do crime”? Se a justiça é equivalência, como medir o mal causado pela perda de uma vida em anos de prisão ou, ainda, pelo assassinato calculado do assassino (pena de morte)?

Como reverter o processo apontado por Adorno (1986) de “*reificação do consciente*” (sempre parcial), presente nos criminosos e carrascos que os possibilita matar outros seres humanos, se esta *reificação* também está presente em toda a sociedade, já que, por motivos diversos, acaba-se igualando os seres humanos a coisas?

Estas questões ficaram para o final devido à sua importância e não poderiam ser omitidas, com a finalidade de tornar a dissertação um todo coeso

e fechado. Acredita-se que este trabalho foi mais um passo, dentre tantos outros, na tentativa de compreender a natureza humana, em tempos nada fáceis de serem vividos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ADORNO, T. W. (1986) *Educação após Auschwitz* IN COHN, G. **Theodor W. Adorno**, São Paulo: Editora Ática.
- AGIER, M. (2001). *Distúrbios Identitários em Tempo de Globalização*. In **Mana**, out., vol.7, no.2, p.7-33. ISSN 0104-9313.
- AUGÉ, M. (1998). **A guerra dos sonhos**. São Paulo: Papirus.
- BAIERL, L. F. (2003). **Personagens e enredos de cenas de medo e violência na cidade de Santo André (SP)**, Doutorado em Serviço Social, PUC/SP.
- BARREIRA, C. (1998). **Crimes por encomenda: violência e pistolagem no Cenário Brasileiro**, Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- BAUMAN, Z. (1999). **Globalização – As conseqüências humanas**, RJ: Jorge Zahar Editor.
- BRANT, V. C. (1994), **O trabalho encarcerado**, Rio de Janeiro: Forense.
- CALDEIRA, T. P. R. (1984), **A política dos outros – O cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**, São Paulo: Brasiliense.
- _____ (2003), **Cidade de Muros – Crime, segregação e cidadania em São Paulo**, São Paulo: Editora 34; EDUSP, 2ª ed.
- CASTELLS, M. (2000). **A era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, Volume 3: Fim de Milênio**, São Paulo: Paz e Terra.
- CELEM, R. (1983), **As relações sociais em prisão de tipo semi-aberta: uma experiência em Serviço Social**, São Paulo: Cortez.
- COELHO, E. C. (1987), **A oficina do diabo: crise e conflitos no sistema penitenciário do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro : Espaço e Tempo/IUPERJ.
- COSTA, A. F. (2002) *Identidades culturais urbanas em época de Globalização*. IN **Rev. Brasileira de Ciências Sociais**, Fev, vol.17, no.48, p.15-30.
- COSTA, M. R. (1999). *A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira?* IN **Revista São Paulo Perspectiva**, out./dez.1999, vol.13, nº4, p.3-12.
- _____, (1993), **Os “carecas do subúrbio”: caminhos de um nomadismo moderno**, Petrópolis: Vozes.
- D'ALLEVEDO, S. M. C. (2000). **Justiceiros: “Fé cega, faca amolada”**, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- DIÓGENES, G. (1999), *Grupos Identitários e fragmentação social: a violência como marca*. IN SANTOS, J. V. T. (org.), **Violência em Tempo de Globalização**, São Paulo: Hucitec, p.164-182.
- FONSECA, M. (2002). **Cartografia das Resistências: uma análise antropológica do Pavilhão Oito da Casa de Detenção de São Paulo**, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- FOUCAULT, M. (1975) **Vigiar e Punir**, Rio de Janeiro: Vozes.
- GOFFMAN, E. (1975). **Estigma – notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada**. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- GUAZZELLI, I. R. B. (2000), **A especificidade do Fato Moral em Habermas – O uso moral da Razão Prática**, publicado originalmente no Caderno de Filosofia, posteriormente revisto e ampliado, disponível em: http://www.sedes.org.br/Centros/Filosofia/fato_moral_em_habermas.htm

- HABERMAS, J. (1983) **Consciência Moral e Agir Comunicativo**, RJ: Tempo Brasileiro.
- _____ (1989) *Para O Uso Pragmático, Ético E Moral Da Razão Prática* IN **Estudos Avançados**, USP-SP, 3 (7:) 4 -19, set. / dez.
- HALL, S. (2003), **Da diáspora – Identidades e Mediações Culturais**, Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- _____ (2004). **A identidade cultural na Pós-modernidade**, RJ: DP&A ed., 2004, 9ªed.
- HARVEY, D. (1998) **Condição Pós-moderna**, SP: Edições Loyola, 7ª ed.
- LE BRETON, D. (2000). **Passions du Risque**. Édition mise à jour. Paris: Éditions Métaillee.
- LEMGRUBER, J. (1983), **Cemitério dos vivos: análise sociológica de uma prisão de mulheres**, Rio de Janeiro: Achiamé.
- LEVI, G. & SCHIMITT, J.-C. (orgs.) (1996). **História dos Jovens – Da Antigüidade à Era Moderna (vol.1)**, São Paulo: Companhia das Letras. (Introdução)
- LUCCIONI, G. *Introdução e A arca de Noé* IN **Atualidade do Mito**, São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- MARGULIS, M. (1997), **La Cultura de la Noche: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires**, Buenos Aires: Biblos, 1ª ed., 2ª reimpressão.
- MARTIN-BARÓ, I. (1989), **Sistema, Grupo y Poder**, UCA Editores, Aan Salvador, El Salvador, C.A..
- MATTA, R. (1981) **Carnavais, Malandros e Heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro**, Rio de Janeiro: Zahar, 3ª Ed.
- MICHAUD, Y. (1989), **A violência**, São Paulo: Ática.
- MISSE, M. (1999). **Malandros, marginais e vagabundos: a acumulação social da violência no Rio de Janeiro**, Tese de Doutorado em Sociologia, Rio de Janeiro: IUPERJ.
- MORIN, E. **O Método III – O conhecimento do Conhecimento/1**, Portugal: Publicações Europa-América, 1997 (1987/91), 2ª ed.
- _____ **Cultura de massa no século XX. Espírito do Tempo 1: neurose**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- _____. **Cultura de massa no século XX. Espírito do Tempo 2: necrose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.
- PAIS, J. M. (2001). **Ganchos, Tachos e Biscates**, Porto: Âmbar.
- _____ (2003). **Vida Cotidiana: enigmas e revelações**, São Paulo: Cortez.
- PAIXÃO, A. L. (1987), **Recuperar ou punir? - Como o estado trata o criminoso**, São Paulo, Cortez Editora.
- PEIXOTO, B. T., LIMA, R. S. e DURANTE, M. O. *Metodologias e criminalidade violenta no Brasil*. IN **Revista São Paulo Perspectiva**, Mar 2004, vol.18, nº 1, p.13-21.
- PIRES, E. N. (2004) **Juventude, Lazer e Sociabilidade: trajetos e percursos na noite**, Doutorado em Ciências Sociais, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – SP.
- RAMALHO, J. R. (1983), **Mundo do crime: a ordem pelo avesso**. Rio de Janeiro: Editora Graal.
- SANTOS, E. M. (2003), **A violência diletante: um estudo sobre as brigas juvenis no contexto do lazer**, Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo.

TORRES, H. G. et alii (2003), *Pobreza e Espaço: padrões de segregação em São Paulo*, IN **Revista do Instituto de Estudos Avançados**, IEA-USP, 17 (47), Disponível em: www.centrodametropole.org.br/textos.html.

TOURAINÉ, A. (1999) **Crítica da Modernidade**, Petrópolis, Vozes, 6ª ed.

WASELFISZ, J. J. (2002) **Mapa da Violência III, Os Jovens do Brasil – Juventude, violência e cidadania**, Brasília: UNESCO.

WISNIK, J. M. (2005), **Malandragem**, disponível em: <http://www.mre.gov.br/cdbrasil/itamaraty/web/port/artecult/musica/tnescrit/maland/>

ZALUAR, A. (1999) *A Globalização do Crime e os limites da explicação local* IN

SANTOS, J. V. T. (org.), **Violência em Tempo de Globalização**, São Paulo: Hucitec, p.91-101.

ANEXO A – Ópera do Malandro**O malandro**

Kurt Weill - Bertolt Brecht -

versão livre de Chico Buarque/1977-1978

Para a peça *Ópera do malandro*, de Chico Buarque

O malandro/Na dureza

Senta à mesa/Do café

Bebe um gole/De cachaça

Acha graça/E dá no pé

O garçom/No prejuízo

Sem sorriso/Sem freguês

De passagem/Pela caixa

Dá uma baixa/No português

O galego/Acha estranho

Que o seu ganho/Tá um horror

Pega o lápis/Soma os canos

Passa os danos/Pro distribuidor

Mas o frete/Vê que ao todo

Há engodo/Nos papéis

E pra cima/Do alambique

Dá um trambique/De cem mil réis

O usineiro/Nessa luta

Grita (ponte que partiu)

Não é idiota/Trunca a nota

Lesou o Banco/Do Brasil

Nosso banco/Tá cotado

No mercado/Exterior

Então taxa/A cachaça

A um preço/Assustador

Mas os ianques/Com seus tanques

Têm bem mais o/Que fazer

E proíbem/Os soldados

Aliados/De beber

A cachaça/Tá parada

Rejeitada/No barril

O alambique/Tem chique

Contra o Banco/Do Brasil

O usineiro/Faz barulho

Com orgulho/De produtor

Mas a sua/Raiva cega

Descarrega/No carregador

Este chega/Pro galego
Nega arreglo/Cobra mais
A cachaça/Tá de graça
Mas o frete/Como é que faz?

O galego/Tá apertado
Pro seu lado/Não tá bom
Então deixa/Congelada
A mesada/Do garçon

O garçon vê/Um malandro
Sai gritando/Pega ladrão
E o malandro/Autuado
É julgado e condenado culpado
Pela situação

Fonte: 1977 © by Cara Nova Editora Musical Ltda. Av. Rebouças, 1700 CEP 057402-200 - São Paulo – SP

Disponível em: <http://www.chicobuarque.com.br/letras/>

ANEXO B – Periódicos consultados para a Pesquisa:

- CASTRO, M. **Perueiro e cobrador são mortos em assalto em São Paulo**. Folha Online, SP, 21 jan. 2003. Caderno Cotidiano, 09h02.
- CAVENAGUI, L. **Máfia de perueiros pode ter matado dois e ferido 8 em SP**. Folha Online, SP, 22 jan. 2001. Caderno Cotidiano, 09h56.
- DANTAS, I. e MICHAEL, A. **Testemunha revela organização do crime**. Folha de S. Paulo, SP, 01 jun. 2003. Caderno Cotidiano, p.22.
- Da reportagem local. **Operação policial prende suspeitos de tráfico de armas e de drogas**. Folha Online, SP, 22 ago. 2005. Caderno Cotidiano, 12h17.
- Da reportagem local, **Polícia apura elo entre morte de casal e chacina**. Folha de S. Paulo, SP, 17 maio 2005. Caderno Cotidiano, Panorâmica, p.11.
- Da reportagem local. **Passagem Extra**. Folha de S. Paulo, SP, 30 jul. 2005. Caderno cotidiano, p.20.
- Da reportagem local. **PM e bombeiro são presos acusados de matar ex-policial no Rio**. Folha Online, SP, 13 jun. 2003. Caderno Cotidiano, 10h39.
- Da reportagem local. **Marta diz que perueiros podem estar ligados ao narcotráfico**. Folha Online, SP, 09 mar. 2001. Caderno Cotidiano, 18h02.
- Da reportagem local. **Perueiros devem seguir para a Câmara Municipal**. Folha Online, SP, 21 jan. 2003. Caderno Cotidiano, 09h46.
- Da sucursal de Campinas. **Confronto de perueiros termina em assassinato em Sumaré (SP)**. Folha Online, SP, 28 maio 2002. Caderno Cotidiano, 10h25.
- Da sucursal de Campinas, **Suspeito de assaltar perueiros é linchado e morre em Campinas**, Folha Online, São Paulo, 19 out. 2002. Caderno Cotidiano, 14h57.
- Da sucursal do Rio. **Mais um cadáver é encontrado no Vidigal**. Folha de S. Paulo, SP, 02 mar. 2005. Caderno Cotidiano, p.13.
- Da sucursal do Rio. **PMs são presos após serem filmados recebendo propina do tráfico no Rio**. Folha de São Paulo, SP, 16 set. 2005. Caderno Cotidiano, p.16.
- Do "Agora". **Dupla mata guarda-civil em base de Cotia**. Folha de S. Paulo, SP, 30 jun. 2005. Caderno Cotidiano, p.10.
- Do "Agora". **Pedestre é baleado em perseguição a ladrão**. Folha de São Paulo, SP, 02 ago. 2004. Caderno Cotidiano, p.13.
- Do "Agora São Paulo". **Diadema começa a expulsar perueiros**. Folha Online, SP, 09 fev. 2001. Caderno Cotidiano, 06h14.
- EIRÓS, M. **Delegado pede afastamento após denúncias de corrupção policial**. Folha Online, SP, 22 nov 2003, Caderno Cotidiano 03h11.
- FUTEMA, F. **Marta acusa "máfia dos transportes" de querer bagunçar bilhete único**. Folha Online, SP, 21 jul. 2004. Caderno Cotidiano, 19h37.
- HISAYASU, A. **Latrocínio aumenta 85% na cidade de São Paulo**. Folha de São Paulo, SP, 02 ago 2005. Caderno Cotidiano, p.10.
- IZIDORO, A. **Perueiros se tornam elite na periferia de SP**. Folha de S. Paulo, SP, 31 jan. 2005. Caderno Cotidiano, p.01.
- IZIDORO, A. e GOIS, C. **Perueiros "lotearam" áreas em licitação na cidade de SP**. Folha de S.Paulo, SP, 01 set. 2003. Caderno Cotidiano, p.01.
- IZIDORO, A. e LIMA, I. M. **Procurador e secretário trocam acusações em SP**. Folha de S.Paulo, SP, 07 jan. 2004. Caderno Cotidiano, p.09.

- LIZA JR, C. **Tráfico e transporte são investigados na região de Campinas.** Folha Online, SP, 24 maio 2003. Caderno Cotidiano, 15h18.
- OLIVEIRA, E. **Quadrilhas criam "mercado" para matadores.** Folha de S. Paulo, SP, 26 out. 2003. Caderno Cotidiano, p.06.
- PENTEADO, G. **Crescem denúncias de corrupção policial.** Folha de São Paulo, SP, 29 abril 2004. Caderno Cotidiano, p.29.
- PENTEADO, G. **Polícia Fora da Lei: Juiz pede fim de inquérito sobre secretário.** Folha de S. Paulo, SP, 03 fev. 2005. Caderno Cotidiano, p.13.
- PENTEADO, G. **E-mail falso altera lista de foragidos.** Folha Online, SP, 05 abril 2005. Caderno Cotidiano, 10h00.
- RAMOS, V. e PENTEADO, G. **Preso suspeito de torturar e matar família,** Folha de S. Paulo, SP, 13 set. 2005. Caderno Cotidiano, p.01.
- SANTIAGO, R. e IZIDORO, A. **Morte reacende rixa entre ônibus e peruas.** Folha de S. Paulo, SP, 20/08/2005. Caderno Cotidiano, p.01.
- SCHIVARTCHE, F. **PT juntou crime e lotações, diz Serra.** Folha de S. Paulo, SP, 25 jul. 2005. Caderno Cotidiano, p.04.
- SCHIVARTCHE, F. e IZIDORO, A. **Gestão Marta dribla auditoria desde março.** Folha de S. Paulo, SP, 18 dez. 2004. Caderno Cotidiano, p. 01.
- TATSCH, C. **Funcionários da SPTrans são mortos depois de fiscalização a perueiros.** Folha Online, SP, 23 fev. 2002. Caderno Cotidiano, 20h27.
- VIANNA, D. **Cobrador de lotação morre e perueiros acusam Guarda Civil.** Folha Online, SP, 14 jan 2002. Caderno Cotidiano, 21h38.

FIGURA 1 – Mapa Político-Administrativo do Município de São Paulo

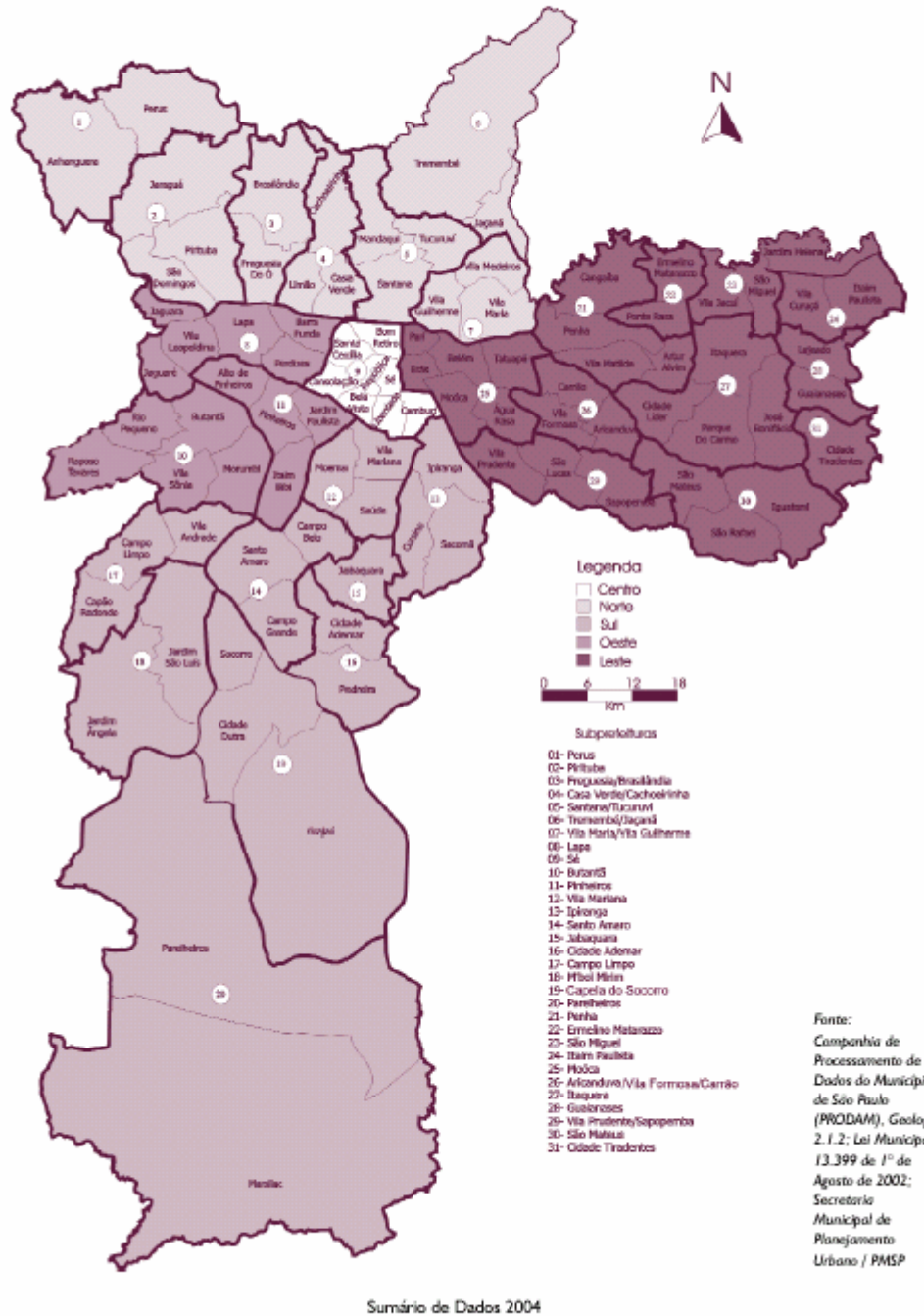
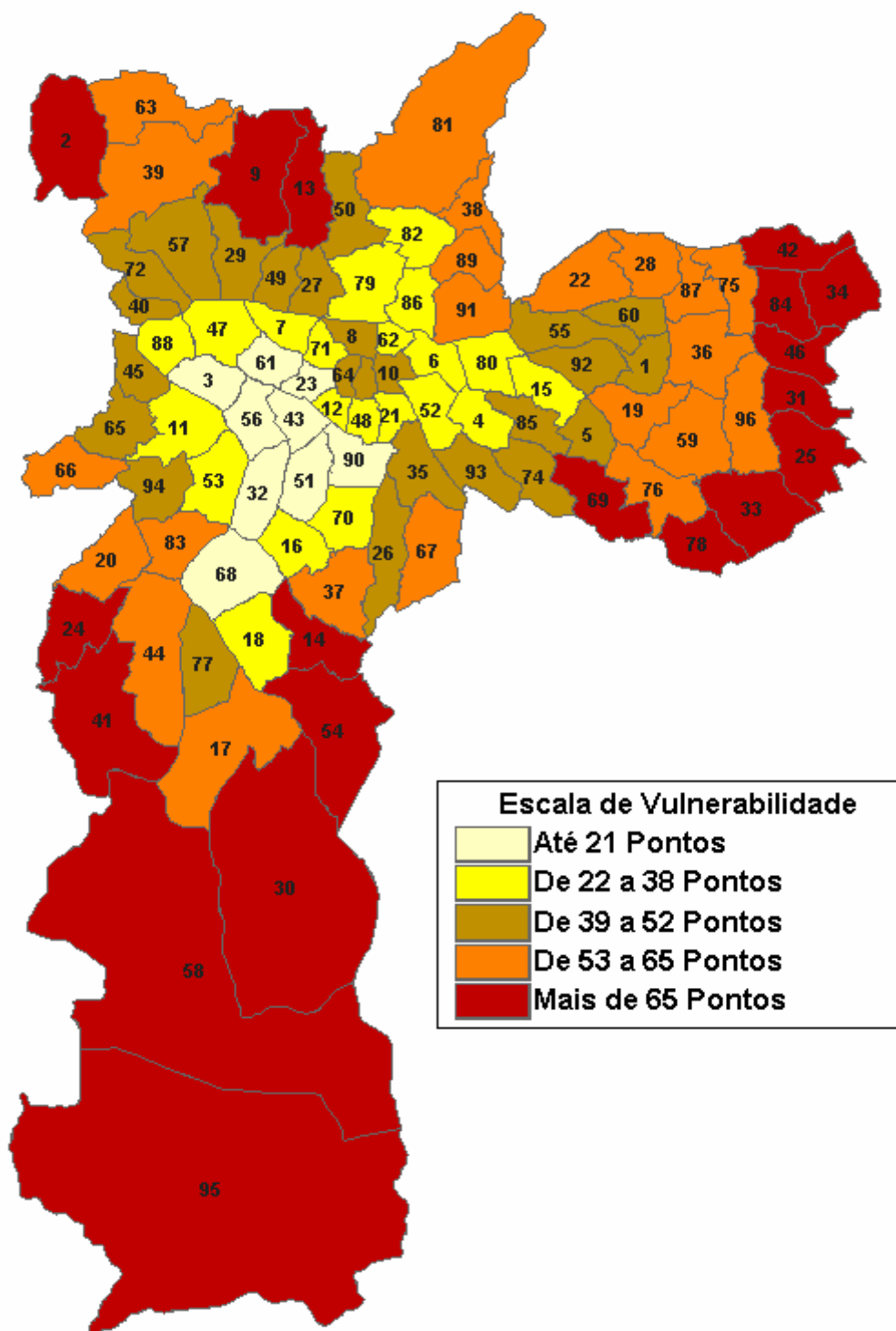
Disponível em: http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/governo/sumario_dados/0003

FIGURA 2 – Mapa da Vulnerabilidade Juvenil (IVJ)
(Divisão por distritos)



Os distritos que compõem o extremo leste do Município de São Paulo são: Cidade Tiradentes (25), Guainases (31), Iguatemi (33), Itaim Paulista (34), Jardim Helena (42), Lajeado (46), São Rafael (78) e Vila Curuçá (84).

Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/ivj/index.php>

TABELAS - Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) da Fundação SEADE

Tabela 1

Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (IPVS) em Porcentagem sobre a População Total

Localidade	Distribuição da População (em porcentagem)						
	Distribuição da População (%) 1 - Nenhuma Vulnerabilidade (2000)	Distribuição da População (%) 2 - Muito Baixa (2000)	Distribuição da População (%) 3 - Baixa (2000)	Distribuição da População (%) 4 - Média (2000)	Distribuição da População (%) 5 - Alta (2000)	Distribuição da População (%) 6 - Muito Alta (2000)	Distribuição da População (%) Total (2000)
Cidade	0,4	2,7	23,0	57,8	4,0	12,1	100,0
Tiradentes	-	0,7	24,1	45,7	9,1	20,4	100,0
Guaianases	0,5	5,0	29,3	41,2	10,0	14,0	100,0
Itaim Paulista	2,0	11,2	34,4	31,7	9,4	11,4	100,0
São Mateus	0,1	10,1	37,1	31,1	6,3	15,2	100,0
São Miguel	13,9	26,8	24,1	22,3	3,4	9,5	100,0

Fonte : Fundação Seade; Fundação IBGE. Censo Demográfico 2000.

Nota: Foram excluídos os setores censitários sem informação devido ao sigilo estatístico.

(-) Fenômeno inexistente.

(1) Anexado ao Grupo 2 - Muito Baixo, por pouca representatividade desse grupo.

Disponível em: http://www.al.sp.gov.br/web/ipvs/index_ipvs.htm

Tipologia:

Grupo 1 – nenhuma vulnerabilidade: situação socioeconômica muito alta (níveis altos de escolaridade e renda); famílias pequenas, poucas crianças pequenas (0 a 4 anos). O ciclo de vida não é definidor, mas os responsáveis são geralmente mais velhos.

Grupo 2 – vulnerabilidade muito baixa: dimensão socioeconômica média ou alta, com famílias mais velhas.

Grupo 3 – vulnerabilidade baixa: socioeconomicamente, apresentam níveis altos ou médios, com famílias jovens ou adultas. Estão em 3º lugar quanto à renda e à escolaridade.

Grupo 4 – vulnerabilidade média: apresentam, na dimensão socioeconômica, níveis médios. Os responsáveis estão em 4º lugar na escala quanto à renda e escolaridade. Apresenta um considerável número de famílias jovens (pais com menos de 30 anos) e de crianças pequenas.

Grupo 5 – Vulnerabilidade alta: são os piores índices de renda e escolaridade, tendo a pior situação socioeconômica, mas com famílias mais velhas (adultas ou idosas), poucas crianças pequenas.

Grupo 6 - Vulnerabilidade muito alta: estão nas mesmas condições socioeconômicas do grupo 5, mas é composto por famílias jovens, com presença significativa de crianças pequenas.

Tabela 2

Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (Em porcentagem)

Localidade	Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%) 1 - Nenhuma Vulnerabilidade (2000)	Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%) 2 - Muito Baixa (2000)	Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%) 3 - Baixa (2000)	Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%) 4 - Média (2000)	Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%) 5 - Alta (2000)	Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%) 6 - Muito Alta (2000)	Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%) 7 - Total (2000)
Cidade							
Tiradentes	23,8	33,3	32,4	30,2	34,9	28,9	30,8
Guaianases	-	34,3	27,0	24,8	27,0	23,6	25,4
Itaim Paulista	24,7	27,2	25,9	27,5	28,2	28,6	27,2
São Mateus	17,0	23,5	21,6	19,3	24,3	23,6	21,4
São Miguel	25,7	28,5	26,1	24,2	28,3	24,1	25,6
São Paulo	32,6	30,7	28,2	25,7	28,8	27,1	29,1

Fonte : Fundação Seade; Fundação IBGE. Censo Demográfico 2000.

Nota: Foram excluídos os setores censitários sem informação devido ao sigilo estatístico.

(-) Fenômeno inexistente.

(1) Anexado ao Grupo 2 - Muito Baixo, por pouca representatividade desse grupo.

Disponível em: http://www.al.sp.gov.br/web/ipvs/index_ipvs.htm

Tabela 3

Responsáveis pelos Domicílios com Idade entre 10 e 29 Anos (Em porcentagem)

Localidade	Responsáveis pelos Domicílios com Idade entre 10 e 29 Anos (%) 1 - Nenhuma Vulnerabilidade (2000)	Responsáveis pelos Domicílios com Idade entre 10 e 29 Anos (%) 2 - Muito Baixa (2000)	Responsáveis pelos Domicílios com Idade entre 10 e 29 Anos (%) 3 - Baixa (2000)	Responsáveis pelos Domicílios com Idade entre 10 e 29 Anos (%) 4 - Média (2000)	Responsáveis pelos Domicílios com Idade entre 10 e 29 Anos (%) 5 - Alta (2000)	Responsáveis pelos Domicílios com Idade entre 10 e 29 Anos (%) 6 - Muito Alta (2000)	Responsáveis pelos Domicílios com Idade entre 10 e 29 Anos (%) 7 - Total (2000)
Cidade							
Tiradentes	27,2	8,3	14,2	21,5	12,1	24,3	19,5
Guaianases	-	9,1	16,0	22,7	14,9	23,1	20,3
Itaim Paulista	24,7	10,3	15,1	21,3	15,4	23,0	18,5
São Mateus	13,3	10,3	14,9	23,4	14,1	23,9	17,9
São Miguel	17,5	9,3	15,2	22,7	15,7	26,0	18,4
São Paulo	9,9	8,5	14,8	23,1	14,9	25,6	14,8

Fonte : Fundação Seade; Fundação IBGE. Censo Demográfico 2000.

Nota: Foram excluídos os setores censitários sem informação devido ao sigilo estatístico.

(-) Fenômeno inexistente.

(1) Anexado ao Grupo 2 - Muito Baixo, por pouca representatividade desse grupo.

Disponível em: http://www.al.sp.gov.br/web/ipvs/index_ipvs.htm

Tabela 4

Responsáveis com Renda até 3 Salários Mínimos

Localidade	Responsáveis com Renda até 3 Salários Mínimos 1 - Nenhuma Vulnerabilidade (2000)	Responsáveis com Renda até 3 Salários Mínimos 2 - Muito Baixa (2000)	Responsáveis com Renda até 3 Salários Mínimos 3 - Baixa (2000)	Responsáveis com Renda até 3 Salários Mínimos 4 - Média (2000)	Responsáveis com Renda até 3 Salários Mínimos 5 - Alta (2000)	Responsáveis com Renda até 3 Salários Mínimos 6 - Muito Alta (2000)	Responsáveis com Renda até 3 Salários Mínimos 7 - Total (2000)
Cidade	13,4	43,9	48,6	54,5	67,3	75,2	55,5
Tiradentes	-	44,2	51,9	59,1	66,5	71,1	60,2
Guaianases	19,9	40,7	50,6	59,3	69,5	74,6	58,5
Itaim Paulista	10,0	38,2	42,7	56,6	65,6	73,7	51,1
São Mateus	25,1	38,4	47,6	57,6	63,9	76,5	54,8
São Miguel	9,6	31,6	41,9	56,7	65,6	73,9	40,1
São Paulo							

Fonte : Fundação Seade; Fundação IBGE. Censo Demográfico 2000.

Nota: Foram excluídos os setores censitários sem informação devido ao sigilo estatístico.

(-) Fenômeno inexistente.

(1) Anexado ao Grupo 2 - Muito Baixo, por pouca representatividade desse grupo.

Disponível em: http://www.al.sp.gov.br/web/ipvs/index_ipvs.htm

Tabela 5

Crianças de 0 a 4 Anos no Total de Residentes (Em porcentagem)

Localidade	Crianças de 0 a 4 Anos no Total de Residentes (%) 1 - Nenhuma Vulnerabilidade (2000)	Crianças de 0 a 4 Anos no Total de Residentes (%) 2 - Muito Baixa (2000)	Crianças de 0 a 4 Anos no Total de Residentes (%) 3 - Baixa (2000)	Crianças de 0 a 4 Anos no Total de Residentes (%) 4 - Média (2000)	Crianças de 0 a 4 Anos no Total de Residentes (%) 5 - Alta (2000)	Crianças de 0 a 4 Anos no Total de Residentes (%) 6 - Muito Alta (2000)	Crianças de 0 a 4 Anos no Total de Residentes (%) 7 - Total (2000)
Cidade	11,9	7,8	9,3	12,4	9,6	13,9	11,7
Tiradentes	-	7,0	9,5	12,0	9,8	12,3	11,2
Guaianases	11,7	7,2	9,3	11,5	10,1	12,9	10,7
Itaim Paulista	10,4	6,6	8,5	12,3	9,6	13,1	10,2
São Mateus	11,1	6,7	8,9	11,6	9,8	13,8	10,3
São Miguel	5,4	5,7	8,4	11,5	9,6	13,1	8,4
São Paulo							

Fonte : Fundação Seade; Fundação IBGE. Censo Demográfico 2000.

Nota: Foram excluídos os setores censitários sem informação devido ao sigilo estatístico.

(-) Fenômeno inexistente.

(1) Anexado ao Grupo 2 - Muito Baixo, por pouca representatividade desse grupo.

Disponível em: http://www.al.sp.gov.br/web/ipvs/index_ipvs.htm